



NOVAS RELIQUIAS

MACHADO DE ASSIS

(DA ACADEMIA BRASILEIRA)

NOVAS RELIQUIAS

Machado de Assis
1932
4

EDITORIA GUANABARA
WAISSMAN, KOOGAN LTDA.
RUA DOS OURIVES, 95 — RIO

PREFÁCIO

Em 1906 publicou Machado de Assis as suas *Relíquias de Casa Velha*, a que o carinho de Mario de Alencar deu por companheiras, em 1920, *Outras relíquias*, coleção póstuma, em prosa e verso, de vários escritos do Mestre.

«Na mina do ouro, e na casa do ourives», dizia o clássico d. Francisco Manuel de Mello, «até as varreduras são de vinte e quatro quilates». Assim pensando, foi que da opulenta oficina do mágico joalheiro do verso e discreto ourives da prosa, — o immortal autor das *Falenas* e de *Braz Cubas*, — recolhemos algumas aparas, enfeixando neste volume vários dos seus trabalhos, que jaziam esquecidos e dispersos.

São fantasias, artigos de crítica literária e dramática, um punhado de versos... Em tudo isso, porém, já nos aparece o prosador escrupuloso, o espírito atilado, o poeta amavel, e admiramos o aticismo da frase, o sorriso do filósofo, e, sobre tudo, a excelência do crítico, que, entremostrando falhas ou louvando méritos, estuda e analisa livros e autores, sem vitupério azêdo nem louvor excessivo, aplaudindo com medida os consagrados, animando paternal os estreantes. Para estes tem até conselhos de irmão mais velho, guiando-os em suas tentativas literárias, ainda incertos e vacilantes.

As poesias, aqui recolhidas, são da primeira fase do poeta; mas, ainda assim, não desmerecem a fama do cantor de *Corina*. Delatam quasi todas o romantismo da época, e o próprio byronismo aí tem o seu tributo na ode ao *Cognac*, que faz lembrar ao leitor o *Charuto*, de Alvares de Azevedo.

Enfim, *outras relíquias*, mas relíquias de palácio opulento, que todas têm cada uma o seu valor, a que o tempo imprime, ademais, carinho e veneração.

OS EDITORES

FANTASIAS

UM CÃO DE LATA AO RABO

Era uma vez um mestre-escola, residente em Chapéu d'Uvas, que se lembrou de abrir entre os alunos um torneio de composição e de estilo; idéa útil, que não sómente afiou e desafiou as mais diversas ambições literárias, como produziu páginas de verdadeiro e raro merecimento.

— Meus rapazes, disse ele. Chegou a ocasião de brilhar e mostrar que podem fazer alguma coisa. Abro o concurso, e dou quinze dias aos concorrentes. No fim dos quinze dias, quero ter em minha mão os trabalhos de todos; escolherei um júri para os examinar, comparar e premiar.

— Mas o assunto? perguntaram os rapazes batendo palmas de alegria.

— Podia dar-lhes um assunto histórico; mas seria fácil, e eu quero experimentar a aptidão de cada um. Dou-lhes um assunto simples, aparentemente vulgar, mas profundamente filosófico.

— Diga, diga!

— O assunto é este: — *um cão de lata ao rabo*. Quero vê-los brilhar com opulências de linguagem

e atrevimentos de idéa. Rapazes, á obra! Claro é que cada um pode apreciá-lo conforme o entender.

O mestre-escola nomeou um júri, de que eu fiz parte. Sete escritos foram submetidos ao nosso exame. Eram geralmente bons; mas tres, sobretudo, mereceram a palma e encheram de pasmo o júri e o mestre, tais eram — neste o arrôjo do pensamento e a novidade do estilo, — naquele a pureza da linguagem e a solenidade acadêmica, — naquele outro a erudição rebuscada e técnica, — tudo novidade, ao menos em Chapéu d’Uvas. Nós os classificámos pela ordem do mérito e do estilo. Assim, temos:

- 1.º Estilo antitético e asmático.
- 2.º Estilo *ab ovo*.
- 3.º Estilo largo e clássico.

Para que o leitor fluminense julgue por si mesmo de tais méritos, vou dar adiante os referidos trabalhos, até agora inéditos, mas já agora sujeitos ao aprêço público.

I

ESTILO ANTITÉTICO E ASMÁTICO

O cão atirou-se com ímpeto. Fisicamente, o cão tem pés, quatro; moralmente, tem azas, duas. Pés: ligeireza na linha reta. Azas: ligeireza na linha ascencional. Duas fôrças, duas funções. Espádua de anjo no dorso de uma locomotiva.

Um menino atára a lata ao rabo do cão. Que é o rabo? Um prolongamento e um deslumbramento. Esse apêndice, que é carne, é também um clarão. Di-lo a filosofia? Não; di-lo a etimologia. Rabo, rabino: duas idéas e uma só raiz.

A etimologia é a chave do passado, como a filosofia é a chave do futuro.

O cão ia pela rua fóra, a dar com a lata nas pedras. A pedra faiscava, a lata retinia, o cão voava. Ia como o raio, como o vento, como a idéa. Era a revolução, que transtorna, o temporal que derruba, o incêndio que devora. O cão devorava. Que devorava o cão? O espaço. O espaço é comida. O céu pôs esse transparente manjar ao alcance dos impetuosos. Quando uns jantam e outros jejuam; quando, em opposição ás toalhas da casa nobre, ha os andrajos da casa pobre; quando em cima as garrafas choram *lacrima-christi*, e em baixo os olhos choram lágrimas de sangue, Deus inventou um banquete para a alma. Chamou-lhe espaço. Esse imenso azul, que está entre a creatura e o creador, é o caldeirão dos grandes famintos. Caldeirão azul: antinomia, unidade.

O cão ia. A lata saltava como os guizos do arlequim. De caminho envolveu-se nas pernas de um homem. O homem parou; o cão parou: pararam diante um do outro. Contemplação única! *Homo, canis*. Um parecia dizer:— Liberta-me! O outro parecia dizer:— Afasta-te! Após alguns instantes, recuaram ambos; o quadrúpede deslaçou-se

do bípede. *Canis* levou a sua lata; *homo* levou a sua vergonha. Divisão equitativa. A vergonha é a lata ao rabo do character.

Então, ao longe, muito longe, troou alguma coisa funesta e misteriosa. Era o vento, era o furacão que sacudira as algemas do infinito e rugia como uma imensa pantera. Após o rugido, o movimento, o ímpeto, a vertigem. O furacão vibrou, uivou, grunhiu. O mar calou o seu tumulto, a terra calou a sua orquestra. O furacão vinha retorcendo as árvores, essas tórres da natureza, vinha abatendo as tórres, essas árvores da arte; e rolava tudo, e aturdiava tudo, e ensurdecia tudo. A natureza parecia atônita de si mesma. O condor, que é o colibri dos Andes, tremia de terror, como o colibri, que é o condor das rosas. O furacão igualava o píncaro e a base. Diante dele o máximo e o mínimo eram uma só coisa: nada. Alçou o dedo e apagou o sol. A poeira cercava-o todo; trazia poeira adiante, atrás, á esquerda, á direita; poeira em cima, poeira em baixo. Era o redomoínho, a convulsão, o arrazamento.

O cão, ao sentir o furacão, estacou. O pequeno parecia desafiar o grande. O finito encarava o infinito, não com pasmo, não com medo; — com desdem. Essa espera do cão tinha alguma coisa de sublime. Ha no cão que espera uma expressão semelhante á tranquilidade do leão ou á fixidez do deserto. Parando o cão, parou a lata. O furacão viu de longe esse inimigo quieto; achou-o sublime

e desprezível. Quem era ele para o afrontar? A um quilómetro de distância, o cão investiu para o adversário. Um e outro entraram a devorar o espaço, o tempo, a luz. O cão levava a lata, o furacão trazia a poeira. Entre eles, e em redor deles, a natureza ficara extática, absorta, atônita.

Súbito grudaram-se. A poeira redomoinhou, a lata retiniu com o fragor das armas de Aquiles. Cão e furacão envolveram-se um no outro; era a raiva, a ambição, a loucura, o desvario; eram todas as fôrças, todas as doenças; era o azul, que dizia ao pó: és baixo; era o pó, que dizia ao azul: és orgulhoso. Ouvia-se o rugir, o latir, o retinir; e por cima de tudo isso, uma testemunha impassível, o Destino; e por baixo de tudo isso, uma testemunha visível, o Homem.

As horas voavam como folhas num temporal. O duelo prosseguia sem misericórdia nem interrupção. Tinha a continuidade das grandes cóleras. Tinha a persistência das pequenas vaidades. Quando o furacão abria as largas azas, o cão arreganhava os dentes agudos. Arma por arma; afronta por afronta; morte por morte. Um dente vale uma aza. A aza buscava o pulmão para sufocá-lo; o dente buscava a aza para destruí-la. Cada uma dessas duas espadas implacáveis trazia a morte na ponta.

De repente, ouviu-se um estouro, um gemido, um grito de triunfo. A poeira subiu, o ar clareou, e o terreno do duelo apareceu aos olhos do ho-

mem estupefacto. O cão devorára o furacão. O pó vencera o azul. O mínimo derrubára o máximo. Na frente do vencedor havia uma aurora; na do vencido negrejava uma sombra. Entre ambos jazia, inútil, uma coisa: a lata.

II

ESTILO « AB OVO »

Um cão saíu de lata ao rabo. Vejamos primeiramente o que é o cão, o barbante e a lata; e vejamos si é possível saber a origem do uso de pôr uma lata ao rabo do cão.

O cão nasceu no sexto dia. Com efeito, achamos no *Genesis*, cap. I, v. 24 e 25, que, tendo creado na véspera os peixes e as aves, Deus creou naquele dia as bestas da terra e os animais domésticos, entre os quais figura o de que ora trato.

Não se pôde dizer com acêrto a data do barbante e da lata. Sôbre o primeiro, encontramos no *Exodo*, cap. XXVII, v. 1, estas palavras de Jeová: « Farás dez cortinas de linho retorcido... »; donde se pôde inferir que já se torcia o linho, e por conseguinte se usava o cordel. Da lata as induções são mais vagas. No mesmo livro do *Exodo*, cap. XXVII, v. 3, fala o profeta em *caldeiras*; mas logo adiante recomenda que sejam de cobre. O que não é o nosso caso.

Seja como fôr, temos a existência do cão, provada pelo *Genesis*, e a do barbante citada com verossimilhança no *Exodo*. Não havendo prova cabal da lata, podemos crer, sem absurdo, que existe, visto o uso que dela fazemos.

Agora:— donde vem o uso de atar uma lata ao rabo do cão? Sôbre este ponto a história dos povos semíticos é tão obscura como a dos povos arianos. O que se pôde afiançar é que os Hebreus não o tiveram. Quando David (*Reis*, cap. V, v. 16) entrou na cidade a bailar defronte da arca, Micol, a filha de Saul, que o viu, ficou fazendo má idéa dele, por motivo dessa expansão coreográfica. Concluo que era um povo triste. Dos Babilônios supinho a mesma coisa, e a mesma dos Cananeus, dos Jabuseus, dos Amorreus, dos Filisteus, dos Fariseus, dos Heteus e dos Heveus.

Nem admira que êsses povos desconhecêssem o uso de que se trata. As guerras que traziam não davam lugar á criação do município, que é de data relativamente moderna; e o uso de atar a lata ao cão, ha fundamento para crer que é contemporaneo do município, porquanto nada menos é que a primeira das liberdades municipais.

O município é o verdadeiro alicerce da sociedade, do mesmo modo que a família o é do município. Sôbre este ponto estão de acôrdo os mestres da ciência. Daí vem que as sociedades remo-

tíssimas, si bem tivessem o elemento da família e o uso do cão, não tinham nem podiam ter o de atar a lata ao rabo desse digno companheiro do homem, por isso que lhe faltava o município e as liberdades correlatas.

Na *Iliada* não ha episódio algum que mostre o uso da lata atada ao cão. O mesmo direi dos Vedas, do Popol-Vuh e dos livros de Confúcio. Num hino a Varuna (*Rig-Veda*, cap. I, v. 2), fala-se em um «cordel atado em baixo». Mas não sendo as palavras postas na boca do cão, e sim do homem, é absolutamente impossivel ligar esse texto ao uso moderno.

Que os meninos antigos brincavam, e de modo vário, é ponto incontroverso, em presença dos autores. Varrão, Cícero, Aquiles, Aulo Gélio, Suetônio, Higino, Propércio, Marcial, falam de diferentes objetos com que as crianças se entretinham, ou fôsem bonecos, ou espadas de pau, ou bólas, ou análogos artefícios. Nenhum deles, entretanto, diz uma só palavra do cão de lata ao rabo. Será crível que, si tal gênero de divertimento houvera entre Romanos e Gregos, nenhum autor nos dêsse dele alguma notícia, quando o facto de haver Alcibiades cortado a cauda de um cão seu é citado solenemente no livro de Plutarco?

Assim explorada a origem do uso, entrarei no exame do assunto que... (*Não houve tempo para concluir*).

III

ESTILO LARGO E CLÁSSICO

Larga messe de louros se oferece ás inteligências altíloquas, que, no prélio agora encetado, tem de terçar armas, temperadas e finas, ante o illustre mestre e guia de nossos trabalhos; e porquanto os apoucamentos do meu espírito me não permitem justar com glória, e quiçá me condenam a pronto desbaratamento, contento-me em seguir de longe a trilha dos vencedores, dando-lhes as palmas da admiração.

Manha foi sempre da puerícia atar uma lata ao apêndice posterior do cão: e essa manha, não por certo louvavel, é quasi certo que a tiveram os párvulos de Atenas, não obstante ser a abelha mestra da antiguidade, cujo mel ainda hoje gosta o paladar dos sabedores.

Tinham alguns infantes, por brinco e gala, atado uma lata a um cão, dando assim folga a aborrecimentos e enfados de suas tarefas escolares. Sentindo a mortificação do barbante, que lhe prendia a lata, e assustado com o soar da lata nos seixos do caminho, o cão ia tão cego e desvairado, que a nenhuma coisa ou pessoa parecia atender.

Movidos da curiosidade, acudiam os vizinhos ás portas de suas vivendas, e, longe de sentirem a compaixão natural do homem quando vê padecer outra criatura, dobravam os agastamentos do cão

com surriadas e vaias. O cão perlustrou as ruas, saiu aos campos, aos andurriais, até entestar com uma montanha, em cujos alcantilados píncaros desmaiava o sol, e ao pé de cuja base um mancebo apascoava o seu gado.

Quiz o Supremo Opífice que este mancebo fôsse mais compassivo que os da cidade, e fizesse acabar o suplício do cão. Gentil era ele, de olhos brandos e não somenos em graça aos da mais formosa donzela. Com o cajado ao hombro, e sentado num pedaço de rochedo, manuseava um tomo de Virgilio, seguindo com o pensamento a trilha daquele caudal engenho. Aproximando-se o cão do mancebo, este lhe lançou as mãos e o deteve. O mancebo varreu logo da memória o poeta e o gado, tratou de desvincular a lata do cão e o fez em poucos minutos, com mór destreza e paciência.

O cão, aliás vultoso, parecia haver desmedrado fortemente, depois que a malícia dos meninos o pusera em tão apertadas andanças. Livre da lata, lambeu as mãos do mancebo, que o tomou para si, dizendo: — De ora avante, me acompanharás ao pasto.

Folgareis certamente com o caso que deixo narrado, embora não possa o apoucado e rude estilo do vosso condiscipulo dar ao quadro os adequados toques. Feracíssimo é o campo para engenhos de mais alto quilate; e, embora abastado de urzes, e porventura coberto de trevas, a imagina-

ção dará o fio de Ariádne com que sói vencer os mais complicados labirintos.

Entranhado anelo me enche de antecipado gôsto, por ler os produtos de vossas inteligências, que serão em tudo dignos do nosso digno mestre, e que desafiarão a foice na morte colhendo vasta seara de louros imarcecíveis com que engrinaldareis as fronteas imortais.

Tais são os tres escritos; dando-os ao prélo, fico tranquilo com a minha consciencia; revelei tres escritores.

O Cruzeiro, Rio, 2 abril, 1878.

FILOSOFIA DE UM PAR DE BOTAS

Uma destas tardes, como eu acabasse de jantar, e muito, lembrou-me dar um passeio á praia de Santa Luzia, cuja solidão é propícia a todo homem que ama digerir em paz. Ali fui, e com tal fortuna que achei uma pedra lisa para me sentar, e nenhum fôlego vivo nem morto.— Nêem morto, felizmente. Sentei-me, alonguei os olhos, espreguicei a alma, respirei á larga, e disse ao estômago:— Digere a teu gôsto, meu velho companheiro. *Deus nobis hæc otia fecit.*

Digeria o estômago, enquanto o cérebro ia remoendo, tão certo é, que tudo neste mundo se resolve na mastigação. E digerindo, e remoendo, não reparei logo que havia, a poucos passos de mim, um par de coturnos velhos e imprestáveis. Um e outro tinham a sola rôta, o tacão comido do longo uso, e tortos, porque é de notar que a generalidade dos homens camba, ou para um ou para outro lado. Um dos coturnos (digamos botas, que não lembra tanto a tragédia), uma das botas tinha um rasgão de calo. Ambas estavam maculadas de

lama velha e sêca; tinham o couro ruço, poído, encarquilhado.

Olhando casualmente para as botas, entrei a considerar as vicissitudes humanas, e a conjecturar qual teria sido a vida daquele produto social. Eis sinão quando, ouço um rumor de vozes surdas; em seguida, ouvi sílabas, palavras, frases, períodos; e, não havendo ninguém, imaginei que era eu, que eu era ventríloquo; e já podem vêr si fiquei consternado. Mas não, não era eu; eram as botas, que falavam entre si, suspiravam a riam, mostrando, em vez de dentes, umas pontas de taxas enferrujadas.

Prestei o ouvido; eis o que diziam as botas:

BOTA ESQUERDA

Ora, pois, mana, respiremos e filosofemos um pouco.

BOTA DIREITA

Um pouco? Todo o resto da nossa vida, que não ha de ser muito grande; mas, enfim, algum descanso nos trouxe a velhice. Que destino! Uma praia! Lembras-te do tempo em que brilhavamos na vidraça da rua do Ouvidor?

BOTA ESQUERDA

Si me lembro! Quero até crer que eramos as mais bonitas de todas. Ao menos na elegância...

BOTA DIREITA

Na elegância, ninguém nos vencia.

BOTA ESQUERDA

Pois olha que havia muitas outras, e presumidas, sem contar aquelas botinas côr de chocolate... aquele par...

BOTA DIREITA

O dos botões de madre-pérola?

BOTA ESQUERDA

Esse.

BOTA DIREITA

O daquela viuva?

BOTA ESQUERDA

O da viuva.

BOTA DIREITA

Que tempo! Eramos novas, bonitas, asseidadas; de quando em quando, uma passadela de pano de linho, que era uma consolação. No mais, plena ociosidade. Bom tempo, mana, bom tempo! Mas, bem dizem os homens: não ha bem que sempre dure, nem mal que se não acabe.

BOTA ESQUERDA

O certo é que ninguem nos inventou para vivermos novas toda a vida. Mais de uma pessoa ali foi experimentar-nos: eramos calçadas com cuidado, postas sobre um tapete, até que um dia, o dr. Crispim passou, viu-nos, entrou e calçou-nos. Eu, de raivosa, apertei-lhe um pouco os dois calos...

BOTA ESQUERDA

Sempre te conheci pirracenta.

BOTA ESQUERDA

Pirracenta, mas infeliz. Apesar do apertão, o dr. Crispim levou-nos.

BOTA DIREITA

Era bom homem o dr. Crispim; muito nosso amigo. Não dava caminhadas largas, não dansava. Só jogava o voltarete, até tarde, duas e tres horas da madrugada; mas, como o divertimento era parado, não nos incomodava muito. E depois, entrava em casa, na pontinha dos pés, para não acordar a mulher. Lembras-te?

BOTA ESQUERDA

Ora! por sinal a mulher fingia dormir para não lhe tirar as ilusões. No dia seguinte ele contava que estivera na maçonaria. Santa senhora!

BOTA DIREITA

Santo casal! Naquela casa fomos sempre felizes, sempre! E a gente que eles frequentavam? Quando não havia tapetes, havia palhinha; pisávamos o macio, o limpo, o asseiado. Andávamos de carro! Estivemos ali uns quarenta dias, não?

BOTA ESQUERDA

Trinta e dois.

BOTA DIREITA

Só?

BOTA ESQUERDA

Pois então! Ele gastava mais sapatos do que a Bolívia gasta constituições.

BOTA DIREITA

Deixemo-nos de política.

BOTA ESQUERDA

Apoiado.

BOTA DIREITA (*com força*)

Deixemo-nos de política, já disse!

BOTA ESQUERDA (*sorrindo*)

Mas um pouco de política debaixo da mesa?... Nunca te contei.. contei, sim... o caso das botinas côr de chocolate.. as da viuva...

BOTA DIREITA

Da viuva, para quem o dr. Crispim quebrava muito os olhos? Lembra-me que estivemos juntas, num jantar do comendador Plácido. As botinas viram-nos logo, e nós daí a pouco as vimos também, porque a viuva, como tinha o pé pequeno, andava a mostrá-lo a cada passo. Lembra-me também que, á mesa, conversei muito com uma das botinas. O dr. Crispim sentára-se ao pé do comendador e defronte da viuva; então, eu fui direita a uma delas, e falámos, falámos pelas tripas de Judas... A princípio, não; a princípio, ela fez-se de boa; eu toquei-lhe no bico, respondeu-me zangada: «Vá-se, me deixe!» Mas eu insisti, perguntei-lhe por onde tinha andado, disse-lhe que estava ainda muito bonita, muito conservada; ela foi-se amansando, boliu com o bico, depois com o tacão, pisou em mim, eu pisei nela, e não te digo mais...

BOTA ESQUERDA

Pois é justamente o que eu queria contar..

BOTA DIREITA

Tambem conversaste?

BOTA ESQUERDA

Não; ia conversar com a outra. Escorreguei devagarinho, muito devagarinho, com cautela, por causa da bota do comendador.

BOTA DIREITA

Agora me lembro: pisaste a bota do comendador.

BOTA ESQUERDA

A bota? Pisei o calo. O comendador: Ui! As senhoras: ai! Os homens: Hein? E eu recuei; e o dr. Crispim ficou muito vermelho, muito vermelho..

BOTA DIREITA

Parece que foi castigo. No dia seguinte o dr. Crispim deu-nos de presente a um procurador de poucas causas.

BOTA ESQUERDA

Não me fales! Isso foi a nossa desgraça! Um procurador! Era o mesmo que dizer: mata-me estas botas; esfrangalha-me estas botas!

BOTA DIREITA

Dizes bem. Que roda viva! Era da Relação para os escrivães, dos escrivães para os juizes, dos juizes para os advogados, dos advogados para as

partes (embora poucas), das partes para a Relação, da Relação para os escrivães...

BOTA ESQUERDA

Et cætera. E as chuvas! e as lamas! Foi o procurador quem primeiro me deu este córte para desabafar um calo. Fiquei aceiada com esta janela á banda.

BOTA DIREITA

Felizmente durou pouco.

BOTA ESQUERDA

Durou pouco; passámos então para o fiel de feitos, que no fim de tres semanas nos transferiu ao remendão. O remendão (ah! já não era a rua do Ouvidor!) deu-nos alguns pontos, tapou-nos este buraco, e impingiu-nos ao aprendiz de barbeiro do beco dos Aflitos.

BOTA DIREITA

Com esse havia pouco que fazer de dia, mas de noite...

BOTA ESQUERDA

No curso de dança; lembra-me. O diabo do rapaz valsava como quem se despede da vida. Nem nos comprou para outra coisa, porque para os passeios tinha um par de botas novas, de verniz, e bico fino. Mas para as noites. Nós eramos as botas do curso...

BOTA DIREITA

Que abismo entre o curso e os tapetes do dr. Crispim!

BOTA ESQUERDA

Coisas!

BOTA DIREITA

Justiça, justiça; o aprendiz não nos escovava, não tínhamos o suplício da escova. Ao menos, por esse lado a nossa vida era tranquila.

BOTA ESQUERDA

Relativamente, creio. Agora, que era alegre, não ha dúvida; em todo caso, era muito melhor que a outra que nos esperava.

BOTA DIREITA

Quando fomos parar ás mãos...

BOTA ESQUERDA

Aos pés.

BOTA DIREITA

Aos pés daquele servente das obras públicas. Dali fomos atiradas á rua, onde nos apanhou um preto padeiro, que nos reduziu enfim a este último estado. Triste! triste!

BOTA ESQUERDA

Tu queixas-te, mana?

BOTA DIREITA

Si te parece!

BOTA ESQUERDA

Não sei; si na verdade é triste acabar assim tão miseravelmente, numa praia, esburacadas e rôtas, sem tacões nem ilusões, — por outro lado, ganhámos a paz, e a experiencia.

BOTA DIREITA

A paz? Aquele mar póde lamber-nos de um relance.

BOTA ESQUERDA

Trazer-nos-á outra vez á praia. Demais, está longe.

BOTA DIREITA

Que eu, na verdade, quisera descansar agora estes últimos dias; mas descansar sem saudades, sem a lembrança do que foi. Viver tão afagadas, tão admiradas na vidraça do autor dos nossos dias; passar uma vida feliz em casa do nosso primeiro dono, suportavel na casa dos outros; e agora..

BOTA ESQUERDA

Agora que?

BOTA DIREITA

A vergonha, mana.

BOTA ESQUERDA

Vergonha, não. Podes crer, que fizemos felizes aqueles a quem calçámos; ao menos, na nossa mocidade. Tu que pensas? Mais de um não olha para suas idéas com a mesma satisfação com que olha para suas botas. Mana, a bota é a metade da circunspecção; em todo o caso é a base da sociedade civil...

BOTA DIREITA

Que estilo! Bem se vê que nos calçou um advogado.

BOTA ESQUERDA

Não reparaste que, á medida que iam os enve-
lhecendo, eramos menos cumprimentadas?

BOTA DIREITA

Talvez.

BOTA ESQUERDA

Eramos, e o chapéu não se engana. O chapéu
fareja a bota... Ora, pois! Viva a liberdade! viva
a paz! viva a velhice! (*A Bota Direita abana triste-
mente o cano*). Que tens?

BOTA DIREITA

Não posso; por mais que queira, não posso
afazer-me a isto. Pensava que sim, mas era ilu-
são... Viva a paz e a velhice, concordo; mas ha-
de ser sem as recordações do passado...

BOTA ESQUERDA

Qual passado? O de ontem ou o de ante-
ontem? O do advogado ou o do servente?

BOTA DIREITA

Qualquer; contanto que nos calçassem. O mais
reles pé de homem é sempre um pé de homem.

BOTA ESQUERDA

Deixa-te disso; façamos da nossa velhice uma
coisa util e respeitavel.

BOTA DIREITA

Respeitavel, um par de botas velhas! Util, um
par de botas velhas! Que utilidade? que respeito?

Não vêes que os homens tiraram de nós o que podiam, e quando não valiamos um caracol mandaram deitar-nos á margem? Quem é que nos ha de respeitar? — aqueles mariscos? (*Olhando para mim*) Aquele sujeito que está ali com os olhos assombrados?

BOTA ESQUERDA

Vanitas! Vanitas!

BOTA DIREITA

Que dizes tu?

BOTA ESQUERDA

Quero dizer que és vaidosa, apesar de muito acalcanhada, e que devemos dar-nos por felizes com esta aposentadoria, lardeada de algumas recordações.

BOTA DIREITA

Onde estarão a esta hora as botinas da viuva?

BOTA ESQUERDA

Quem sabe lá! Talvez outras botas conversem com outras botinas.. Talvez: é a lei do mundo; assim caem os Estados e as instituições. Assim perece a beleza, e a mocidade. Tudo botas, mana; tudo botas, com tacões ou sem tacões, novas ou velhas, direitas ou acalcanhadas, lustrosas ou ruças; mas botas, botas, botas!

Neste ponto calaram-se as duas interlocutoras, e eu fiquei a olhar para uma e outra, a esperar

si diziam alguma coisa mais. Nada; estavam pensativas.

Deixei-me ficar assim algum tempo, disposto a lançar mão delas, e a levá-las para casa com o fim de as estudar, interrogar, e depois escrever uma memória, que remeteria a todas as academias do mundo. Pensava também em as apresentar nos circos de cavalinhos, ou ir vendê-las a Nova-York. Depois, abri mão de todos esses projetos. Si elas queriam a paz, uma velhice sossegada, por que motivo iria eu arrancá-las a essa justa paga de uma vida cansada e laboriosa? Tinham servido tanto! tinham rolado todos os degraus da escala social; chegavam ao último, — a praia, a triste praia de Santa Luzia.. Não, velhas botas! Melhor é que fiquéis aí no derradeiro descanso.

Nisto vi chegar um sujeito maltrapilho; era um mendigo. Pediu-me uma esmola; dei-lhe um níquel.

MENDIGO

Deus lhe pague, meu senhor! (*Vendo as botas*)
Um par de botas! Foi um anjo que as pôs aqui...

EU (*ao mendigo*)

Mas, espere...

MENDIGO

Espere o que? Si lhe digo que estou descalço!
(*Pegando nas botas*) Estão bem boas! Cosendo-se isto aqui, com um barbante..

BOTA DIREITA

Que é isto, mana? que é isto? Alguem pega em nós... Sinto-me no ar..

BOTA ESQUERDA

É um mendigo.

BOTA DIREITA

Um mendigo? Que quererá ele?

BOTA ESQUERDA

Calçar-nos.

BOTA DIREITA (*alvorçada*)

Será possível?

BOTA ESQUERDA

Vaidosa!

BOTA DIREITA

Ah! mana! esta é a filosofia verdadeira. — Não ha bota velha que não encontre um pé cambaio.

O Cruzeiro, Rio, 23 abril, 1878.

REVISTA DRAMÁTICA

I

MÃE

Drama, de José de Alencar.

Escrever crítica e crítica de teatro não é só uma tarefa difícil, é também uma empreza arriscada.

A razão é simples. No dia em que a pena fiel ao preceito da censura, toca um ponto negro e olvida por momentos a estrofe laudatória, as inimizades levantam-se de envôlta com as calúnias.

Então a crítica, aplaudida ontem, é hoje ludibriada, o crítico vendeu-se, ou por outra, não passa de um ignorante a quem por compaixão se deu alguma migalha de aplauso.

Esta perspectiva poderia fazer-me recuar ao tomar a pena do folhetim dramático, si eu não collocasse acima dessas misérias humanas a minha consciência e o meu dever. Sei que vou entrar em uma tarefa onerosa; sei-o porque conheço o nosso teatro, porque o tenho estudado materialmente; mas si existe uma recompensa para a verdade, dou-me

por pago das pedras que encontrar em meu caminho.

Protesto desde já uma severa imparcialidade, imparcialidade de que não pretendo afastar-me nem uma vírgula; simples revista sem pretensão a oráculo, como será este folhetim, dar-lhe-ei um character digno das colunas em que o estampo. Nem azorrague, nem luva de pelica; mas a censura razoavel, clara e franca, feita na altura da arte e da crítica.

Estes preceitos, que estabeleço como norma do meu proceder, são um resultado das minhas idéas sobre a imprensa; e de ha muito que condeno os ouropéis de letra-redonda, assim como as intrigas mesquinhas, em virtude de que muita gente subscreve juízos menos exatos e menos de acôrdo com a consciência própria.

Si faltar a esta condição que me imponho, não será um atentado voluntário contra a verdade, mas um êrro de apreciação.

As minhas opiniões sobre o teatro são ecléticas em absoluto. Não subscrevo, em sua totalidade, as máximas da escola realista, nem aceito, em toda a sua plenitude, a escola das abstrações românticas; admito e aplaudo o drama como a fórmula absoluta do teatro, mas nem por isso condeno as cenas admiraveis de Corneille e Racine. Tiro de cada coisa uma parte, e faço o meu ideal de arte, que abraço e que defendo.

Entendo que o belo pôde existir mais relevado em uma fórmula menos imperfeita, mas não é exclusivo de uma só fórmula dramática. Encontro-o no verso valente da tragédia, como na frase ligeira e fácil com que a comédia nos fala ao espírito.

Com estas máximas em mão — entro no teatro. É este o meu procedimento; no dia em que não puder conservar-me nessa altura, os leitores terão um folhetim de menos, e eu mais um argumento de que — cometer emprêzas destas, não é uma tarefa para quem não tem o espírito de uma têmpera superior.

Sirvam estas palavras de programa.

Si se quizesse examinar a nossa existência pelo movimento actual do teatro, perderíamos no paralelo.

Da influência da estação, ou causas estranhas, dessas que transformam as situações para dar nova direção ás coisas, o teatro tem caminhado por uma estrada difficil e escabrosa.

Quem escreve estas palavras tem um fundo de convicção, resultado do estudo com que tem acompanhado o movimento do teatro; e tanto mais unsuspeito, quanto que é um dos crentes mais sérios e verdadeiros desse grande canal de propaganda.

Firme nos princípios que sempre adotou, o folhetinista que desponta, dá ao mundo, como um colega de além-mar, o espantoso espectáculo de um crítico de teatro que crê no teatro.

E crê: si ha alguma coisa a esperar para a civilização é desses meios que estão no immediato contacto com os grupos populares. Deus me absolva si ha nesta convicção uma utopia de imaginação cálida.

Estudando, pois, o teatro, vejo que a actualidade dramática, não é uma realidade esplêndida como a desejava eu, como desejam todos os que sentem em si uma alma e uma convicção.

Já disse, essa morbidez é o resultado de causas estranhas, insuperaveis talvez — que podem aproximar o teatro de uma época mais feliz.

Estamos com dois teatros em activo; uma nova companhia se organiza para abrir em pouco o teatro das Variedades; e essa completará a trindade dramática.

No meio das dificuldades com que caminha o teatro, anuncia-se no Ginásio um novo drama original brasileiro. A repetição dos anúncios, o nome oculto do autor, as revelações dúbias de certos oráculos, que ha por toda a parte, preparam a expectativa pública para a nova produção nacional.

Veio ela, enfim.

Si houve verdade nas conversações de certos círculos e na ânsia com que era esperado o novo drama, foi que a peça estava acima do que se esperava.

Com efeito, desde que se levantou o pano o público começou a ver que o espírito dramático, entre nós, podia ser uma verdade. E quando a

frase final caiu esplêndida no meio da platéa, ela sentiu que a arte nacional entrou em um período mais avantajado de gôsto e de aperfeiçoamento.

Esta peça intitula-se *Mãe*.

Revela-se á primeira vista que o autor do novo drama conhece o caminho mais curto do triunfo; que, dando todo o desenvolvimento á fibra da sensibilidade, praticou as regras e prescrições da arte, sem dispensar as subtilezas de côr local.

A ação é altamente dramática; as cenas succedem-se sem esfôrço, com a natureza da verdade; os lances são preparados com essa lógica dramática a que não podem atingir as vistas curtas.

Altamente dramática é a ação, disse eu; mas não pára aí; é tambem altamente simples.

Jorge é um estudante de medicina, que mora em um segundo andar com uma escrava apenas, a quem trata carinhosamente e de quem recebe provas de um affecto inequívoco.

No primeiro andar moram Gomes, empregado público, e sua filha Elisa. A intimidade da casa trouxe a intimidade dos dois vizinhos Jorge e Elisa, cujas almas, ao começar o drama, ligam-se já por um fenômeno de simpatia.

Um dia, a doce paz, que fazia a ventura daquelas quatro existências, foi toldada por um corvo negro, por um Peixoto, um usurário, que vem ameaçar a probidade de Gomes, com a maquinação

duma trama diabólica e muito comum, infelizmente, na humanidade.

Ameaçado em sua honra, Gomes prepara um suicídio que não realiza; entretanto, envergonhado por pedir dinheiro, porque com dinheiro removia a tempestade iminente, deixa á sua filha o importante papel de salvá-lo e salvar-se.

Elisa, confiada no affecto que a une a Jorge, vai expor-lhe a situação; este comprehende a dificuldade, e, enquanto espera a quantia necessária do dr. Lima, um character nobre da peça, trata de vender, e ao mesmo Peixoto, a mobília da sua casa.

Joana, a escrava, comprehende a situação, e, vendo que o usurário não dava a quantia precisa pela mobília de Jorge, propõe-se a uma hipoteca; Jorge repele ao principio o desejo de sua escrava, mas a operação tem lugar, mudando unicamente a forma da hipoteca para a de venda, venda nulficada desde que o dinheiro emprestado voltasse a Peixoto.

Volta a manhã serena depois da tempestade procelosa; a probidade e a vida de Gomes estão salvas.

Joana, podendo escapar um minuto a seu senhor temporário, vem na manhã séguinte visitar Jorge.

Entretanto, o dr. Lima tem tirado as suas malas da alfândega e traz o dinheiro a Jorge. Tudo vai por conseguinte voltar ao seu estado normal.

Mas Peixoto, não encontrando Joana em casa, vem procurá-la em casa de Jorge, exigindo a escrava que havia comprado na véspera. O dr. Lima não acreditou que se tratasse de Joana, mas Peixoto, forçado a declarar o nome, pronuncia-o. Aqui a peripécia é natural, rápida e bem conduzida; o dr. Lima ouve o nome, dirige-se para a direita por onde acaba de entrar Jorge:

— Desgraçado! vendeste tua mãe!

Eu conheço poucas frases de igual efeito. Sente-se uma contração nervosa ao ouvir aquela revelação inesperada. O lance é calculado com maestria e revela pleno conhecimento da arte no autor.

Ao conhecer sua mãe, Jorge não a repudia; aceita-a em face da sociedade, com esse orgulho sublime que só a natureza estabelece e que faz do sangue um título.

Mas Joana, que forcejava sempre por deixar corrido o véu do nascimento de Jorge, na hora que este sabe, aparece envenenada. A cena é dolorosa e tocante; a despedida para sempre de um filho, no momento em que acaba de conhecer sua mãe, é por si só uma situação tormentosa e dramática.

Não é bem acabado esse tipo de mãe, que sacrifica as carícias, que poderia receber de seu filho, a um escrúpulo de que a sua individualidade o fizesse corar?

Esse drama, essencialmente nosso, podia, si outro fôsse o entusiasmo de nossa terra, ter a mesma nomeada que o romance de Harriet Stowe — fundado no mesmo tema da escravidão.

Os tipos acham-se ali bem definidos, e a ligação das frases não pôde ser mais completa.

O veneno que Joana bebe, para aperfeiçoar o quadro e completar o seu martírio tocante, é o mesmo que Elisa tomara das mãos de seu pai, e que a escrava encontrou sobre uma mesa em casa de Jorge, para onde a menina o levará.

Ha frases lindas e impregnadas de um sentimento doce e profundo; o diálogo é natural e brilhante, mas desse brilho que não exclue a simplicidade, e que não respira o tormento bombástico.

O autor soube haver-se com a ação, sem entrar em análise. Descoberta a origem de Jorge, a sociedade dá o último arranco em face da natureza, pela boca de Gomes, que tenta recusar sua filha prometida a Jorge.

Repito-o; o drama é de um acabado perfeito, e foi uma agradável surpresa para os descrentes da arte nacional.

Ainda oculto o autor, foi saudado por todos com a sua obra; feliz que é, de não encontrar patos em seu Capitólio.

A sra. Velluti e o sr. Augusto disseram com felicidade os seus papéis; a primeira dando relêvo ao papel da escrava com essa inteligência e sub-

tileza que completam os artistas; o segundo, sustentando a dignidade do dr. Lima na altura em que o colocou o autor.

A sra. Ludovina não discrepou no caracter melancólico de Elisa; todavia parecia-me que devia ter mais animação nas transições, que é o que define o claro-escuro.

O sr. Heller, pondo em cena o caracter do empregado público, teve momentos felizes, apesar de lhe notar uma gravidade de porte pouco natural, ás vezes.

Ha um meirinho na peça, desempenhado pelo sr. Graça, que, como bom actor cômico, agradou e foi aplaudido. O papel é insignificante, mas aquelles que têm visto o distinto artista, adivinham o desenvolvimento que a sua veia cômica lhe podia dar.

Jorge foi desempenhado pelo sr. Paiva que, trazendo o papel á altura do seu talento, fez-nos entrever uma figura singela e sentimental.

O sr. Militão completou o quadro com o papel de Peixoto, onde nos deu um usurário brutal e especulador.

A noite foi de regosijo para aqueles que, amando a civilização pátria, estimam que se faça tão bom uso da língua que herdamos. Oxalá que o exemplo se espalhe.

Na primeira revista toquei no Teatro São Pedro e no Variedades, si já houver encetado a sua carreira.

Entretanto fecho esta página, e deixo que o leitor, para fugir ao rigor da estação, vá descansar um pouco, não á sombra das faias; como Títilo, mas entre os nevoeiros de Petrópolis, ou nas montanhas da velha Tijuca.

29 março 1860.

II

DALILA. — ESPINHOS E FLORES

Drama de Octavio Feuillet. — Drama de Camilo Castelo-Branco.

O maior feito de César não foi vencer Pompeu, mas atravessar o Rubicon.

Nós outros da história moderna, também temos o nosso Rubicon a atravessar; e si um ministro sua sangue e agua na discussão da lei do orçamento, o folhetinista também sofre suas torturas com a apresentação de seu primeiro folhetim.

Ninguém calcula as incertezas, as ânsias em que luta a alma de um folhetinista novel, depois lançada nesse mar que se chama público, a primeira caravela que a custo construiu no estaleiro das suas opiniões.

É uma crise que dura pouco, mas que produz lutas atrozes. A dúvida desaparece quando o primeiro, o segundo, o terceiro, o décimo amigo vem com a mão aberta e o sorriso leal dizer-lhe uma palavra de animação.

Eu confesso que estive em uma situação idêntica a que escrevi acima; por vezes tentei rene-

gar a religião que abracei, e vender a alma ao primeiro demônio que me apparecesse.

Vedou-me a audácia esse passo; e murmurou-me ao ouvido aquellas palavras que atiraram Napoleão ás pirâmides, e acabou por me dizer: caminha!

Ora, em consciência, eu devia caminhar; tinha calçado o coturno de crítico dramático, e devia a todo o custo seguir a recta que eu próprio me tinha traçado.

Caminhei, pois, e sem dar parte das torturas da viagem, tomo o braço ao leitor e vou mostrar-lhe os primeiros esforços de uma tentativa louvavel.

O teatro das *Variedades* abriu as suas portas com o drama de Octavio Feuillet — *Dalila*.

Octavio Feuillet, á imitação de muitos, escreveu a *Dalila*, como um romance em diálogos. É assim o *Aldo* de George Sand, e as cenas dramáticas de Alfredo de Musset.

Antonio de Serpa leu a concepção do escritor francês, imitou, substituiu e fez um drama.

Evidentemente a obra primitiva merecia o trabalho do literato portuguez; é uma das produções mais lindas da musa moderna.

Obra de imaginação, oscila entre os arabescos da fantasía e os relêvos da arte, resultando desse embate uma composição de alto alcance filosófico — o amor lascivo que se opõe ao amor casto e

honesto para sufocar-lhe as aspirações: é a história de todos os dias.

Dalila, a princesa Falconieri, é a mulher de mármore sem a cobiça, e sem o *champagne*. É o ideal da vaidade com todos os seus caprichos, com todas as suas lascivias. Não visa o ouro do opulento, mas arma ás aspirações leais de uma alma cândida e virginal; espera um adolescente á porta da vida para arrebatá-lo a um mundo enervante e sórdido, que é o seu reino.

Corta ao pobre Sansão, que lhe adormece nos braços, as asas da inspiração e do futuro, para atirá-lo inerte e desesperado ás mãos dos filisteus que o esperam na porta.

Ao pé da princesa está a figura de Carnioli.

Carnioli é um tipo especial: é um nobre opulento que se compraz em proteger as vocações, que faz da arte o seu Deus, e dos artistas os seus santos.

Um dia voltava da Turquia, costeando o Adriático; foi ter á Dalmácia, onde passou torturas a ouvir os sons rouquinhos da gusla, ele o mais fervente adorador das óperas de S. Carlos. Era forçoso partir, fugir aquella melodia grotesca.

No caminho esperava-o um artista alvorecente, um pastor de cabras, que já transportava a alma para as cordas de uma rabeca. Educou-o e cooperou para fazê-lo um artista; é a sua obra, a melhor obra; mira-se nela com a vaidade de

um Narciso e com o entusiasmo de uma paternidade feliz.

Carnioli não é nem Augusto nem Luiz XIV; a sua proteção não cai sobre os artistas com o cálculo das conveniências reais, mas ao impulso de um entusiasmo expansivo que é a legitimidade dos seus affectos.

A sua obra é André Roswein — a criança da rabeça; coração virgem e modesto que só vê duas estrêlas no futuro: a arte e Amélia Sertorius.

Amélia é uma menina simples e modesta, que uma intimidade de existência une ao esperançoso artista.

Sertorius, o velho e sábio Sertorius, tem ainda o cunho de uma idealidade de que ha mais de um exemplo no drama. Artista tradicional, conserva as fórmulas do passado como uma religião para arte actual, e opõe ás fantasias revolucionárias da estética moderna as regras puras das escolas clássicas.

— Respeita a escola dos antigos, — diz ele a Roswein.

Com estas cinco figuras é que Octavio Feuillet organizou o seu drama.

Roswein, discípulo favorito de Sertorius, e protegido de Carnioli, vai fazer representar uma ópera.

A ansiedade é comum; cada qual espera com um interesse próprio o resultado da primeira obra dramática do antigo pastor de cabras.

Mas Roswein deve casar-se com Amélia; ama-a e não o saciam as glórias da arte. Ora, é exata-

mente o que não convem a Carnioli. Para o filósofo Carnioli — o casamento do homem é o suicídio do artista, as ocupações domésticas são por demais terrenas para satisfazer as aspirações do gênio. André não deve casar-se.

Cumpre opôr um baluarte enérgico aos affectos do rapaz. Carnioli compreende que só uma fôrça de natureza idêntica pôde arredar daquela cabeça, ainda virgem, a paixão que o arrasta para Amélia: opõe o amor ao amor.

Mas esse amor deve absorver a afeição primitiva de André, tornando impossivel e nula a idéa do casamento. A princesa Falconieri é escolhida.

O amor da princesa devia produzir o desejado efeito: a princesa tem os encantos de uma beleza voluptuosa e a magnificência de uma vida de fidalga para surpreender o espírito adolescente de André.

Carnioli toma o caminho mais curto; fere a vaidade á princesa: depois um lenço caído com um ramallete no palco, uma restituição no dia seguinte; uma cena de sedução, um beijo, a obra está completa; Amélia está órfã de seu amor; Sansão está aos pés de Dalila.

O que se segue é atroz; o filtro do amor da princesa foi adormecer a pobre criança que nem pôde ouvir os soluços do seu primeiro amor.

Carnioli arrepende-se do seu plano de ataque ás tendências matrimoniais de André — mas era tarde.

A princesa, fatigada do seu amante, quer um outro — e a indiferença começa a acordar o pobre artista apaixonado.

Carnioli volta da Sicília; entre Palermo e Monocale entrou em uma casa de aspecto modesto onde viu um grupo de tres pessoas: Amélia, Sertorius e um médico. O velho tocava para distrair a pobre louca, que só a Alemanha podia curar. Amélia falava, acusava André, e repetia as palavras que elle lhe disséra em outro tempo.

— «Durante esse tempo, diz Carnioli a André, que se torce de remorsos, os dedos do velho descansando sobre as cordas, tiravam de quando em quando do instrumento sons... gemidos, que penetravam até o fundo d'alma...

Ela acordou e disse: Meu pai, tenho dois favores a pedir-lhe... o primeiro é que me dê um ar de riso. — O velho tentou sorrir. Depois, continuou ella, que me toque hoje o cântico do Calvário.

— Não, não, disse o bom velho com dôr pungente, querendo simular uma alegria; no dia do teu casamento.

Ela sorriu e olhou-o fixamente; elle abaixou os olhos sem replicar. Com um gesto doloroso, sacudiu os cabelos brancos sobre a frente, mais pálida que o mármore e pegou no arco... Ouví então o famoso cântico do Calvário.. o cântico sublime!

Enquanto tocava, grossas lágrimas lhe caíam uma a uma, sobre as mãos trêmulas e inspiradas... Chorava! Chorava o instrumento...

Choravam as cordas, o arco, a madeira, o cobre... tudo chorava...

O médico afastava os olhos.. e eu comprimia os soluços!.. Só ela não chorava.. porque já não tinha lágrimas!»

A princesa tem partido com outro amante! André quer ainda vê-la, desesperado pela traição, e corre a procurá-la no caminho.

É a estrada que conduz de Napoles a Gaeta.

Carnioli e Roswein estão ali; o mar está ao fundo. Dentro em pouco passa uma sége.

É Sertorius, que conduz a sua filha morta para a Alemanha. Toma-os por bandidos e vai caminho. Mas André está perto da morte; tem deitado uma golfada de sangue: o amor e a desesperação tinham fatigado aquela organização adolescente.

Expira. E enquanto, pobre artista sem futuro, morre no caminho, a Dalila, que perdêra a razão, passa descuidosa em sua gôndola acordando os écos da praia com as canções que lhe inspiram as carícias de seu novo amante.

O contraste é frisante e a moralidade nasce da situação sem necessidade de comentários. Toda a consideração tiraria um pouco do relêvo á idéa que ressalta viva do facto.

A ação, si caminha ás vezes por uma esféra de misticismo, define em geral um facto comum e cruelmente vulgar; é a vida real desenvolvida nas nuvens.

As duas vistas pintadas pelo sr. João Caetano Ribeiro, no 3.º e 4.º quadros, são de um belo efeito, sobretudo a primeira; onde a par dos grupos de árvores, desenhados com habilidade, está o traço firme e preciso das formas architecturais da galeria.

*
**

Temos agora um outro drama no teatro *Gi-násio*.

Espinhos e Flôres é uma produção do sr. Camilo Castelo-Branco.

Camilo Castelo-Branco é um escritor português muito conhecido. Possui uma fecundidade e um talento que lhe dão já um lugar distinto na literatura portuguesa.

Tem romances lindíssimos, e conta na sua biblioteca algumas composições dramáticas.

Espinhos e Flôres é uma composição feliz, onde o autor mais de uma vez nos dá belas amostras do seu estilo vigoroso e abundante.

A ação é simples e velha, tanto no teatro como no romance. Mas as roupas novas que lhe emprestou o poeta, dão-lhe um aspecto fresco e loução.

Pedro de Oliveira volta a Portugal e vai procurar seu tio, um padre chão como a probidade, singelo como a religião de que é sacerdote. Encontra-o e com êle uma irmã.

O drama não teria lugar, si essa irmã, que não é casada, não apresentasse uma filha. Ferido em sua honra Pedro de Oliveira, quer apartar-se da casa em que foi encontrar o êrro; mas as lágrimas podem mais que a rigidez romana do irmão ressentido.

A situação é bonita: Pedro toma nos braços a menina e quando Josefina, a culpada, procura-a desvairada, Oliveira responde esta frase simples e tocante:

— Não consentes que beije tua filha, minha irmã?

Si a cólera de Oliveira cede ás lágrimas de Josefina, não cede o desejo legítimo de reparar um êrro que lhe afecta a dignidade. Trata-se de dar uma solução á situação excepcional em que um amor culpado colocou Josefina.

É em um banquete, que Oliveira, narrando a história de sua irmã, prepara o seu sedutor Luiz de Ataíde, a reparar o mal feito.

Luiz de Ataíde é um homem aborrecido de si, esgotou todos os prazeres que lhe estavam ao alcance e caiu em um marasmo cruento, em um desfalecimento de espírito que o isola no meio da sociedade. Assim, Oliveira toca-lhe facilmente a corda íntima que uma série de gozos fictícios ador-

mecêra por muito tempo. Aparece o arrependimento; e Ataíde lava com o matrimônio uma culpa do passado.

O padre Oliveira, alma bondosa, ocupa uma parte distinta no drama — e constitue um exemplo tocante de piedade e de perdão.

Diario do Rio de Janeiro, 13 abril 1860.

III

OS MINEIROS DA DESGRAÇA

Drama de Quintino Bocayuva.

O nome que firma estas linhas assinou algures este período, que então considerava, e continúa a considerar uma verdade sem contestação:

«O autor dramático não é ainda, entre nós, um sacerdote, mas um çrente do momento, que tirou simplesmente o chapéu ao passar pela porta do templo. Orou e foi caminho».

Si, além do mal enunciado, ha algum demérito nestas palavras, é serem elas a repetição do que por mais de uma vez se tem dito a propósito deste assunto.

Os que assim se pronunciam acrescentam, que á nossa mocidade não faltam, nem talento nem disposição para o teatro. E, dá-se como causa da nossa pobreza, nessa parte das letras, a falta de estímulo e de animação.

Em minha opinião, os que assim se exprimem, não fazem mais do que reproduzir a realidade das coisas.

Não entrarei, por certo, na investigação do facto, nem procurarei demonstrar qual é esse estímulo que põe em desanimo as penas que mais habilitadas estão para o caso.

Uma coisa nos consola da deficiência da nossa literatura dramática, é que, si as obras que possuímos perdem na importância numérica, ganham muito no valor literário e moral.

Muito e medíocre não é, nunca foi riqueza. Pouco e bom, raro e superior, não sei que haja outra opulência melhor, a não ser a que reúne em alto grau as duas condições do número e do merecimento. Mas essa não é própria de uma literatura, que, como a nossa, começa a formar-se.

Si ha, portanto, razão para entristecer na pouca vida do teatro nacional, de outro lado ha motivo de contentamento, quando se vê que os frutos dessa pouca actividade são em grande parte bons e succulentos.

Um deles acaba de ser lançado á ansiedade pública, nessa ceia sublime, em que, como diz um escritor: Shakespeare dá a comer e a beber a sua carne e o seu sangue.

O último drama de Quintino Bocayuva, ao lado do mérito literário, respira uma alta moralidade, duplo ponto de vista, em que deve ser considerado e em que mereceu os sinceros aplausos dos entendidos.

É sempre belo quando uma voz generosa se ergue, em nome da intelligência e da probidade, para

protestar contra as misérias sociais, com toda a energia de um caracter e de uma convicção.

E deve-se ter entusiasmo com a manifestação dessas convicções e desses caracteres em um tempo, em que tudo o que é elevado se abate e se desmorona.

O drama, de que se trata, é um desses protestos. *Os mineiros da desgraça*, os que fabricam, á custa das lágrimas e da fome, o castelo da sua própria fortuna, os usurários, enfim, são a disformidade social, que o autor ataca de frente, sem curar de saber até que ponto essas entidades são aceitas pela sociedade.

Aceitas pela sociedade? Parece absurdo. Mas não é; são aceitas, acatadas mesmo; o que o poeta diz no seu drama, é a verdade, a verdade inteira; as comendas que lhes põem ao peito não são resultado de uma fantasia; eles são comendadores, porque neste país maravilhoso, e neste tempo de milagres, remuneram-se todos os vícios, desde que todos os vícios pagam os pergaminhos das graças.

No encalço dessas entidades repulsivas vêm outras, que, atravessando ligeiras o fundo do quadro, mal deixam sinais de si. Mas pertencem ainda ao número das que estão em opposição com a gente séria e honrada.

O autor teve largo campo para exercer a sua censura, e aproveitou-o bem. Retratou o tipo, apresentando duas figuras, — Vidal e Venâncio. Vidal

é o usurário dramático; Venâncio é o usurário cômico. Ambos são hediondos; o gesto feroz de um e o riso alvar de outro traduzem a mesma coisa. São o verso e o anverso da medalha; mas a medalha é a mesma. Eles seriam incompletos si não fôsem hipócritas. Vidal e Venâncio são hipócritas. Vidal finge-se o salvador de uma família para dar pasto á sua sensualidade. Vidal engana ao escolhido de sua futura mulher; ilude-a, a ela própria. Venâncio não é menos fingido que seu sócio. Em mais de uma ocasião dá provas de saber em alto gráu, a arte exigida para ser de sua profissão.

Com tais predicados, estas duas creaturas acham-se moralmente unidas; o interesse comercial os liga mais, ligando-lhes as firmas. Trabalham de acôrdo para encher o mealheiro comum; e Deus sabe como se enche o mealheiro da usura. O da firma social de Vidal & Venâncio, enche-se pelo empréstimo, pelo penhor e pela moeda falsa.

A figura obrigada dos dramas modernos, conhecida geralmente pelo nome de Desgenais, tambem entra no Drama. Essa é sempre a parte do autor; é pela boca sentenciosa do moralista que o dramaturgo moderno lança as censuras aos vícios da sociedade.

O Desgenais da peça é rude e grave, franco e digno. Diz aquilo que pensa, porque tem o tacto dos homens com quem lida, e sabe que a dignidade não é o traço distintivo deles.

O moralista é sempre audaz, por isso mesmo que representa a minoria da sociedade.

Em minha opinião, o moralista nunca pôde deixar de ser uma figura de convenção. Entre nós, pelo menos. É por isso que eu acho que não se deve exigir do autor as razões por que o fez orador ou não, e por que em tal ocasião não foi menos grave, e em tal outra, menos jovial. Ele é sentencioso, é quanto basta; ele censura, ele toca na chaga com a tranquilidade do médico, com isso nos devemos contentar.

Paulo é o amante enternecido, que, intrigado por Vidal, torna-se, depois de um período de anos, o flagelo vivo do usurário, desagravando a justiça na entrega que faz de um réu.

Paulo é uma alma elevada e um nobre coração. Caixeiro de João Vieira, honrado negociante, estima-o como si pai lhe fôra, isto nos dias da ventura como nos dias de infortúnio. E só o deixa no dia em que a intriga de Vidal os separa para sempre.

Elvira, a filha de João Vieira, é uma figura de que o autor pouco tratou, mas que não deixa de contribuir com o seu quinhão de bondade e virtude para o fundo do quadro sobre que ressaltam as duas figuras principais.

O peralvilho idiota e dissipador, o ministro influído pelo deus Empenho, a mulher que se encarrega nos salões de aproximar as almas tristes e desconsoladas, lá verão a sua própria fotografia.

O autor as copia e apresenta sem perturbar a ação do seu drama.

A ação é simples, e caminha facilmente. Tendo conseguido casar com a filha de João Vieira e realizar uma rápida fortuna, Vidal, que não se deteve no caminho das misérias, que sempre levou, vê-se um dia diante de Paulo, a quem mais tarde deverão a moralidade e a justiça o seu desagravo.

Paulo, senhor do segrêdo da moeda falsa, correspondeu-se com Vidal na Europa, e um dia, havendo em mão tudo quanto é legalmente exigido, apresentou-se em casa de Vidal com os instrumentos da justiça que se apoderam dele.

Maurício, o moralista, ofereceu um asilo á *viuva* do usurário, e tal é o desfêcho do drama.

Tenho ouvido duas censuras. Versa uma sobre o desenlace, que se diz precipitado; a outra, é ainda sobre o desenlace, que deixa o nome do filho de Elvira uma nódoa pela prisão de seu pai.

Não deixo de dar razão aos que acham que o autor precipitou o desfêcho. O desfêcho é tanto mais precipitado quanto que a ação só começa no terceiro acto, e os dois primeiros pôdem ser considerados o prólogo do drama.

Quanto á segunda censura, hão de me perdoar: não acho uma censura séria. O poeta dramático tem o dever de copiar a parte da sociedade que escolhe, e ao lado dessa pintura pôr os traços com que julga se deve corrigir o original.

O correctivo existe no drama; o autor nada tem que ver com as consequencias desse correctivo. São elles verossímeis? Dão-se na vida real? Sem dúvida que sim. É quanto basta.

• *Os mineiros da desgraça*, literariamente falando, é o que se pode chamar um belo livro: o estilo, fluente e brilhante; o diálogo, facil e vivo; as cenas, bem dispostas e bem enredadas.

Como alcance moral, é um verdadeiro panfleto, onde muitas das excrecências sociais podem encontrar uma linha que tratará a seu respeito.

O público, que o aplaudiu, mostrou estar agradado do modo por que se lhe falou.

Tocou-lhe no íntimo porque se lhe falou a verdade, e, como diz o mestre da sátira moderna: *rien n'est beau que le vrai*.

Nutro um ardente desejo: é que o teatro nacional se enriqueça de obras como esta, e que os que sentirem dentro de si a fibra dramática, não a deixem palpitar em vão. O teatro é uma fôrça, fôrça como arte, fôrça como moral, não a inutilizem que é inutilizar o futuro.

À sociedade dramatica nacional devemos a exhibição desta. Os seus diversos papéis foram desempenhados com mais ou menos relêvo.

Diario do Rio de Janeiro, 24 julho 1861.

IV

JOÃO CAETANO

Está de luto a cena nacional.

Na idade de cincuenta e seis anos incompletos, depois de uma carreira de mais de trinta, faleceu o primeiro actor brasileiro, João Caetano dos Santos.

A vida de João Caetano era considerada como perdida, desde os primeiros meses da sua enfermidade.

Esperava-se a todo o momento que o espirito, quasi despido do envólucro terreno, fugisse de todo a essas prisões, para remontar á pátria da immortalidade.

Foi o que se verificou na segunda-feira passada.

É inutil indicar o grau da perda que esta morte trouxe ao Brasil. Ninguem que tenha visto o artista póde alegar ignorância.

Dotado de talento superior e admiraveis dotes, soube João Caetano, durante a longa carreira que percorreu, conquistar o lugar mais proeminente da cena brasileira, sem conflito de emulação.

Suas criações foram em grande número.

No drama e na tragédia não teve nunca quem o igualasse porque havia nele, á falta de preceitos, a intuição que dão os talentos superiores.

Falta de preceitos, disse eu, e nisto uso para com o artista finado de um dos mais imprescriptíveis deveres. Seria fazer acto de deslealdade, nesta hora em que se lhe desvaneceram todas as ilusões, ocultar os pontos negros do sol de sua glória.

O que se deve fazer, por um sentimento de justiça, é deixar firmado que a arte dramática no Brasil sempre brilhou pela ausência de ensino profissional. Todos os esforços individuais nada puderam plantar que subsistisse. Qualquer que fôsse a latitude das suas eminentes faculdades, não era fácil a João Caetano resistir á atmosfera viciada que respira o teatro brasileiro.

Contribuíram no seu tanto para esse deploravel resultado as vitórias prematuras do palco.

As platéas soberanas, na distribuição dos sufrágios, não conhecem nem se empenham pela observância estricta do catecismo da arte.

O artista as comovia e exaltava, e o aplauso fervente, ruidoso, espontâneo acolhia os rasgos de talento confiante de si.

De successo em successo, verde de anos, convencido da própria capacidade, o artista deixou-se levar por essa onda, desassombrado de êmulos, embebido no presente e descuidoso do porvir. Tal foi o seu êrro ou a sua fatalidade. Estava só na

altura em que Deus o puzera; via correr os seus dias marcados por ovações, e, sem contradita nem competência, não puderam as suas faculdades adquirir o sumo grau da necessária perfeição.

É justo dizer que muitas vezes os juizes severos tiveram ocasião de reconhecer-lhe certa aplicação do espirito ao estudo aprofundado dos caracteres e das paixões. Nessas ocasiões, o artista mostrava que podia tirar de seus próprios esforços alguma coisa daquilo que só o ensino organizado deve garantir.

Desigual embora, ele tinha muitos papéis de vitória certa e legítima, em que a parte culta dos espectadores lhe dava, sem regateio, aplausos espontâneos.

Dessa ordem de creações citarei uma das últimas, o «Augusto» do *Cina*, em que João Caetano, perfeitamente convencido da natureza da personagem que tinha a representar e da importância do poema de Corneille, deu a ambos, no que lhe tocava, o cunho da verdade, e da elevação, sem o qual ficara desrespeitada a obra do divino poeta.

Já rendi a devida homenagem á superioridade do talento que se acaba de perder. Não me cansarei de repeti-lo: mesmo imperfeito, destacava-se ele soberanamente do grupo dos demais talentos. Tinha por si, nas ocasiões supremas, uma inspiração que em vão se procurará nos talentos de ordem inferior.

O nome de João Caetano ficará nos anais do teatro e chegará á memória dos vindouros. Mas é aqui o ponto de maior tristeza. O que é a veneração da posteridade pelos artistas de teatro? As cenas palpitantes, as paixões tumultuárias, as lágrimas espontâneas, os rasgos do gênio, a alma, a vida, o drama, tudo isso acaba com a última noite do actor, com as últimas palmas do público. O que o torna superior acaba nos limites da vida; vai á posteridade o nome e o testemunho dos contemporâneos, nada mais.

Sêde poeta, escultor, pintor ou músico, ficai certo de que as mesmas sensações, o mesmo entusiasmo que as vossas obras excitarem aos contemporâneos hão de fazer estremecer a posteridade.

O poema, a estátua, a tēla, a partitura, levarão aos olhos e ao coração dos vindouros a alma e o gênio de Tasso, Cánova, Rafael ou Mozart. Esta metempsicose perpetúa a porção superior do poeta e do artista, e a posteridade em vez de um nome frio e mudo, recebe inteiro o artista e o poeta.

Mas o artista dramático, êsse, destinado ás comoções passageiras de uma morte, não tem lauda ou pedra em que fixar a partícula divina que o anima. A sepultura o recebe todo, excepto o nome; isto é, o que ele têm menos de sua alma. Permittam-me uma figura que, por gasta, não perde o cabimento: é êste o caso daquela sombria e im-

petuosa corrida de Mazepa atado ao corsele, o homem atado á vida, diferindo a realidade da ficção poética, em acabar o homem com a vida, sem nada mais deixar á memória da humanidade do que um nome e uma legenda.

Roscius e Garrik sabe-se que eram os nomes de dois membros da família a que pertencia João Caetano. Mas o entusiasmo que o povo de Roma e o povo de Londres sentia quando essas duas creaturas inspiradas subiam ao tablado é isso objecto da simples tradição; a fortuna adquirida pelo primeiro á custa de seus talentos, a honra obtida pelo segundo de ir, como Newton, para os jazigos de Westminster, não nos dá o grau de entusiasmo, nem as sensações experimentadas pelos respectivos contemporâneos. É o que dirão os vindouros a respeito de João Caetano, cujos triunfos nós celebramos muitas vezes com a exaltação mais febril.

Falemos agora do homem. Dizem que João Caetano morreu na plena contrição da consciência. Avizinhando-se da morte sentiu que carecia dessa purificação para ir ter com Deus. Estou, dizia ele, estudando um difficil papel, em que não sei si ganharei absolvição ou pateada.

Destinado a mudar de paixões e de caracteres em todos os dias da sua vida, era-lhe de grande consolação achar em si, á beira da sepultura, o sentimento da própria individualidade.

Não lhe foi difícil medir o valor das coisas perecíveis da terra em comparação com as glórias perpétuas da outra vida.

Que lhe restava dos triunfos de uma tão longa carreira? Nem as flôres que duraram pouco mais que o estrépito das palmas e dos bravos. Fez-se um grande silêncio em roda de si e ele olhou contrito e esperançoso para a grande estrada que ia percorrer.

A inspiração e a contrição valem na vida de além-tumulo: João Caetano chegou, a esta hora, ao termo da sua apoteose.

Enquanto ele vai e goza do último descanso, cá ficam os outros na labutação, caminhando de tentativa em tentativa, entre ilusões e desilusões, para o mesmo termo comum.

*
**

E é pouco depois da morte de João Caetano que aparece, não um talento igual (quando o teremos?), mas uma obra e uma idéa, isto é, uma tentativa de trabalho sério e profícuo.

É deste modo que se escoam os dias e se prendem, um ao outro, o élo de ouro e o élo de ferro.

Não se contrariem as disposições naturais da vida, e dê-se a cada coisa o tom que lhe é devido, — tristeza para os que são tristes, alegrias para os que folgam.

Anuncia-se para hoje a reabertura do Ateneu Dramático, com uma peça nova, do teatro português e um quadro vivo, *O Dilúvio Universal*.

O nosso público lembra-se do antigo Ateneu e das esperanças que aquela instituição fez conceber a toda a gente. Havia razões para isso, já pela composição do quadro da companhia, já pelo nome da pessoa que dirigia a instituição. Na verdade, quando um homem de letras dirige uma instituição dramática (e nunca deviam ser outros) acumulam-se as probabilidades de uma direção sádua e proveitosa.

Aquela o foi, e si não acompanhou maior proveito aos esforços, que ela empregou, deve-se isso a causas múltiplas e diversas que não desfiarei por mui sabidas.

Não serviu a lição do passado, e com igual coragem os artistas que compunham o antigo Ateneu, anunciam agora a reabertura do teatro. Liga-se á nova direção o nome do habil cenógrafo João Caetano Ribeiro.

As generosas tentativas devem sempre achar o apoio de todos: é dever dar-se-lhe, em falta de outra, a sustentação moral do aplauso.

Aplauda-se, portanto, mais esta e consagre-se o facto á espera da realização.

Os nomes dos artistas reunidos na nova organização, uns pelo que provaram, outros pelas esperanças que fazem conceber, têm direito á nossa confiança e á nossa expectativa.

Irei hoje assistir ao espetáculo de abertura, e direi na próxima semana tudo quanto me sugerir o trabalho da nova empresa, com a benevolência que os seus esforços merecem e a severidade indispensável para fructificação de todas as idéas.

Tal é o trabalho dos que amam as artes, trabalho que, a despeito dos desenganos e malogros, deve amparar os artistas, até que a iniciativa oficial venha dar corpo e realidade ao desejo e á esperança de todos, creando um teatro de escola nacional.

No sentido de realizar este pensamento representou já ao govêrno a direção do Ateneu Dramático. Que resultará desta tentativa? A magnitude da idéa, a necessidade e a oportunidade estão respondendo em favor da arte.

*
**

Voltemos bruscamente os olhos para outro assunto.

Recebi de Buenos-Aires uma ode escrita pelo poeta argentino Carlos Guido y Spano sobre a invasão do México. É um ardente protesto de indignação contra o acto de Sua Majestade o Imperador dos Franceses, isto é, o recurso da justiça contra a violação do direito em tempos que mais parecem de ferro que de luz.

Revolta-se a alma do homem e a musa do poeta contra a prepotência armada e disfarçada.

Em casos tais não se escolhem expressões nem se dissimulam sentimentos: fala-se franca e rudemente como permitem a dôr e a irritação. Tal é o caracter da poesia de Carlos Guido.

* Nem outro poderia ser o tom de uma poesia, que tratasse de tamanho infortúnio. Como dirigir, em certos casos, o ímpeto e alvorôço? É a comoção do momento que domina tudo, como no cântico dos hebreus, ao escaparem das hostes de Faraó: a um tempo e tumultuariamente celebra Israel o poder do Senhor e a submersão do inimigo.

«Quem de entre os heróis é semelhante a ti, Senhor?

«Estendeste a tua mão e o mar os devorou...»

Ah! que não pudesse o poeta repetir as mesmas palavras de Israel! Não se abriu o mar, antes, cúmplice da violação, deu livre caminho ás naus dos invasores. Estas foram levar a uma nação fraca a morte e a desolação. Tinham os soldados da invasão o direito do número e do valor material, isto é, o supremo direito nos conflitos, em que a consciência não toma parte. Entraram, destruíram, violentaram, arrasaram, e Puebla, lá diz o poeta,

Podrá no ser ciudad, mas será templo.

Por esses feitos heroicos queima-se incenso nos altares do Deus da justiça, e dizem que se aumentou o sol da glória francesa.

E esta glória é já diversa daquela do tempo de Salústio. Inverteram-se os papéis: é Roma quem combate por salvar-se, e a antiga Gália quem manda ao longe as suas hostes — para dominar.

Oh! tempos...

Diario do Rio de Janeiro, 1 setembro 1863.

VI

O CASO FERRARI

Lê-se no *Secolo*, de Milão:

Vamos comunicar aos nossos leitores uma importante notícia agora mesmo recebida de Nápoles, graças ao zêlo do nosso incansavel correspondente.

Ha cêrca de três meses, o irmão porteiro de um convento de mendicantes foi despertado alta noite, pelo toque aflitivo da sineta. Não havia que admirar no caso; mais de uma vez os dignos cenobitas têm sido chamados a deshoras, para o fim de prestar os socorros espirituais a moribundos. Ha quem fale contra os frades; é facil; o que não é facil é imitar o zêlo e a piedade de homens, que se dedicam aos outros homens, sem esperança nem ambição de nenhuma terrestre recompensa.

Vestiu-se o irmão porteiro e correu a ver quem batia. Abriu desacauteladamente a porta, e não teve tempo de falar, porque um vulto de homem, precipitando-se para dentro, caiu ajoelhado aos pés do pio monge. Voltou este do assombro e perguntou:

— Quem és? que me queres?

— Sou um pecador; desejo a paz e o esquecimento, disse o desconhecido.

O irmão porteiro fê-lo subir á sua cela. A luz da lâmpada bateu então, de chapa, no rosto do desconhecido, que já havia sacudido dos ombros a larga capa que o cobria. Era um homem de estatura meã, cheio, olhar sombrio e desvairado.

— Senta-te, irmão, e dize-me quem és e o que queres.

O desconhecido sentou-se numa pobre cadeira, único ornamento da cela, e esteve ainda alguns minutos ofegante, e como sem saber de si. Quando pôde falar fez esta extraordinária revelação:

— Chamo-me Ferrari, empresário de companhias líricas. Nunca o meu nome chegou decerto aos ouvidos de Vossa Paternidade, porque a esta solidão santa e ascética vem morrer o éco das distrações mundanas. De tais distrações viví eu, e viveria até morrer, si um funesto acontecimento me não viesse sangrar a alma de remorsos...

— Que foi?

— Estando no Rio de Janeiro, ha alguns meses, contratei com os habitantes levar-lhes este ano uma companhia lírica, prometendo de minha parte a primasia da exhibição e a excelência do pessoal, e exigindo em troca a prévia assinatura do teatro e a entrada de uns tantos por cento. Não imagina Vossa Paternidade o ardor com que os

habitantes do Rio de Janeiro aceitaram a minha proposta e cumpriram pontualmente as cláusulas que lhes diziam respeito. As assinaturas vieram; a porcentagem foi depositada em um banco, e eu embarquei para a Europa. Logo que aqui cheguei...

Ferrari não pôde acabar a frase. Grossas lágrimas e fortes soluços lhe embargaram a voz. O monge afagou-o com muita ternura e o infeliz continuou:

— Logo que cheguei, encontrei o diabo. Não falo metaforicamente; encontrei o próprio inimigo do gênero humano, quando eu começava a organizar a companhia, tendo já contratado a Volpini. Perguntou-me ele si queria ganhar, em um instante, glória, riqueza e poder; mais ou menos, a proposta que fizera ao Fausto. Recusei, e recusei obstinadamente; mas o astuto inimigo não se deu por vencido. Como espreitava a minha alma, apimentou mais a tentação, usando o seu pérfido estilo do costume. — Dou o que quizeres; pede tudo; eu te darei tudo. O poder é uma nobre ambição; terás o poder; a riqueza é um benefício legítimo; dar-te-ei cabedais de nababo. Si preferes a glória, terás a glória, seja a de Homero, a de Newton, a de Bonaparte, ou a de Miguel Angelo. Vê lá: estadista, banqueiro, poeta, artista, sábio ou general; escolhe. A oferta deslumbrou-me; minha alma sentiu a vertigem do mal.

— Que exiges em troca? disse eu. — A tua companhia lírica; eliminarei alguns cantores; copiarei a tua figura; irei a Buenos-Aires. — Mas eu prometi ir primeiro ao Rio de Janeiro... — Por isso mesmo; lograremos o Rio de Janeiro.

Não refleti nas terríveis condições do contrato que me propunha o gênio das trevas, e cedi. Ele tomou a minha fôrma, eliminou alguns cantores e partiu com os outros para Buenos-Aires. Poucas horas depois.. Ah!

— Socega; continúa.

— Poucas horas depois da partida, reconheci todo o horror da minha situação. Satanaz comprára a minha alma! Aterrado e curtido de remorsos, recusei as ofertas que de toda a parte me chegavam, quasi no mesmo instante: a neta de um rajá da Índia, o ministério bávaro e a corôa de Marrocos. Recusei; fugi de casa. Vaguei dias e dias, sem comer nem beber; tres vezes tentei matar-me, atirando-me á cratera do Vesúvio. Enfim, ha uma hora, atravessando a rua Chiaja, ouvi uma voz misteriosa, que me disse: «Retira-te, retira-te!» Compreendi a intimação; corri ofegante a esta casa santa; e de joelhos imploro: Irmão, quero fazer-me frade!

— Que ouço! clamou o irmão porteiro.

— A verdade, retorquiu Ferrari; quero fugir ao mundo; quero purgar a minha fraqueza na solidão de uma cela e nos trabalhos mais árduos

da vida monástica. Abjuro os êrros do passado, peço as águas da regeneração.

Imaginem facilmente os nossos leitores a alegria com que o digno monge ouviu estas palavras de Ferrari. Estendeu-lhe os braços; apertou-o ao coração; disse-lhe muitas palavras de brandura e amor. Era já sobre a madrugada; deu a Ferrari a sua pobre cama e velou até o nascer do sol.

Terminadas as matinas, o irmão porteiro referiu o extraordinário caso ao Provincial, que não ficou menos assombrado nem menos jubiloso do que ele. A nova correu todo o convento; foi um alvoroço geral. Ferrari narrou perante a comunidade a história de seus remorsos e o prodígio da sua vocação, e acabou pedindo o hábito.

— Te-lo-ás, disse o Provincial; e com a brevidade que permitem antigos privilégios desta casa. Entretanto, são precisas duas coisas: a primeira que saibas as letras canônicas...

— Cursei outrora um seminário, acudiu Ferrari.

— Bem; a segunda é que faças penitências como um preparativo á tua completa regeneração.

— Oh! tudo o que fôr necessário!

Assentadas as coisas deste jeito, Ferrari começou uma vida de crueis mortificações. Cingiu aos ombros um cilício, que lhe sangrava as carnes constantemente. As horas, que não dava ás práticas e orações do ritual ou aos serviços da comunidade, empregava-as em penitências e castigos de toda a espécie. Passava muitas noites, de

bruços, nas pedras do claustro, ora mudo e como defunto, ora a pedir perdão de suas iniquidades. Outras vezes, passeava durante muitas horas, e das celas contíguas ouviam-lhe estas palavras soltas e sem sentido aparente:

— Assinaturas .. comissão ... Castelões ... Volpini.. Vinte por cento ... *Ohimé!!*

Mais de uma vez foi visto, com os braços erguidos para o lado do ocidente, ficando longo tempo nessa posição, sem discrepar uma linha.

Noutras ocasiões, a penitência consistia em olhar para a ponta do nariz, como os bonzos. Tãmanhas e tão continuadas foram as mortificações; que o Provincial, ha cêrca de um mês, lhe disse estar cumprida a segunda das condições impostas.

— Para o meu êrro, creio, disse o noviço; mas os males que Satanaz ha de semear naquelas terras ...

— Não importa; professarás daqui a uma semana.

Passada uma semana, durante a qual as penitências do noviço foram exemplares, marcou-se o dia da profissão. O nosso correspondente assistiu a essa cerimônia, e escreve-nos dizendo que a fisionomia do novo mendicante é a mais ascética e espiritual que se pôde iimaginar. A cerimônia foi a um tempo imponente e tocante.

No fim, cingido o hábito, e obtida a vênia do Provincial, frei Ferrari subiu ao púlpito e fez uma breve e eloquente prática a todos os circunstan-

res, tomando por t ema este versículo de Habacuc, i, 15: «Tudo levantou com o anzol e ajuntou na sua r ede». O ex rdio foi uma obra-prima. Comparou o mundo a um grande lago, cujas águas são turvas e lodosas. As almas são os peixes que as habitam, uns graudos, outros miudos, e na maior parte fáceis de pescar. Satanaz   o torvo pescador. Destro no ofício, senta-se ele   margem e lança   água o anzol do pecado, com a isca dos prazeres mundanos. A alma que passa nem sempre tem a fôrça de aceitar a fome temporária para ganhar a saciedade eterna. Não! a alma   gulosa do pecado, como o ouvido   guloso da música. Trinca a isca; o pescador puxa o anzol; o eterno suplício a espera.

Outras vezes, nem   preciso anzol; basta a r ede. A humana credulidade torna facil a pesca. Pelas malhas da r ede diabólica penetram todos os peixes, ou sejam tubarões ou sardinhas. Ha casos em que os tubarões entram mais facilmente do que as sardinhas. Então, o pescador arrasta a r ede   praia, e com ela o fruto de uma hora de paciência.

«Quando aprendereis,   homens (clamou o pr gador em um rapto de magnífica eloquência), quando aprendereis a resistir   r ede e ao anzol? Quando chegareis a conter a fome, antes do que morder um verme illus rio? quando alcan areis nadar nas águas do mundo, sem penetrar as malhas da r ede infernal? E que por elas entrem as sar-

dinhas e os camarões, compreende-se; mas a vós falo, ó tubarões, a vós, que sois graúdos e es-pertos, porque vos deixais cair nas malhas cruentas do pecado? Sábio é o peixe que não desdenha a isca, mas quer primeiro examinar o anzol; sábio é o peixe que não move as barbatanas sem ver si tem diante de si uma rêde ou simplesmente a água livre.

Segundo o nosso correspondente, este pálido resumo apenas pôde dar idéa do que foi o soberbo discurso do novo mendicante. A peroração tocou por vezes o sublime; e ainda mais sublime que tudo foi a humildade com que frei Ferrari, começando a ouvir os festivos emboras que lhe mereceu tão magnífica estréa, deitou a fugir e foi encerrar-se na cela, donde só saiu no dia seguinte. Este exemplo de modéstia conquistou de uma vez todos os corações da cidade.

Nápoles não conhece hoje outro assunto de conversa, e, diremos mais, de meditação. Como sempre acontece, a imaginação popular dá maiores proporções á realidade; e, contudo, esta é bastante para encher a todos de assombro. Raras vezes terá sucedido um caso tão cheio de peripécias, tão entremeado de miséria e grandeza. Essa história, que começa numa simples palestra no Rio de Janeiro e acaba com a entrada vertiginosa no convento dos mendicantes; o pacto com Satanaz, o arrependimento, o remorso, a recusa dos cabedais e do poder, ha em tudo isso uma côr shakespeariana, uma feição trágica. Não inspirará este as-

sunto alguma coisa aos nossos poetas dramaticos? Já daqui imaginamos o efeito que ha de tirar disto algum Shakespeare do futuro. Variedade do cenário: Nápoles, Rio de Janeiro, Buenos-Aires; tarantelas e seguidilhas; modinhas e cantochão. Satanaz empresário; um empresário monge; o real e o sobrenatural. Ah! si o divino autor do *Hamlet* pudesse ler um caso assim na crônica da idade média!

Esta notícia não seria completa, si não tocassemos em dois pontos.

O primeiro é a missão que tomou em seus ombros o novo frade de converter todos os empresários de teatro; sejam dramaticos ou líricos, e não só os empresários, sinão também os próprios artistas e maestros. *Insaniam incensium*: esta expressão, de um grande doutor, entrou profundamente na alma do mendicante, que já começa a ver o resultado de seus esforços. Todos os teatros de Nápoles estão fechados; a Volpini retirou-se a uma ermida nos confins da Boêmia; Verdi fez-se escrivão de defuntos.

O segundo ponto é a situação em que vão achar-se dentro de poucas semanas os habitantes do Rio de Janeiro. Supondo que tem consigo o incansavel empresário, que foi o revelador da *Aída* e do *Bolis*, tem simplesmente o espírito das trevas, que copiou a figura de Ferrari para melhor colhê-los na sua rede.

Tão grave perigo precisa ser conjurado por todos os modos, e nós já nos havíamos lembrado

de aconselhar várias fórmulas e usos de exorcismo; entre estes, o uso de queimar arruda, que é poderoso contra más tentações.

Entretanto, o nosso correspondente, em carta escrita á última hora, e recebida quando este artigo já estava no fim, refere-nos a entrevista que tivera com o mendicante, a propósito da empresa do diabo.

— Não lhe parece, disse ele, que os habitantes do Rio de Janeiro vão correr grande perigo, si allí penetrar o novo empresário, e que ha da sua parte tal ou qual obrigação de lhes desviar a espada de sobre a cabeça?

— Penso que sim.

— Que remédio lhe parece que...

— Parece-me que o melhor de todos é a habilidade, a cautela.

— Prendê-lo para averiguações?

— Não.

— Deixá-lo ficar?

— Sim. Deixá-lo acabar de encher a lista das assinaturas..

— Mas não ir ao teatro?

— Ir ao teatro; dar-lhe até enchentes; mostrar que se ignora a simulação; proceder com toda a cautela, até vê-lo sair. Uma vez saído, resta ao povo fluminense o recurso do corvo:

Jurer, mais un peut tard, qu'on ne l'y prendra plus...

O *Cruzeiro*, 21 maio, 1878.

CRÍTICA LITERÁRIA

I

Compêndio da Gramática Portuguesa, por Vergueiro e Per-
tence. — *Á memoria de Pedro V*, por Castilhos, Antonio
e José. — *Memória acêrca da 2.^a égloga de Virgílio*,
por Castilho José. — *Mãe*, drama do sr. conselheiro
José de Alencar. — Desgôsto pela política.

Será alguma vez tarde para falar de uma obra útil? Tenho que não, e si o público é do mesmo parecer, certamente me desculpará, julgando, como eu, que ainda não é tarde para falar do *Compêndio da Gramática Portuguesa* dos srs. Pertence e Vergueiro.

Sou dos menos competentes para avaliar pelo justo e pelo miúdo a importância e superioridade de uma gramática. Esta franqueza não me tolhe de escrever as impressões recebidas por alto, e habilita-me a não dar conta da pobreza e nudez de minha frase.

Sempre achei que uma gramática é uma coisa muito séria. Uma boa gramática é um alto serviço a uma língua e a um país. Si essa língua é a nossa, e o país é este em que vivemos, o ser-

viço cresce ainda e a emprêza torna-se mais difícil. Quando se consegue o resultado alcançado pelos srs. Pertence e Vergueiro tem-se dado material para a estima e a admiração dos concidadãos.

Ha na gramática dos srs. Pertence e Vergueiro aquilo que é necessário ás obras desta natureza, destinadas á estabelecer no espirito do aluno as regras e as bases, sobre as quais se tem de assentar a sua ciência filológica: o método do plano e a limpidez e concisão das definições.

Metódico no plano e claro na definição, não sei que hajam outros requisitos a desejar no autor de uma gramática, a não ser o conhecimento profundo da língua que fala, e esse, pela parte do sr. dr. Pertence, a quem conheço, é dos mais raros e incontestados.

Na análise sintáctica, principalmente, os autores do *Compêndio* trataram com minuciosidade todas as questões, expuseram todas as regras, esclareceram todas as dúvidas, com uma precisão e uma autoridade raras em tais livros.

Julgo que o mérito do *Compêndio* está pedindo a sua adoção imediata nas escolas; vulgariza preceitos de transcendente importância, e que, pelo tom do escrito, acham-se ao alcance das inteligências menos esclarecidas.

*
**

Aproveito a ocasião, e tocarei em algumas obras ultimamente publicadas. Cai-me debaixo dos

olhos o *Monumento*, que, á mimória de el-rei D. Pedro V, esgueram os srs. Castilhos, Antonio e José.

Abre esta brochura por uma peça poética do sr. Castilho Antonio. Não ha ninguem que não conheça essa composição que excitou pomposos e entusiásticos elogios. Antes de conhecer esses versos ouvi eu que nestes últimos tempos era a melhor composição do autor da *Noite do Castelo*. A leitura da poesia pôs-me em divergência com esta opinião.

Como obra de metrificaçã, acredito que ha razão para os que aplaudem com fogo a nova poesia do autor das *Cartas de Eco*, e nem é isso de admirar da parte do poeta. É realmente um grande artista da palavra, conhecedor profundo da língua que fala e que honra, um edificador que sabe mover os vocábulos e colocá-los e arrendá-los com arte, com o que tem enriquecido a galeria literária da língua portuguesa.

Na poesia de D. Pedro V esse mérito sobressai, e admira-se sinceramente muitas belezas de forma, agregados com arte, bem que por vezes venham marear a obra lugares-comuns desta ordem :

« Cá tudo é fausto e sólido ;
Cada hora é de anos mil ;
De idade a idade, medra-nos
Sempre mais verde abril ».

Não ha na parte da metrificaçã muito que dizer, mas falta á poesia do sr. Castilho Antonio

o alento poético, a espontaneidade, a alma, a poesia, enfim. O pensamento em geral é pobre e procurado, e na primeira parte da poesia, a das quadras esdrúxulas, a custo encontramos uma ou outra idéa realmente bela como esta:

«Limpa o suor da púrpura
Ao fúnebre lençol;
Vai receber a fêria;
Descansa; é posto o sol.»

Nem só o pensamento é pobre, como ás vezes pouco admissivel, sob o duplo ponto de vista poético e religioso. A descrição do paraíso feita pela alma do príncipe irmão parece mais um capítulo das promessas maomélicas do que uma página cristã.

Creio eu que a idéa cristã do paraíso celeste é alguma coisa mais espiritual e mística, do que a que se nos dá nas estrofes a que me refiro. Não supõe por certo um poeta cristão que o Creador de todas as coisas nos acene com *salas de ouro e pórjuro, tectos azues, tripúdios entre prados feiticeiros, colinas e selvas umbríferas*, e outros deleites de significação toda terrena e material.

Si descrevendo os gozos futuros por este modo quis o poeta excitar as imaginações, adquiriu direito sómente ás adorações daqueles filhos do Koran a quem o profeta acenou com os mesmos deleites e os mesmos repousos. Em nome da poesia e em nome da religião, o autor de *Ciumes do*

Bardo devia lisonjear menos os instintos e as sensualidades humanas, e pôr no seu verso alguma coisa de mais apuro e de mais elevado.

Ha ainda na primeira parte da poesia certas imagens singulares e de menos apurado gôsto poético:

Tal é por exemplo esta:

«Onde, entre as frescas árvores
Da vida e da ciência,
Nos rulha a pomba mística
Ternuras e inocência».

Ou estoutra:

«E foi, entre os heroicos,
Teus dons fascinadores,
Como um argênteo lírio
Em vasos de mil flôres».

A segunda parte da poesia é escrita em verso alexandrino.

Aqui a forma cresceu de formosura e de arte, e por ventura o pensamento appareceu menos original.

O verso prestava-se e o poeta é nele eminente e único. O alexandrino é formosíssimo, mas escabroso e difícil de tornar-se harmonioso, talvez porque não está geralmente adotado e empregado pelos poetas da língua portuguesa.

O autor das *Cartas de Eco* vence todas essas difficuldades dando-lhe admiravel elasticidade e harmonia.

Esta estrofe merece ser citada, entre outras como exemplo de poesia:

« Quem, entre tão geral, tão mísera orfandade,
Se atreve a mendigar, em nome da saudade,
Um frio monumento, um bronze inerte e vão!
Temem deslumbre um pai? Que pedra iguala a história?
Um colosso caduco é símbolo da glória?
Si a pirâmide assombra, os Faraós quem são? ».

Acompanham esta poesia algumas estrofes; umas, a D. Fernando, outras, ao rei actual. As primeiras, duas apenas, estão bem rimadas, mas trazem a mesma indigência de pensamento que fiz notar na primeira parte da poesia a D. Pedro V. As segundas, sobre serem bem metrificadas e harmoniosas respiram alguma poesia, e estão adequadamente escritas para saudarem um reinado.

O que aí vai escrito são rápidas impressões vertidas para o papel, sem ordem, nem pretensão a crítica. Si me estendi na menção daquilo que chamo defeitos da poesia do sr. Castilho Antonio, mestre na literatura portuguesa, é porque póde induzir em erro os que forem buscar lições nas suas obras; é comum aos discípulos tirarem aos mestres o mau de envôlta com o bom, como ouro que se extrái de envôlta com terra.

A parte do livro que pertence ao sr. Castilhó José, é uma biografia do rei falecido. Louvando o ponto de vista patriótico e a firmeza do juízo do biógrafo, quisera eu que, em estilo mais simi-

ples, menos amaneirado, nos fôsse contada a vida do rei. Estou certo de que seria mais apreciada. Entretanto deu-nos o sr. Cartilho José mais uma ocasião de apreciar os conhecimentos profundos da língua que possui.

*
**

Outro trabalho do sr. Castilho José é uma *Memória* publicada há dias, para provar que não havia em Virgílio hábitos pederastas. A *Memória* é escrita com erudição e proficiência; o sr. Castilho José é induzido a negar a crença geral, por ser a 2.^a égloga do Mantuano uma imitação de Teócrito, por nada ter de pessoal e por parecer uma alegoria, personificando Córídon o gênio da poesia e Alexis a mocidade.

Diante desta questão confesso-me incompetente; todavia ha uma observação ligeira a fazer ao sr. Castilho José. O confronto entre Teócrito e Virgílio não leva a concluir do modo por que o sr. Castilho José conclue. Teócrito trata do amor entre Polifemo e Galatée, e Virgílio deplora os desdens de Alexis por Córídon. Isto parece antes provar que Teócrito estava limpo dos defeitos que a égloga virgiliana acusa.

O trabalho do sr. Castilho José, no ponto de vista moral e de investigação, tem um certo e real valor.

*
**

Acaba de publicar-se o drama do sr. conselheiro José de Alencar intitulado: *Mãe*, já representado no teatro Ginásio.

Por este meio está facilitada a apreciação, a frio e no gabinete, das incontestáveis belezas dessa composição. O autor das *Azas de um anjo* é um dos que melhor reúnem os requisitos necessários a um autor dramático.

Ponho ponto final a estas ligeiras apreciações, desejando que outras obras vão aparecendo e distraíndo a apatia pública.

*
**

Hoje é necessário que alguma coisa assim satisfaça e entretenha o espírito público, desgostoso e enjoado com as misérias políticas de que nos dão espetáculo os homens que a aura da fortuna, ou o mau gênio das nações, colocou na direção, patente ou clandestina, das coisas do país.

Causa tédio ver como se caluniam os caracteres, como se deturpam as opiniões, como se invertem as idéas, a favor de interesses transitórios e materiais, e da exclusão de toda a opinião que não comunga com a dominante. Para este resultado nem os mais altos escapam, e é tecendo defesas gratuitas ao príncipe que se procura provar a má fé alheia e os próprios fervores.

Nem fazem rir como D. Quixote, porque o namorado de Dulcinéa, investindo para os moínhos de vento, nem armava á recompensa, nem queria medir amores por lançadas. Tinha a boa fé da sua mania, e a sinceridade do seu ridículo. Estes não.

Diario do Rio de Janeiro, 22 fevereiro, 1862.

FLÔRES E FRUTOS

Poesias por Bruno Seabra, 1862, Garnier, Editor.

Li ha muito tempo um livrinho de versos que tinha por título *Divan*, e que estava assinado por Augusto Soromenho. O título do livro era o mesmo de uma coleção de poesias de um poeta turco, creio eu. Achei-lhe graça, facilidade, e sobretudo novidades tais, que tornavam os versos de Soromenho de uma beleza única no meio de todos os gêneros.

O livro que o sr. Bruno Seabra acaba de publicar sob o título de *Flôres e Frutos* veio mostrar-me que o gênero e as qualidades do Soromenho podiam aparecer nestas regiões com a mesma riqueza de graça, facilidade de rima e virgindades de idéas. Abrangendo mais espaço do que a brochura do *Divan*, os versos do sr. dr. B. Seabra respondem a diversos écos do coração ou do espírito do poeta. A esta vantagem do sr. B. Seabra junte-se a de haver no poeta brasileiro

certos toques garrettianos mais pronunciados do que no poeta portuense. Demais, o livrinho de Soromenho era um desenfado; o livro do sr. B. Seabra é um ensaio, uma prova mais séria para admissão no lar das musas.

A própria divisão do livro do sr. B. Seabra exprime o maior espaço que a sua inspiração abrange.

A primeira parte intitula-se *Aninhas*; a segunda, *Lucrécias*; a terceira *Dispersas*.

Na primeira estão compreendidas as impressões frescas da mocidade e as comoções ingênuas e cândidas do coração do poeta. A sua musa vaga pela margem dos ribeiros e pelos vergéis onde absorve a santa e vivificante aura do amor.

A ingenuidade dos affectos está traduzida na simplicidade da expressão.

É a poesia louca de que fala um crítico eminente.

Essa, quando verdadeira e simples, é rara e inestimável. Poucos a tem simples e verdadeira; e os que á fôrça de torturarem a imaginação querem alcançar e produzir aquilo que só da espontaneidade do coração e da natureza do poeta pôde nascer, apenas conseguem arrebicar a inspiração sem outro resultado. É o caso do pintor antigo que buscava enriquecer a sua estátua de Venus não podendo imprimir-lhe o cunho da beleza e da graça.

Esta qualidade, quaisquer que sejam as reservas que a crítica possa fazer, é um motivo pelo

qual saúdo com entusiasmo o livro do sr. B. Seabra.

A poesia *Na Aldeia*, a primeira da primeira parte, parece destinada a dar a idéa resumida do sentimento que inspira as *Aninhas*. Veja o leitor esta estrofe:

« Olha! que paz se agasalha
« Nesta casinha de palha,
« Á sombra deste pomar!
« Olha! vê! que ameninade!
« Abre a flôr da mocidade
« Na soleira deste lar!

E esta outra:

« Que valem vaidosos fastos,
« Quando os corações vão gastos
« De affectos, de amor, de fé?
« A ventura verdadeira
« Vive á sombra hospitaleira
« Da casinha de sapé ».

Entremos na segunda parte. Cala-se o coração do poeta. A primeira poesia, *Nós e vós*, recomenda logo ao leitor as demais *Lucrécias*.

Teresa, Moreninha, A filha do mestre Anselmo, Inês, são composições de notavel merecimento. *Teresa e Moreninha*, principalmente.

Sinto não poder transcrevê-las aqui. O poeta assiste á saída de Teresa e seu noivo da igreja onde se foram casar:

« Olhem como vem pimpona!
« É uma senhora dona,
« Reparem como ela vem... »

Depois de notar a mudança que o casamento havia operado na volúvel Teresa diz-lhe o poeta:

Adeus, senhora Teresa!
 Salve o pobre na pobreza
 Que isso não lhe fica bem.
 Soberba com seu marido,
 Soberba com seu vestido,
 Deixe-se de soberbias,
 Lembre-se daqueles dias
 Á sombra dos cafezais...
 Descóra... não tenha mêdo!
 Vá tranqüila que o segrêdo
 Da minha boca... jamais...

Tenho minguia de espaço. Citarei apenas esta primeira estrofe da *Moreninha*, como amostra de graça e facilidade:

— Moreninha, dá-me um beijo?
 — E o que me dá, meu senhor?
 — Este cravo...

— Ora, esse cravo!
 De que me serve uma flôr?
 Ha tantas flôres nos campos!
 Hei de agora, meu senhor,
 Dar-lhe um beijo por um cravo?
 É barato; guarde a flôr.

As cinzas de um livro, com que o poeta pôs fecho ao livro, revela as qualidades de forma de todos os versos, mas não me merece a menção das páginas antecedentes: *Cinzas de um livro* é o contraste de *Aninhas*; *Aninhas* me agradam mais, pelo sentimento que inspiram e pelas impressões que deixam no espírito de quem as lê.

Reservas á parte, as *Flôres e Frutos* do sr. B. Seabra revelam um talento que se não deve perder e que o poeta deve ás musas pátrias. Não dá animações quem precisa de animações, com títulos menos legítimos, é verdade; mas tudo quanto um moço pode dar a outro, eu lhe darei, apertando-lhe sincera e cordialmente a mão.

Diario do Rio de Janeiro, 30 junho 1862.

III

REVELAÇÕES

Poesias de A. E. Zaluar, Garnier, editor, 1863.

Dois motivos me levam a falar do livro do sr. A. E. Zaluar; o primeiro, é o próprio merecimento dele, a confirmação que essas novas páginas trazem ao talento do poeta; o segundo, é ser o autor das *Revelações* um dos que conservam mais viva a fé poética e acreditam realmente na poderosa influência das musas.

Parece, á primeira vista, coisa impossivel, um poeta que condene a sua própria missão, não acreditando nos efeitos dela; mas, si se prescrutar cuidadosamente, ver-se-á que este fenomeno é, não só possivel, como até não raro.

O tom sinceramente elegíaco da poesia de alguns dos mestres contemporâneos deu em resultado uma longa enfiada dêsses filhos das musas, aliás talentosos, em cuja lira a desconfiança e o abatimento tomam o lugar da fé e da aspiração.

Longe a idéa de condenar os que, após longa e dolorosa provação, sem negarem a grandeza de

sua missão moral, soluçam por momentos desconsolados e desesperançados. Dêsses sabe-se que a cada gôta de sangue que lhes tinge os lábios corresponde um rompimento de fibras interiores; mas entre êsses sofrimentos, muitas vezes não conhecidos de todos, e o continuado *lama sabactani* dos pretendidos infelizes, ha uma distância que a credulidade dos homens não deve preencher.

Não se contesta ás almas poéticas certa sensibilidade fóra do comum e mais exposta por isso ao choque das paixões humanas e das contrariedades da vida; mas não se estenda essa faculdade até á *sensiblerie*, nem se confunda a dôr espontânea com o sofrimento calculado. A nossa língua tem exatamente dois termos para exprimir e definir essas duas classes de poetas; uns serão a *sensibilidade*, outros a *susceptibilidade*.

Dêstes últimos não é o autor das *Revelações*, o que no tempo presente é um verdadeiro mérito e um dos primeiros a serem apontados na conta da análise.

Análise escapa-me aqui, sem indicar de minha parte intuito determinado de examinar detida e profundamente a obra do sr. Zaluar. Em matéria de crítica o poeta e o leitor têm direito a exigir do escritor mais valiosos documentos que os meus; esta confissão, que eu sempre tenho o cuidado de repetir, deve relevar-me dos erros que cometer e dispensar-me de um longo exame. É como um companheiro da mesma oficina que eu leio os

versos do poeta, e indico as minhas impressões. Nada mais.

O primeiro volume com que o sr. Zaluar se estreou na poesia intitulava-se *Dôres e Flôres*; foi justamente apreciado como um primeiro ensaio; mas desde então a crítica reconheceu no poeta um legítimo talento e o admitiu entre as esperanças que começavam a florir nesse tempo.

As torturas de Bossuet para descrever o sonho da heroína servem-me de aviso nesta conjuntura, mas tiram-me uma das mais apropriadas figuras, com que eu poderia definir o resultado mau e o resultado bom dessas esperanças nascentes.

Direi em prosa simples que o autor das *Dôres e Flôres* foi das esperanças que vingaram, e pode atravessar os anos dando provas do seu talento sempre desenvolvido.

O que é pena (e é essa a principal censura a fazer ás *Revelações*) é que durante o longo período que separa os dois livros o poeta não acompanhasse o desenvolvimento do seu estro com maior cópia de produções, e que no fim de tão longa espera o novo livro não traga com que faltar largamente tantos desejos. Mas, sendo assim, o que resta aos apreciadores do talento do poeta é buscar no insuficiente do livro as sensações a que ele os acostumou.

Para ser franco cumpre declarar que ha reservas a fazer, e tanto mais notaveis, quanto se

destacam sensivelmente no fundo irrepreensível do livro. Mais de uma vez o poeta, porque escrevesse em horas de cansaço ou fastio, sai com a sua musa das regiões etéreas para vir jogar terra á terra com a frieza das palavras; esses abatimentos, que, por um singular acaso, na divisão do livro acham-se exatamente em ordem a indicar as alternativas dos vôos da sua musa, servem, é certo, para pôr mais em relêvo as suas belezas incontestáveis e as elevações periódicas do seu estro.

Pondo de parte esses fragmentos menos cuidados, detenho-me no que me parece traduzir o poeta. Aí, reconhecem-se as suas qualidades, sente-se a sua poesia melodiosa, simples, terna; a sua expressão conceituosa e apropriada; a abundância contida do seu estro. Sempre que o poeta dá passagem ás comoções de momento, a sua poesia traz o verdadeiro e primitivo sabor, como na *Casinha de sapê* e outras.

A parte destinada á família e ao lar, que é por onde começa o livro, traz fragmentos de poesia melancólica, mas não dessa melancolia que anula toda a ação do poeta e faz ver na hora presente o comêço de continuadas catástrofes. É êsse um assunto eterno de poesia; a recordação da vida de criança, na intimidade do lar paterno, onde as mágoas e os dissabores, como os raios, não chegam até as plantas rasteiras, não passando dos carvalhos; essa recordação na vida do homem feito,

é sempre causa a lágrimas involuntárias e silenciosas; as do poeta são assim, e tão medrosas de aparecer, que essa parte do livro é a menos farta.

Ejêmeras é o título da segunda parte do livro. Aí reuniu o poeta as poesias de assunto diverso, as que traduzem affectos e observações, os episódios íntimos e rápidos da vida.

Arrufos é uma das poesias mais notaveis dessa parte; é inspirada visivelmente da musa facil de Garrett, mas com tal felicidade, que o leitor, lembrando-se do grande mestre, nem por isso deixa de lhe achar um especial perfume.

Não acompanharei as outras efêmeras de merecimento, como sejam *A Confissão*, *Perdão*, etc. O livro contém mais duas partes; uma, onde se acham algumas boas traduções do autor, e versos que lhe são dedicados por poetas amigos; outra que toma por título *Harpa Brasileira*, onde estão as poesias *A casinha de sapê*, *O ouro*, *o Filho das florestas*, *A flôr do mato*, os *Rios*, etc.

Da *Casinha de sapê* já disse que é uma das melhores do livro; acrescentarei que ela basta para indicar a existência do fogo sagrado no espirito do poeta; a melancolia do lugar é traduzida em versos que deslisam suave, espontânea e naturalmente, e a descrição não pôde ser mais verdadeira.

Para apreciação detida do leitor, dou aqui algumas dessas estrofes:

« No cimo de um morro agreste,
Por entre uns bosques sombrios,
Onde conduz uma senda
De emaranhados desvios,
Uma casinha se vê
Toda feita de sapê!

« Suave estância! Parece,
Circundada de verdura,
Como um templo recatado
No seio da espessura;
Naquelles ermos tão só
Não chega do mundo a voz!

« Apenas uma torrente,
Que brota lá dos rochedos,
Murmura galgando as penhas,
Suspira entre os arvoredos!
Tem ali a natureza
A primitiva beleza!

« Lá distante... inda se escuta
Ao longe o bramir do mar!
Ouvem-se as vagas frementes
Nos alcantis rebenter!
Aquele eterno lamento
Chora nas asas do vento!

« Mas na casinha, abrigada
Pelos ramos das mangueiras,
Protegida pelas sombras,
Dos leques das bananeiras,
Aquele triste clamor
É como um gênio de amor!

«Eu e Júlia nos perdemos
 Na senda, uma vez, do monte;
 Ao sol-posto — côr de lírio
 Era a barra do horizonte;
 Toda a terra se cobria
 D'um véu de melancolia!

«O meu braço segurava
 O seu corpo já pendido
 Às emoções, ao cansaço,
 Como que desfalecido.
 Seus olhos com que doçura
 Se banhavam de ternura!

«Paramos no tosco ang'lo
 Da montanha verdejante.
 Era deserto. Não tinha
 A ninguem por habitante!
 Só no lar abandonadas
 Algumas pedras tismadas!

..... ..

A flôr do mato, o Ouro, o Filho das Selvas são também, como esta, de mérito superior.

No prefácio do livro, o sr. Zaluar dá á poesia *Os Rios* como o élo entre os seus volumes publicados e outró cuja publicação anuncia. Aí pretende ele entrar na contemplação séria da natureza e do infinito. Tendo atingido á completa virilidade do seu talento, o autor das *Revelações* compreende, e compreende bem, que é hora de sair inteiramente do ciclo das impressões individuais. Já, como ele mesmo observa, algumas das

poesias deste livro fazem pressentir essa tendência.

Direi que já era tempo, e, sem a menor intenção de fazer um comprimento ao poeta, acrescento que a poesia ganhará com os seus prometidos tentames.

E si fôsse dado a qualquer indicar caminho ás tendências do poeta e modificar-lhe as intenções, eu diria que, não só a essa contemplação do infinito e da natureza, mas também á descoberta e consolação das dôres da humanidade devia dirigir-se a sua musa.

Ela tem bastante comoção, nas palavras para consolar as misérias da vida e embalsamar as feridas do coração.

Em resumo, o livro do sr. Zalvar é, como disse ao princípio, uma confirmação de que não precisava o seu talento. A poetas como o autor das *Revelações*, não ha mistér de *exortações* e conselhos; ele sabe que a condição do talento é trabalhar e utilizar as suas fôrças. O tempo para os dons do espírito é um meio de desenvolvimento, a inspiração que se aplica, cresce e se fortalece, em vez de diminuir e esgotar-se. As *Revelações* são uma prova disto. É principalmente a respeito da poesia que tem applicação o dito de Buffon:— *A velhice é um preconceito.*

Diario do Rio de Janeiro, 30 março 1863.

IV

CRÍTICA

A Constituinte perante a história, pelo sr. Homem de Melo.
— *Sombras e Luz*, do sr. B. Pinheiro.

Encetando hoje estas conversas, não posso dissimular o sentimento de tristeza que me domina.

Olho em tórno de mim e não vejo mais na arena aquela plêiade ardente que vinha todas as semanas, ao rés do chão, entrar nas justas literárias. Uns, levou-os a morte, outros prendem-se a cuidados mais sérios, alguns enfim foram-se para as justas políticas, e o folhetim, o garrido, o ameno, o viçoso folhetim perdeu os seus amigos e os seus leitores.

E contudo sempre me pareceu que o folhetim era uma função obrigatória e exclusiva, para a qual nunca devia soar a hora da morte ou a hora da política. Era um êrro.

Tout arrive, dizia Tayllerand, e foi preciso que eu visse o facto para acreditar que tambem ao folhetim devia chegar a hora da política e a hora da morte.

Nos bons tempos do folhetim era digna de ver-se a luta.

O estímulo entrava por muito no trabalho de cada um, do que resultava trabalharem todos com maior proveito e glória. Hoje a melhor vontade ha de nulificar-se no meio do caminho. É uma voz no deserto, sem éco nem competidores.

E é por isso que eu ficarei mui embaraçado si os leitores me perguntarem a que venho, eu, que nem tenho as razões de talento do mais ínfimo de outrora.

Não sei, é a minha resposta; e não creio que melhor se possa dar em grande número de circunstâncias da vida.

Venho talvez para nada.

Sobre a extemporaneidade desta aparição ha ainda a esterilidade dos tempos, do que se poderia tirar uma conclusão: é que si os homens não abandonassem o folhetim, o folhetim seria abandonado pelos acontecimentos.

Para conservar-se a gente segregada da repartição política, diga-me o leitor, onde irá buscar matéria?

Na imaginação, responderá, o que eu acharia bem respondido, si a imaginação fôsse nestas coisas matéria-prima, e não um simples condimento especial.

O que é certo é que nas notas que tomei para organizar estas páginas apenas encontro tres assuntos. E pelo tom em que elas vão escritos

posso acertadamente dizer que vão *mais cheios de queixas que de caixas*, como das frotas de assucar da Baía anunciava o padre Antonio Vieira.

Mas é preciso dar de mão ás queixas para tratar das caixas.

Resume-se a minha bagagem da semana em dois livros e uma estréa.

O primeiro dos livros é uma reivindicação histórica escrita pelo sr. Homem de Melo, um dos mais notaveis talentos nacionais, no qual o veredor dos anos corre de par com a erudição e a proficiência literária. O título do livro é — *A Constituinte perante a história*. Trata o sr. Homem de Melo de provar que o período da Constituinte ainda não foi justamente apreciado pelos contemporâneos.

Um desejo constante de acertar, tanto na ordem das idéas, como na ordem dos factos, eis o que se nota nos escritos do sr. Homem de Melo. É o que eu tive ainda ocasião de notar no pequeno mas excelente artigo que ele publicou na *Biblioteca Brasileira*, a respeito do golpe de Estado de 1832.

O pensamento do sr. Homem de Melo é altamente patriótico. Ele quer liquidar imparcialmente o passado para tornar mais facil o inventário das nossas coisas aos historiadores do futuro. É difficil a tarefa, nem o sr. Homem de Melo o dissimula: julgar a frio os homens de quem parece ouvir-se ainda os passos no caminho do nosso passado po-

lítico, violentar as nossas afeições, modificar as nossas antipatias, é uma obra de consciência e de coragem, digna e honrosa, é certo, mas nem por isso fácil de empreender.

Compenetrado desta verdade, o sr. Homem de Melo procura e consegue evitar o perigo. Para esse resultado, em que toma parte a consciência do escritor, tenho para mim que contribue no seu tanto a índole do homem.

É o sr. Homem de Melo de natural frio e meditativo. Parece que tem medo á precipitação e á involuntariedade, medo que sempre foi uma das primeiras virtudes do historiador.

Para estudiosos tais são necessários os louvores, não sómente como prêmio e animação a êsses, mas ainda como estímulo a outros. Que o sr. Homem de Melo prossiga nas suas investigações histórico-políticas e que outros o imitem em trabalhos tão sérios, é o mais legítimo desejo de quem ama a vitória do pensamento e da verdade.

Falei no que o historiador póde tirar da história; passarei a falar no que a história fornece ao romancista.

«Querem romances? pergunta Guizot. Porque não encaram de perto a história?»

*
**

Eis o que o sr. B. Pinheiro, romancista português, compreendeu desde que entrou no comér-

cio das letras. *Sombras e luz*, romance histórico, que tenho diante dos olhos, é o terceiro livro deste genero que o sr. B. Pinheiro dá á publicidade. *Arzila e a Filha do povo* foram os dois primeiros. Interrogar a vida pública e a vida íntima dos tempos que foram, eis a occupação predileta e exclusiva do autor.

Ele divide o tempo entre o estudo da história e o estudo dos modêlos.

Para descansar da consulta das crônicas vai ler Herculano e Walter Scott, seus autores favoritos; em se fatigando dêstes volta de novo aos infólhos dos velhos tempos.

Sombras e luz significam as glórias e os êrros do reinado de d. Manuel. Tais são as promessas que o autor nos faz no prefácio, e tal é o pensamento manifesto que domina o livro. É êste livro isento de defeitos? Francamente não, e o principal defeito não é decerto o pouco desenvolvimento que o autor deu ás bases indicadas no prefácio.

Declarando que o seu livro é um simples ensaio de romance histórico, como os precedentes, devia contudo o autor ter em vista uma explanação mais cabal do assunto, para o que não lhe faltava nem talento nem elemento de observação.

Disto resulta que os caracteres estão desenhados apressadamente, sem aquella demorada observação que o autor nos revela em muitas páginas. Tendo de ligar a ação imaginada á tela dos acontecimentos, o autor cuidou menos dos sentimentos

morais dos seus personagens, para tratar miudamente das situações e dos factos.

Em apoio desta observação citarei a visita que Eulália e Luiz, de volta de Hamburgo, fazem a Duarte Pacheco. É evidente que esta visita tem por único fim apresentar em cena o herói da Índia; mas reparou o autor na inverossimilhança desta visita de dois jovens, raptados em criança para terra estrangeira, e voltando ao país natal não havia muitas horas? Eles, que no exílio se ocultavam para falar a língua pátria, e que, pondo o pé em Lisboa, já vinham influenciados por uma simpatia mais terna, podiam acaso sentir aquela admiração e entusiasmo por Duarte Pacheco?

Mas deixemos este pormenor e entremos em uma apreciação mais larga. A minguada de espaço farei apenas uma observação, mas capital, no meu entender.

Eulália e Luiz, embora filhos de pais diversos, nunca tiveram conhecimento desse facto e antes se acreditavam irmãos. Como irmãos foram educados e por irmãos se tiveram em terra estranha. Que melhores elementos tinha o autor para enobrecer e fazer interessar os seus personagens? A afeição fraternal, aumentada na orfandade da pátria e da família, seria neles um vínculo nobre e apertado, legítimo e natural. Não creio que de outro modo pudessem interessar mais. Nele a protecção, nela o desvêlo, em ambos a dedicação mú-

tua, eis aí uma téla, que dava lugar aos quadros mais comoventes e interessantes.

Em vez disso, o autor, apenas voltam os dois irmãos a Portugal, apresenta-os como sentindo um affecto menos desinteressado que o de irmãos. É ao princípio um sintoma, mais tarde é um facto positivo que se manifesta, não já por uma cena de enleio, mas por uma cena de paixão, com todos os pormenores, sem faltar o beijo longo e absorvente.

Ora, quaisquer que sejam as razões que se apresentem em contrário, eu tenho esse amor por incestuoso. Não toma a educação grande parte nestas coisas? A fé em que estavam ambos do vínculo que os unia, não era um impedimento moral, não digo já á manifestação, mas ao nascimento de semelhante amor?

Em duas almas bem formadas, não bastaria isso para repelir tal sentimento?

É verdade que Luiz, desde o princípio, manifesta a desconfiança de que Eulália não é sua irmã; mas essa desconfiança não resulta de facto algum, é puramente uma desconfiança do coração, na qual sou forçado a ver menos involuntariedade do que parece haver.

Acontece justamente aquilo que eu não quizeria ver em uma obra, por muitos títulos recomendavel, como as *Sombras e Luz*.

Este amor é a glorificação dos instintos; os sentimentos morais não intervêm nele por modo nenhum.

O autor das *Sombras e Luz*, quero acreditá-lo, ha de convir comigo, que esta glorificação dos instintos, a despeito da vitória que lhe dê o favor público, nada tem com a arte elevada e delicada. É inteiramente uma aberração, que, como tal, não merece os cuidados do poeta e as tintas da poesia.

Faço esta observação com plena liberdade, podendo, em compensação, mencionar o muito que ha para louvar nas *Sombras e Luz*. Abundam nesse romance as situações pitorescas, o colorido da descrição; o estilo é correcto, puro e brilhante; o dialogo vivo e natural.

O que sobre tudo recomenda o livro e o autor é a convicção com que este se enuncia, tanto no entusiasmo pelas boas idéas e os grandes factos, como na repulsão dos successos odiosos e dos princípios errôneos. É este o meio seguro de interessar o livro e arrastar o leitor.

Falo assim por experiência. Foi-me preciso ler e reler o capítulo X e a nota correspondente, para dar o justo valor á illusão em que o autor está acêrca dessa formação de um tribunal comum a todos os povos e essa universalidade de dedicações á causa da verdade.

Entre os que acreditam isso impossivel e os que, com o sr. B. Pinheiro, estão convencidos da sua praticabilidade, ha um meio termo que é a minha opinião.

Todos devemos crer no progresso e na vitória da justiça; mas o que presenciemos actualmente não alimenta a esperança de ver a sociedade universal depender, como diz o autor, *da vontade de um govêrno, do govêrno inglês, por exemplo.*

Esse parlamento comum a todos os povos seria uma simples transformação da instituição diplomática. Haveria as mesmas cabalas, o mesmo successo de fôrça numérica, a mesma violência das leis do justo e do honesto. Que o autor manifestasse a esperança de ver o mundo, após o trabalho incessante dos filósofos e dos pensadores, chegar a um estado de poder aproximar-se da realização de um tal sonho, é o que assentaria bem na sua imaginação de poeta; mas daqui até lá quantas gerações não voltarão ao pó, e quantas vezes não ha de a justiça cobrir o rosto de vergonha?

Nesta crítica á convicção íntima do auctor é ainda um elogio que lhe faço rendendo preito á sinceridade do entusiasmo de que ele se toma pelas idéas humanitárias e grandiosas.

Em resumo, *Sombras e Luz*, salvo os reparos que ligeiramente fiz, merece a atenção dos escriptores; é mais uma prova que o sr. B. Pinheiro nos dá de que toma a peito aperfeiçoar-se no género que encetou. Estou certo de que com o talento e a observação que possui desenvolverá, mais e mais, os já tão desenvolvidos elementos que se encontram nas *Sombras e Luz*.

*
**

Resta-me falar da estréa do sr. Cesar de Lacerda, actor portuguez, que estreou no Teatro Lírico, no papel de Carlos do *Cinismo, cepticismo, e crença*.

A estréa do artista, o objecto do espectáculo (era uma obra de beneficência), a variedade do programa, o concurso de artistas como Artur Napoleão e Rafael Croner, sendo que este fazia-se ouvir pela última vez, todos esses motivos deram lugar a uma enchente de espectadores.

Minhas impressões ácerca do sr. Cesar de Lacerda foram das melhores.

Dotado de uma agradável presença, sua entrada em cena foi simpaticamente recebida.

Pertence o sr. Cesar de Lacerda a uma boa escola. O gesto natural, sóbrio, elegante, a fisionomia insinuante e móbil; a dicção correcta; a gravidade, a naturalidade, eis o que faz ver no sr. Cesar de Lacerda um minucioso e aproveitado estudo dos princípios e recursos da arte.

Fazia um papel em que uma aptidão inferior teria roçado pela exageração, e soube sem empalidecê-lo nem exagerá-lo, dar-lhe esse tom natural e próprio que os sentidos delicados gostam de ver em tais creações.

A maneira distinta com que representou fez dissimular o timbre da sua voz, de algum modo desagradavel, cujo efeito as dimensões do teatro de maneira alguma podiam atenuar.

Os aplausos que recebeu no fim da peça, mereceu-os; espero agora o seu aparecimento em um novo papel, para confirmar as impressões anteriores, ou observar o que, por ventura, me sugerir a nova estréa.

Como disse acima, era a noite em que o sr. Rafael Croner se despedia de nós. Tocou umas variações no saxofone; foi como sempre. A platéa deu-lhe nos últimos aplausos os últimos adeuses, como eu lh'os dou nestas últimas linhas, lamentando a ausência de um artista que, por seu talento e proficiência, onde pisa, conquista admiradores.

Diario do Rio de Janeiro, 24 agosto 1863.

CRÍTICA

Peregrinação pela província de S. Paulo, por A. E. Zalar, 1863, Garnier, Editor.

Não sei que hajam muitas coisas acima do prazer de viajar. Viajar é multiplicar a vida. De país em país, de costumes em costumes, o homem que nasceu com propensão e gosto para isso, renova-se e transforma-se. Mas, fique bem claro; é preciso ter gosto e propensão; é preciso ser poeta; os lorpas também viajam; mas, porque lhes falta o dom natural de apreciar e sentir as coisas, aborrecem-se por vaidade, ou divertem-se por aberração.

Aos que não podem ir ver com os olhos da carne as terras e os costumes alheios, reserva-se um prazer, um tanto illusório, mas, ainda assim, suficiente para almas de boa tempera: é a narração dos viajantes poetas. Diante de um livro de viagens, escrito por um poeta, o homem reparte-se; deixa em casa a *outra* de Xavier de Maistre, e

vai todo nas asas da imaginação aos lugares per-lustrados pelo escritor.

Estou no caso; e não poucas vezes tenho em-preendido excursões dessa natureza. Devo dizer que sou em extremo exigente: não quero perder de vista o viajante de modo tal que o livro me pareça romance; nem tê-lo tão presente que me faça crer que estou lendo uma autobiografia. Quero o viajante em um meio termo, desaparecendo, quando é a vez da natureza, dos costumes, ou dos factos, e aparecendo quando se torna preciso apreciá-los ou explicá-los.

Apesar do título restrito e das desculpas do prefácio, o *Itinerário de Paris a Jerusalem* é, em algumas páginas, um livro para fazer sentir, e está perfeitamente no caso. Sempre que li a pas-sagem do poeta pelo sólo de Esparta, senti com ele a veneração e o respeito diante da última ruína da pátria de Licurgo. Não sei que móla oculta me fazia voltar aos tempos que se foram e me punha diante dos heróis antigos. Igual co-moção me tomou diante do *tumulus* do cantor de Ílion. As coisas e os monumentos são de si ve-neráveis e poéticos; mas, si uma pena mágica os não retratasse e referisse, é certo que os senti-mentos se revelariam tíbios e por metade.

E já que falo do *Itinerário*, deixem-me citar o autor, em apoio do que asseverei acima. Tanto é verdade que o escritor não deve ser açodado em aparecer de contínuo nas suas narrativas, que

o próprio Chateaubriand lá diz no prefácio — que o desculpem de *falar muitas vezes de si, mas é que não intentava dar aquelas páginas á publicidade.*

Estas considerações vêm muito a propósito encabeçando a *Peregrinação pela província de S. Paulo*, do sr. A. E. Zaluar, onde o preceito é, a tempo, respeitado com severidade e infringido com muita frequência. Todavia, não esqueçam a natureza no livro: não é precisamente um livro de viagem, escrito com a intenção e no ponto de vista das obras desta natureza. É uma coleção de cartas, lavradas á proporção que o poeta, visitava um município; no lugar em que descansava, á noite, anotava as impressões recebidas durante o dia. É propriamente um itinerário, mas um itinerário de poeta, onde o rio, a floresta, a montanha, não passam sem o tributo da poesia é do coração.

Pede a verdade que se diga — que quando o poeta avista a natureza, dá-lhe a saudação devida, mas de cima do seu cavallo; não se apeia para penetrar nela. Vê-se que ele tem pressa de chegar á pousada, e que antes de lá chegar tem uma estrada para examinar, e uma reflexão econômica ou administrativa a fazer.

Esta última observação é toda em louvor da obra do sr. Zaluar. Os que gostam de sentir os influxos da poesia que as florestas de nossa terra oferecem, lá encontram com que satisfazer o espí-

rito; mas, atravessando rapidamente os municípios da província de S. Paulo, o poeta nunca perde de vista o fim e a causa da viagem.

Era então redator do *Paraíba*, e escrevendo em cartas as suas impressões, tinha por fim apontar nas colunas daquela folha, que tão importante era, muitas questões de ordem prática, resolver algumas, suscitar outras, enfim tirar das suas excursões uma base para estudos futuros de incontestável proveito e oportunidade.

Si, por circunstâncias que não vem a pêlo esmerilhar, a folha de Petrópolis cessou, e o fim do jornalista viajante ficou malogrado, nem por isso as cartas perderam do que valiam e do que poderiam valer. As questões suscitadas ou estudadas são especiais aos lugares e aos tempos; existem hoje do mesmo modo e com a mesma importância. Nem o autor as restringe; quando as indica, tira os corolários gerais e procura ampliar os seus estudos pela universalidade das aplicações. É, portanto, um livro actual e genérico.

Isto no que respeita ás considerações de ordem prática. No resto, como já disse, ha muito que apreciar. Os desenhos rapidamente lapisados, á proporção que as télas naturais passavam á ilharga do poeta; as lendas poéticas dos lugares introduzidas com felicidade no livro; o estudo dos costumes, a história dos edifícios, tudo isso se acha travado de modo a estabelecer a diversão para interessar mais o leitor.

Não se perca de vista o título destas linhas: é uma simples notícia bibliográfica. Nem o tempo, nem os meios intellectuais me dão lugar, para coisa melhor. Sou obrigado a terminar, remetendo os leitores para a obra, e afirmando-lhes que não se hão de arrepender. Tenho por inútil uma recomendação mais calorosa. Quando um escritor de talento consegue a justa nomeada do sr. A. E. Zaluar, o próprio nome é a sua recomendação.

O sr. A. E. Zaluar não descansa; é um trabalhador infatigavel. Compreende que o talento obriga e não se esquece nunca de que tem uma missão a desempenhar. Póde estar certo de que, tarde ou cedo, dêste ou daquele modo, terá o proveito das tenacidades conciosas.

Diario do Rio de Janeiro, 16 novembro 1863.

VI

CRÍTICA

Iracema, romance de José de Alencar.

A escola poética, chamada escola americana, teve sempre adversários, o que não importa dizer que houvesse controvérsia pública.

A discussão literária no nosso país é uma espécie de *steeple-chase*, que se organiza de quando em quando; fóra disso a discussão trava-se no gabinete, na rua, e nas salas. Não passa d'aí.

Nem nos parece que se deva chamar escola ao movimento que atraiu as musas nacionais para o tesouro das tradições indígenas. Escola ou não, a verdade é que muita gente viu na poesia americana uma aberração selvagem, uma distração sem graça, nem gravidade. Até certo ponto tinha razão. Muitos poetas, entendendo mal a musa de Gonçalves Dias, e não podendo entrar no fundo do sentimento e das idéas, limitaram-se a tirar os seus elementos poéticos do vocabulário indígena; rimbaram as palavras e não passaram adiante; os ad-

versários assustados com a poesia desses tais, confundiram no mesmo desdem os vocábulos e os intérpretes incapazes...

Erraram de certo; si a história e os costumes indianos inspiraram poetas como José Basilio, Gonçalves Dias e Magalhães, é que se podia tirar dali criações originais, inspirações novas. Que importava a invasão da turba-multa? A poesia deixa de ser a misteriosa linguagem dos espíritos, só porque alguns maus rimadores foram assentar-se ao sopé do Parnaso? O mesmo se dá com a poesia americana. Havia também outro motivo para condená-la; supunham os críticos que a vida indígena seria, de futuro, a tela exclusiva da poesia brasileira, e nisso erravam também, pois não podia entrar na idéa dos creadores obrigar a musa nacional a ir buscar todas as suas inspirações no estudo das crônicas e da língua primitiva. Esse estudo era um dos modos de exercer a poesia nacional; mas, fóra dele, não está aí a própria natureza opulenta, fulgurante, vivaz, atraindo os olhos dos poetas, e produzindo páginas como as de Porto-Alegre e Bernardo Guimarães?

Felizmente, o tempo vai esclarecendo os ânimos; a poesia dos caboclos está completamente nobilitada; os rimadores de palavras, já não podem conseguir o descredito da idéa, que venceu com o autor do *I-Juca-Pirama* e acaba de vencer com o autor de *Iracema*. É deste livro que vamos falar hoje aos nossos leitores.

As tradições indígenas encerram motivos para epopéas e para églogas; pôde inspirar os seus Homeros e os seus Teócritos. Ha aí lutas gigantes, audazes capitães, ilíadas sepultadas no esquecimento; o amor, a amizade, os costumes domésticos, tendo a simples natureza por teatro, oferecem á musa lírica páginas deliciosas de sentimento e de originalidade. A mesma pena que escreveu *I-Juca-Pirama*, traçou o lindo monólogo de *Marabá*; e o aspecto feroz do indio Kobé e a figura de Lindoia são filhos da mesma cabeça; as duas partes dos *Natchez* resumem do mesmo modo a dupla inspiração da fonte indígena.

O poeta tem muito para escolher nessas ruínas já exploradas, mas não completamente conhecidas. O livro do sr. José de Alencar, que é um poema em prosa, não é destinado a cantar lutas hercúleas, nem cabos de guerra; si ha aí algum episódio, nesse sentido, si alguma vez trôa nos vales do Ceará a pocêma da guerra, nem por isso o livro deixa de ser exclusivamente votado á história tocante de uma virgem indiana, dos seus amores, e dos seus infortúnios. Estamos certos de que não falta ao autor da *Iracema* energia e vigor para a pintura dos vultos heroicos e das paixões guerreiras; Irapuan e Poti a esse respeito são irrepreensíveis; o poema de que o autor nos fala deve surgir á luz, e então veremos como a sua musa emboca a tuba épica; este livro, porém, limita-se

a falar ao sentimento, vê-se que não pretende sair fóra do coração.

Estudando profundamente a língua e os costumes dos selvagens, obrigou-se o autor a entrar mais no fundo da poesia americana; entendia ele, e entendia bem, que a poesia americana não estava completamente achada; que era preciso prevenir-se contra um anacronismo moral, que consiste em dar idéas modernas e civilizadas aos filhos incultos da floresta. O intuito era acertado; não conhecemos a língua indígena; não podemos afirmar si o autor pôde realizar as suas promessas, no que respeita á linguagem da sociedade indiana, ás suas idéas, ás suas imagens; mas a verdade é que relemos atentamente o livro do sr. José de Alencar, e o efeito que ele nos causa é exactamente o mesmo a que o autor entende que se deve destinar o poeta americano; tudo ali nos parece primitivo: a ingenuidade dos sentimentos, o pitoresco da linguagem, tudo, até a parte narrativa do livro, que nem parece obra de um poeta moderno, mas uma história de bardo indígena, contada aos irmãos, á porta da cabana, aos últimos raios do sol que se entristece. A conclusão a tirar daqui é que o autor se houve nisto com uma ciência e uma consciência, para as quais todos os louvores são poucos.

A fundação do Ceará, os amores de Iracema e Martim, o ódio de duas nações adversárias, eis o assunto do livro. Ha um argumento histórico,

sacado das crônicas, mas esse é apenas a tela que serve ao poeta; o resto é obra da imaginação. Sem perder de vista os dados colhidos nas velhas crônicas, creou o autor uma ação interessante, episódios originais, e mais que tudo, a figura bela e poética de Iracema. Apesar do valor histórico de alguns personagens, como Martim e Poti (o célebre Camarão da guerra holandesa) a maior soma de interesse encontra-se na deliciosa filha de Araken. A pena do cantor do *Guaraní* é feliz nas criações femininas; as mulheres dos seus livros trazem sempre um cunho de originalidade, de delicadeza e de graça, que se nos gravam logo na memória e no coração. Iracema é da mesma família. Em poucas palavras descreve o poeta a beleza física daquela Diana selvagem. Uma frase imaginosa e concisa, a um tempo, exprime tudo. A beleza moral vem depois, com o andar dos sucessos; a filha do Pagé, espécie de vestal indígena, vigia do segrêdo da Jurema, é um complexo de graças e de paixão, de beleza e de sensibilidade, de casta reserva e de amorosa dedicação. Realça-lhe a beleza nativa a poderosa paixão do amor selvagem, do amor que procede da virgindade da natureza, participa da independência dos bosques, cresce na solidão, alenta-se do ar agreste da montanha.

Casta, reservada na missão sagrada que lhe impõe a religião do seu país, nem por isso Iracema resiste á invasão de um sentimento novo

para ela, e que transforma a vestal em mulher. Não resiste, nem indaga; desde que os olhos de Martim se trocaram com os seus, a moça curvou a cabeça áquela doce escravidão. Si o amante a abandonasse, a selvagem iria morrer de desgosto e de saudade, no fundo do bosque, mas não oporia ao voluvel mancebo nem uma súplica, nem uma ameaça. Pronta a sacrificar-se por ele, não pediria a mínima compensação do sacrifício. Não presente o leitor, através da nossa frase inculta e sem sabor, uma criação profundamente verdadeira? Não se vê na figura de Iracema, uma perfeita combinação do sentimento humano com a educação selvagem?

Eis o que é Iracema, creatura copiada da natureza, idealizada pela arte, mostrando, através da rusticidade dos costumes, uma alma própria para amar e para sentir.

Iracema é tabajara; entre a sua nação e a nação potiguara ha um ódio de séculos; Martim, aliado dos Potiguaras, andando erradio, entra no seio dos Tabajaras, onde é acolhido com a franqueza própria de uma sociedade primitiva; é estrangeiro, é sagrado; a hospitalidade selvagem é descrita pelo autor com côres simples e vivas. O europeu abriga-se na cabanã de Araken, onde a solicitude de Iracema prepara-lhe algumas horas de folgada ventura. O leitor vê despontar o amor de Iracema ao contacto do homem civilizado. Que simplicidade, e que interesse! Martim cede a pouco

e pouco á influência invencível daquela amorosa solicitude. Um dia lembra-lhe a pátria e sente-se tomado de saudade. — «Uma noiva te espera?» pergunta Iracema. O silêncio é a resposta do moço. A virgem não censura, nem supplica; dobra a cabeça sobre a espádua, diz o autor, como a tenra planta da carnaúba, quando a chuva peneira na várzea. Desculpe o autor si desfolhamos por esse modo a sua obra; não escolhemos belezas, onde as belezas sobram; trazemos ao papel estes traços que nos parecem caracterizar a sua heroína, e indicar ao leitor, ainda que remotamente, a beleza da filha de Araken.

Heroína, dissemos, e o é, de certo, naquela divina resignação. Uma noite, no seio da cabana, a virgem de Tupan torna-se esposa de Martim; cena delicadamente escrita, que o leitor adivinha, sem vêr. Desde então Iracema dispôs de si; a sua sorte está ligada á de Martim; o ciúme de Iracema e a presença de Poti precipitam tudo; Poti e Martim devem partir para a terra dos Potigua- ras; Iracema os conduz, como uma companheira de viagem. A esposa de Martim abandona tudo, o lar, a família, os irmãos, tudo para ir perecer ou ser feliz com o esposo. Não é o exílio; para ela o exílio seria ficar ausente do esposo no meio dos seus. Todavia, essa resolução suprema custa-lhe sempre, não arrependimento, mas tristeza e vergonha, no dia em que, após uma batalha entre as duas nações rivais, Iracema vê o chão coalhado

de sangue dos seus irmãos. Si esse espectáculo não a comovesse, ia-se a simpatia que ela nos inspira; mas o autor teve em conta que era preciso interessá-la, pelo contraste da voz do sangue e da voz do coração.

Daí em diante, a vida de Iracema é uma successão de delícias, até que uma circunstância fatal vem pôr termo aos seus jovens anos. A esposa de Martim concebe um filho. Que doce alegria não banha a fronte da jovem mãe! Iracema vai dar conta a Martim daquela boa nova; ha uma cena igual nos *Natchez*, seja-nos lícito compará-la á do poeta brasileiro.

«Quando René, diz o poeta dos *Natchez*, teve certeza de que Celuta trazia um filho no seio, acercou-se dela com santo respeito, e abraçou-a delicadamente para não machucá-la. «Esposa, disse ele, o céu abençoou as tuas entranhas».

A cena é bela, de certo; é Chateaubriand quem fala; mas a cena de Iracema aos nossos olhos é mais feliz. A selvagem cearense aparece aos olhos de Martim, adornada de flôres de maniva, trava da mão dele, e diz-lhe:

—«Teu sangue já vive no seio de Iracema. Ela será mãe de teu filho.

—Filho, dizes tu? exclamou o cristão em júbilo.

Ajoelhou aí, e cingindo-a, com os braços, beijou o ventre fecundo da esposa».

Vê-se a beleza deste movimento, no meio da natureza viva, diante de uma filha da floresta. O autor conhece os segredos de despertar a nossa comoção por estes meios simples, naturais e belos. Que melhor adoração queria a maternidade, feliz, do que aquele beijo casto e eloquente? Mas tudo passa; Martim sente-se tomado de nostalgia; lembram-lhe os seus e a pátria; a selvagem do Ceará, como a selvagem da Luisiana, começa então a sentir a sua perdida felicidade. Nada mais tocante do que essa longa saudade, chorada no ermo, pela filha de Araken, mãe desgraçada, esposa infeliz, que viu um dia partir o esposo e só chegou a vê-lo de novo, quando a morte já voltava para ela os seus olhos lânguidos e tristes.

Poucos são os personagens que compõem este drama da solidão, mas os sentimentos que os movem, a ação que se desenvolve entre eles, é cheia de vida, de interesse e de verdade. Araken é a solenidade da velhice contrastando com a beleza agreste de Iracema; um patriarca do deserto ensinando aos moços os conselhos da prudência e da sabedoria. Quando Irapuan, ardendo em ciúme pela filha do Pagé, faz romper os seus ódios contra os Potiguaras, cujo aliado era Martim, Araken opõe-lhe a serenidade da palavra, a calma da razão. Irapuan e os episódios da guerra fazem destaque no meio do quadro sentimental que é o fundo do livro; são capítulos traçados com muito

vigor, o que dá novo realce ao robusto talento do poeta.

Irapuan é o ciúme e o valor marcial; Araken a austera sabedoria dos anos; Iracema, o amor. No meio destes caracteres distintos e animados, a amizade é simbolizada em Poti. Entre os indígenas a amizade não era este sentimento, que, á fôrça de civilizar-se, tornou-se raro; nascia da simpatia das almas, avivava-se com o perigo, repousava na abnegação recíproca. Poti e Martim são os dois amigos da lenda, votados á mútua estima e ao mútuo sacrifício.

A aliança política os uniu; o contacto fundiu-lhe as almas; todavia, a afeição de Poti difere da de Martim; como o estado selvagem do estado civilizado; sem deixarem de ser igualmente amigos, ha em cada um deles, um traço característico que corresponde á origem de ambos; a afeição de Poti tem a expressão ingênua, franca, decidida; Martim não sabe ter aquela simplicidade selvagem.

Martim e Poti sobrevivem á catástrofe de Iracema, depois de enterrá-la ao pé de um coqueiro; o pai desventurado toma o filho órfão de mãe, e arreda-se da praia cearense. Humedecem-se os olhos ante este desenlace triste e doloroso, e fecha-se o livro, dominado ainda por uma profunda impressão.

Contar todos os episódios desta lenda interessante seria tentar um resumo impossível; bastanos afirmar que os ha, em grande número, traça-

dos por mão hábil, e todos ligados ao assunto principal.

O mesmo diremos de alguns personagens secundários, como Caubi e Andira, um jovem guerreiro, outro guerreiro ancião, modelados pelo mesmo padrão a que devemos Poti e Araken.

O estilo do livro é como a linguagem daqueles povos; imagens e idéas, agrestes e pitorescas, respirando ainda as auras da montanha, cintilam nas cento e cinquenta páginas de *Iracema*. Ha, sem dúvida, superabundância de imagens, e o autor com uma rara consciência literária é o primeiro a reconhecer esse defeito. O autor emendará, sem dúvida a obra, empregando neste ponto uma conveniente sobriedade. O excesso, porém, si pede a revisão da obra, prova em favor da poesia americana, confirmando ao mesmo tempo o talento original e fecundo do autor.

Do valor das imagens e das comparações, só se póde julgar lendo o livro, e para ele enviamos os leitores estudiosos.

Tal é o livro do sr. José de Alencar, fruto do estudo e da meditação, escrito com sentimento e consciência. Quem o ler uma vez, voltará muitas mais a ele, para ouvir em linguagem animada e sentida, a história melancólica da *virgem dos lábios de mel*.

Ha de viver este livro; tem em si as fôrças que resistem ao tempo, e dão plena fiança do futuro. É também um modelo para o cultivo da

poesia americana, que, mercê de Deus, ha de avigorar-se com obras de tão superior quilate. Que o autor de *Iracema* não esmoreça, mesmo a despeito da indiferença pública; o seu nome literário escreve-se hoje com letras cintilantes: *Mãe*, *Guaraní*, *Diva*, *Lucíola* e tantas outras; o Brasil terá direito de pedir-lhe que *Iracema* não seja o ponto final. Esperam-se dele outros poemas em prosa. Poema lhe chamamos a este, sem curar de saber si é antes uma lenda, si um romance; o futuro chamar-lhe-á obra-prima.

23 janeiro 1866.

VII

CRÍTICA

Lira dos Vinte Anos, poesias de Alvares de Azevedo.

Quando, ha cerca de dois ou tres mêses, tratámos das *Vozes da America*, do sr. Fagundes Varela, aludimos de passagem ás obras de outro acadêmico, morto aos vinte anos, o sr. Alvares de Azevedo. Então, referindo os efeitos do mal *byrônico* que lavrou durante algum tempo na mocidade brasileira, escrevemos isto: «Um poeta houve que, apesar da sua extrema originalidade, não deixou de receber esta influênciã, a que aludimos; foi Alvares de Azevedo. Nele, porém, havia uma certa razão de consanguineidade com o poeta inglêz e uma íntima convivência com os poetas do norte da Europa. Era provavel que os anos lhe trouxessem uma tal ou qual transformação, de maneira a afirmar-se mais a sua individualidade, e o desenvolver-se o seu robustíssimo talento». A estas palavras acrescentavamos que o autor da *Lira dos Vinte Anos* exercera uma parte

de influência nas imaginações juvenís. Com efeito, si lord Byron não era então desconhecido ás intelligências educadas, si Octaviano e Pinheiro Guimarães já tinham trasladado para o portuguez alguns cantos do autor de *Giaour*, uma grande parte de poetas, ainda nascentes e por nascer, começaram a conhecer o gênio inglês através das fantasias de Alvares de Azevedo, e apresentaram, não sem desgosto para os que apreciam a sinceridade poética, um triste cepticismo de segunda edição. Cremos que este mal já está atenuado, sinão extinto.

Alvares de Azevedo era realmente um grande talento; só lhe faltou o tempo, como disse um dos seus necrólogos. Aquela imaginação vivaz, ambiciosa, inquieta, receberia com o tempo as modificações necessárias; discernindo no seu fundo intellectual aquilo que era proprio de si, e aquilo que era apenas reflexo alheio ou impressão da juventude, Alvares de Azevedo acabaria por afirmar a sua individualidade poética. Era daqueles que o berço vota á immortalidade. Compare-se a idade com que morreu aos trabalhos que deixou, e ver-se-á que seiva poderosa não existia naquela organização rara. Tinha os defeitos, as incertezas, os desvios, próprios de um talento novo, que não podia conter-se, nem buscava definir-se. A isto acrescenta-se que a íntima convivência de alguns grandes poetas da Alemanha e da Inglaterra produziu, como dissemos, uma poderosa impressão na-

quele espírito, aliás tão original. Não tiramos disso nenhuma censura; essa convivência, que não poderia destruir o character da sua individualidade poética, ser-lhe-ia de muito proveito, e não pouco contribuiria para a formação definitiva de um talento tão real.

Cita-se sempre, a propósito do autor da *Lira dos Vinte Anos*, o nome de lord Byron, como para indicar as predileções poéticas de Azevedo. É justo, mas não basta. O poeta fazia uma frequente leitura de Shakespeare e pôde-se afirmar que a cena de Hamleto e Horacio, diante da caveira de Yorick, inspirou-lhe mais de uma página de versos.

Em tôrno desses dois gênios, Shakespeare e Byron, juntavam-se outras, sem esquecer Musset, com quem Azevedo tinha mais de um ponto de contacto. De cada um desses caíram reflexos e raios nas obras de Azevedo. Os *Boêmios* e *O Poema do Frade*, um fragmento acabado, e um borrão por emendar, explicarão melhor este pensamento.

Mas esta predileção, por mais definida que seja, não traçava para ele um limite literário, o que nos confirma na certeza de que, alguns anos mais, aquela viva imaginação, impressionavel a todos os contactos, acabaria por definir-se positivamente.

Nesses arroubos da fantasia, nessas correrias da imaginação, não se revelava sómente um verdadeiro talento; sentia-se uma verdadeira sensibili-

dade. A melancolia de Azevedo era sincera. Si exceptuarmos as poesias e os poemas humorísticos, o autor da *Lira dos Vinte Anos* raras vezes escreve uma página que não denuncie a inspiração melancólica uma saudade indefinida, uma vaga aspiração. Os belos versos que deixou impressionam profundamente; *Virgem Morta*, *Á minha Mãe*, *Saudades*, são completas neste gênero. Qualquer que fôsse a situação daquele espírito, não ha dúvida nenhuma que a expressão desses versos é sincera e real. O pressentimento da morte, que Azevedo exprimiu em uma poesia extremamente popularizada, aparecia de quando em quando em todos os seus cantos, como um éco interior, menos um desejo que uma profecia. Que poesia e que sentimento nessas melancólicas estrofes!

Não é difícil ver que o tom dominante de uma grande parte dos versos ligava-se a circunstâncias de que êle conhecia a vida pelos livros que mais apreciava. Ambicionava uma existência poética, inteiramente conforme á índole dos seus poetas queridos. Este *afã dolorido*, expressão dele, completava-se com esse pressentimento de morte próxima, e enublava-lhe o espírito, para bem da poesia que lhe deve mais de uma elegia comovente.

Como poeta humorístico, Azevedo ocupa um lugar muito distinto. A viveza, a originalidade, o chiste, o *humour* dos versos deste gênero são notáveis. Nos *Boêmios*, si pusermos de parte o assunto e a forma, achá-se em Azevedo um pouco

daquela versificação de Diniz, não na admirável cantata de *Dido* (1) mas no gracioso poema do *Hyssope*. Azevedo metrificava ás vezes mal, tem versos incorretos, que havia de emendar sem dúvida, mas em geral tinha um verso cheio de harmonia e naturalidade, muitas vezes numeroso, muitíssimas eloquente.

Ensaaiou-se na prosa, e escreveu muito. Era frequentemente difuso e confuso; faltava-lhe precisão e concisão. Tinha os defeitos próprios das estréas, mesmo brilhante como eram as dele. Procurava a abundância e caía no excesso. A idéa lutava-lhe com a pena, e a erudição dominava a reflexão. Mas si não era tão prosador como poeta, pode-se afirmar, pelo que deixou ver e entrever, quanto se devia esperar dele, alguns anos mais.

Em tão curta idade, o poeta da *Lira dos Vinte Anos* deixou documentos valiosíssimos de um talento robusto e de uma imaginação vigorosa. Avalie-se por aí o que viria a ser quando tivesse desenvolvido todos os seus recursos. Diz-nos ele que sonhava, para o teatro, uma reunião de Shakespeare, Calderon e Eurípedes, como necessária á reforma do gôsto da arte. Um consórcio de elementos diversos, revestindo a própria individualidade, tal era a expressão de seu talento.

Diario do Rio de Janeiro, 26 junho 1866.

(1) Aqui houve descuido do autor. A cantata de *Dido* é de Garção. — N. dos Editores.

VIII

CASTRO ALVES

Carta a José de Alencar

Rio de Janeiro, 29 de fevereiro de 1868.

Exmo. Sr. — É boa e grande fortuna conhecer um poeta; melhor e maior fortuna é recebê-lo das mãos de V. Ex., com uma carta que vale um diploma, com uma recomendação que é uma sa-gração. A musa do sr. Castro Alves não podia ter mais feliz introito na vida literária. Abre os olhos em pleno Capitólio. Os seus primeiros cantos obtêm o aplauso de um mestre.

Mas si isto me entusiasma, outra coisa ha que me comove e confunde, é a extrema confiança de que é ao mesmo tempo um motivo de orgulho para mim. De orgulho, repito, e tão inutil fôra dissimular esta impressão, quão arrojado seria ver nas palavras de V. Ex. mais do que uma animação generosa.

A tarefa da crítica precisa destes parabens; é tão árdua de praticar, já pelos estudos que

exige, já pelas lutas que impõe, que a palavra eloquente de um chefe é muitas vezes necessária para reavivar as forças exaustas e reerguer o ânimo abatido.

Confesso francamente, que encetando os meus ensaios de crítica, fui movido pela idéa de contribuir com alguma coisa para a reforma do gôsto que se ia perdendo, e efectivamente se perde. Meus limitadíssimos esforços não podiam impedir o tremendo desastre. Como impedi-lo, si, por influên-
cia irresistivel, o mal vinha de fóra, e se impunha ao espírito literário do país, ainda mal formado e quasi sem consciência de si? Era difciil plantar as leis do gôsto, onde se havia estabelecido uma sombra de literatura, sem alento nem ideal, falseada e frívola, mal imitada e mal copiada. Nem os esforços dos que, como V. Ex., sabem exprimir sentimentos e idéas na língua que nos legaram os mestres clássicos, nem esses puderam opor um dique á torrente invasora. Si a sabedoria popular não mente, a universalidade da doença podia dar-nos alguma consolação quando não se antolha remédio ao mal.

Si a magnitude da tarefa era de assombrar espíritos mais robustos, outro risco havia; e a este já não era a intelligência que se expunha, era o caracter. Compreende V. Ex. que, onde a crítica não é instituição formada e assentada, a análise literária tem de lutar contra esse entranhado amor paternal que faz dos nossos filhos as mais belas

crianças do mundo. Não raro se originam ódios onde era natural travarem-se affectos. Desfiguram-se os intentos da crítica, attribue-se á inveja o que vem da imparcialidade; chama-se antipatia o que é consciência. Fôsse esse, porém, o único obstáculo, estou convencido que ele não pesaria no ânimo de quem põe acima do interesse pessoal o interesse perpétuo da sociedade, porque a boa fama das musas o é também.

Cansados de ouvir chamar bela á poesia, os novos atenienses resolveram bani-la da república.

O elemento poético é hoje um tropêço ao successo de uma obra. Aposentaram a imaginação. As musas, que já estavam apeadas dos templos, foram também apeadas dos livros. A poesia dos sentidos veio sentar-se no santuário e assiim generalizou-se uma crise funesta ás letras. Que enorme Alfeu não seria preciso desviar do seu curso para limpar este presepe de Augias?

Eu bem sei que no Brasil, como fóra dele, severos espíritos protestam com o trabalho e a lição contra esse estado de coisas; tal é, porém, a feição geral da situação, ao começar a tarde do século. Mas sempre ha de triunfar a vida intelligente. Basta que se trabalhe sem trégua. Pela minha parte, estava e está acima das minhas posses semelhante papel; contudo, entendia e entendo — adotando a bela definição do poeta que V. Ex. dá em sua carta — que ha para o cidadão da arte e do belo deveres imprescriptiveis, e que, quando uma

exige, já pelas lutas que impõe, que a palavra eloquente de um chefe é muitas vezes necessária para reavivar as forças exaustas e reerguer o ânimo abatido.

Confesso francamente, que encetando os meus ensaios de crítica, fui movido pela idéa de contribuir com alguma coisa para a reforma do gôsto que se ia perdendo, e efectivamente se perde. Meus limitadíssimos esforços não podiam impedir o tremendo desastre. Como impedi-lo, si, por influên-
cia irresistivel, o mal vinha de fóra, e se impunha ao espírito literário do país, ainda mal formado e quasi sem consciência de si? Era difciil plantar as leis do gôsto, onde se havia estabelecido uma sombra de literatura, sem alento nem ideal, falsa e frívola, mal imitada e mal copiada. Nem os esforços dos que, como V. Ex., sabem exprimir sentimentos e idéas na língua que nos legaram os mestres clássicos, nem esses puderam opor um dique á torrente invasora. Si a sabedoria popular não mente, a universalidade da doença podia dar-nos alguma consolação quando não se antolha remédio ao mal.

Si a magnitude da tarefa era de assombrar espíritos mais robustos, outro risco havia; e a este já não era a intelligência que se expunha, era o caracter. Compreende V. Ex. que, onde a crítica não é instituição formada e assentada, a análise literária tem de lutar contra esse entranhado amor paternal que faz dos nossos filhos as mais belas

crianças do mundo. Não raro se originam ódios onde era natural travarem-se affectos. Desfiguram-se os intentos da crítica, attribue-se á inveja o que vem da imparcialidade; chama-se antipatia o que é consciência. Fôsse esse, porém, o único obstáculo, estou convencido que ele não pesaria no ânimo de quem põe acima do interesse pessoal o interesse perpétuo da sociedade, porque a boa fama das musas o é também.

Cansados de ouvir chamar bela á poesia, os novos atenienses resolveram bani-la da república.

O elemento poético é hoje um tropêço ao successo de uma obra. Aposentaram a imaginação. As musas, que já estavam apeadas dos templos, foram também apeadas dos livros. A poesia dos sentidos veio sentar-se no santuário e assiim generalizou-se uma crise funesta ás letras. Que enorme Alfeu não seria preciso desviar do seu curso para limpar este presepe de Augias?

Eu bem sei que no Brasil, como fóra dele, severos espíritos protestam com o trabalho e a lição contra esse estado de coisas; tal é, porém, a feição geral da situação, ao começar a tarde do século. Mas sempre ha de triunfar a vida intelligente. Basta que se trabalhe sem trégua. Pela minha parte, estava e está acima das minhas posses semelhante papel; contudo, entendia e entendo — adoptando a bela definição do poeta que V. Ex. dá em sua carta — que ha para o cidadão da arte e do belo deveres imprescriptiveis, e que, quando uma

tendência do espírito o impele para certa ordem de actividade, é sua obrigação prestar esse serviço ás letras.

Em todo o caso não tive imitadores. Tive um antecessor illustre, apto para este árduo mistér, erudito e profundo, que teria prosseguido no caminho das suas estréas, si a imaginação possante e vivaz não lhe estivesse exigindo as creações que depois nos deu. Será preciso acrescentar que aludo a V. Ex.?

Escolhendo-me para Virgílio do jovem Dante que nos vem da pátria de Moçema, impõe-me um dever, cuja responsabilidade seria grande si a própria carta de V. Ex. não houvesse aberto ao neófito as portas da mais vasta publicidade. A análise póde agora esmerilhar nos escritos do poeta belezas e descuidos. O principal trabalho está feito.

Procurei o poeta cujo nome havia sido ligado ao meu e com a natural ansiedade que nos produz a notícia de um talento robusto, pedi-lhe que me lêsse o seu drama e os seus versos.

Não tive, como V. Ex., a fortuna de os ouvir diante de um magnífico panorama. Não se rasgavam horizontes diante de mim: não tinha os pés nessa formosa Tijuca, que V. Ex. chama um escabelo entre a nuvem e o pântano. Eu estava no pântano. Em tórno de nós agitava-se a vida tumultuosa da cidade. Não era o ruído das paixões nem dos interesses; os interesses e as paixões ti-

nham passado a vara á loucura: estavamos no carnaval.

No meio desse tumulto abrimos um oásis de solidão.

Ouvi o *Gonzaga* e algumas poesias.

V. Ex. já sabe o que é o drama e o que são os versos, já os apreciou consigo, já resumiu a sua opinião. Esta carta, destinada a ser lida pelo público, conterà as impressões que recebi com a leitura dos escritos do poeta.

Não podiam ser melhores as impressões. Achei uma vocação literária, cheia de vida e robustez, deixando antever nas magnificências do presente as promessas do futuro. Achei um poeta original. O mal da nossa poesia contemporânea é ser copista — no dizer, nas idéas e nas imagens. Copiá-las é anular-se. A musa do sr. Castro Alves tem feição própria. Si se adivinha que a sua escola é a de Victor Hugo, não é porque o copie servilmente, mas porque uma índole irmã levou-a a preferir o poeta das *Orientais* ao poeta das *Meditações*. Não lhe aprazem certamente as tintas brancas e desmaiadas da elegia; quer antes as côres vivas e os traços vigorosos da ode.

Como o poeta que tomou por mestre, o sr. Castro Alves canta simultaneamente o que é grande e o que é delicado, mas com igual inspiração e método idêntico; a pompa das figuras, a sonoridade do vocábulo, uma forma esculpida com arte, sentindo-se por baixo desses labores o estro, a

espontaneidade, o ímpeto. Não é raro andarem separadas estas duas qualidades da poesia: a forma e o estro. Os verdadeiros poetas são os que as têm ambas. Vê-se que o sr. Castro Alves as possui; veste as suas idéas com roupas finas e trabalhadas. O receio de cair em um defeito, não o levará a cair no defeito contrário? Não me parece que lhe haja acontecido isso; mas indico-lhe o mal, para que fuja dele. É possível que uma segunda leitura dos seus versos me mostrasse alguns sinões fáceis de remediar; confesso que os não percebi no meio de tantas belezas.

O drama, esse li-o atentamente; depois de ouvi-lo, li-o, e reli-o, e não sei bem si era a necessidade de o apreciar, si o encanto da obra, que me demorava os olhos em cada página do volume.

O poeta explica o dramaturgo. Reapparecem no drama as qualidades do verso; as metáforas enchem o período; sente-se de quando em quando o arrôjo da ode. Sófocles pede as asas a Píndaro. Parece ao poeta que o tablado é pequeno; rompe o céu de lona e arroja-se ao espaço livre e azul.

Esta exuberância, que V. Ex. com justa razão atribue á idade, concordo que o poeta ha de reprimi-la com os anos. Então conseguirá separar completamente a língua lírica da língua dramática; e do muito que devemos esperar temos prova e fiança no que nos dá hoje.

Estreando no teatro com um assunto histórico, e assunto de uma revolução infeliz, o sr. Castro

Alves consultou a índole do seu gênio poético. Precisava de figuras que o tempo houvesse consagrado; as da Inconfidência tinham além disso a auréola do martírio. Que melhor assunto para excitar a piedade? A tentativa abortada de uma revolução, que tinha por fim consagrar a nossa independência, merece do Brasil de hoje aquela veneração que as raças livres devem aos seus Spártacus. O insucesso fê-los criminosos; a vitória tê-los-ia feito Washingtons. Condenou-os a justiça legal; rehabilita-os a justiça histórica.

Condensar estas idéas em uma obra dramática, transportar para a cena a tragédia política dos Inconfidentes, tal foi o objecto do sr. Castro Alves, e não se pôde esquecer que, si o intuito era nobre, o cometimento era grave. O talento do poeta superou a dificuldade; com uma sagacidade, que eu admiro em tão verdes anos, tratou a história e a arte por modo que, nem aquela o pôde acusar de infiel, nem esta de copista. Os que, como V. Ex. conhecem esta aliança, hão de avaliar esse primeiro merecimento do drama do sr. Castro Alves.

A escolha de Gonzaga para protagonista foi certamente inspirada ao poeta pela circunstância dos seus legendários amores, de que é história aquela famosa *Marília de Dirceu*. Mas não creio que fôsse só essa circunstância. Do processo resulta que o cantor de Marília era tido por chefe da conspiração, em atenção aos seus talentos e letras.

A prudência com que se houve desviou da sua cabeça a pena capital. Tiradentes, esse era o agitador; serviu á conjuração com uma actividade rara; era mais um conspirador do dia que da noite. A justiça o escolheu para a fôrça. Por tudo isso ficou o seu nome ligado ao da tentativa de Minas.

Os amores de Gonzaga traziam naturalmente ao teatro o elemento feminino, e de um lance casavam-se em cena a tradição política e a tradição poética, o coração do homem e a alma do cidadão. A circunstância foi bem aproveitada pelo autor; o protagonista atravessa o drama sem desmentir a sua dupla qualidade de amante e de patriota; casa no mesmo ideal os seus dois sentimentos. Quando Maria lhe propõe a fuga, no terceiro acto, o poeta não hesita em repelir esse recurso, apesar de ser iminente a sua perda. Já então a revolução expira; para as ambições, si elle as houvesse, a esperança era nenhuma; mas ainda era tempo de cumprir o dever. Gonzaga preferiu seguir a lição do velho Horácio corneiliano; entre o coração e o dever a alternativa é dolorosa. Gonzaga satisfaz o dever e consola o coração. Nem a pátria nem a amante podem lançar-lhe nada em rosto.

O sr. Castro Alves houve-se com a mesma arte em relação aos outros conjurados. Para avaliar um drama histórico, não se póde deixar de recorrer á

história; suprimir esta condição é expor-se a crítica a não entender o poeta.

Quem vê o Tiradentes do drama não reconhece logo aquele conjurador impaciente e activo, nobremente estouvado, que tudo arrisca e emprende, que confia mais que todos no successo da causa, e paga enfim as demasias do seu character com a morte na fôrça e a profanação do cadáver? E Claudio, o doce poeta, não o vemos todo ali, galhofeiro e generoso, fazendo da conspiração uma festa e da liberdade uma dama, gamenho no perigo, caminhando para a morte com o riso nos lábios, como aqueles emigrados do Terror? Não lhe rola já na cabeça a idéa do suicídio, que praticou mais tarde, quando a expectativa do patíbulo lhe despertou a fibra de Catão, casando-se com a morte, já que se não podia casar com a liberdade? Não é aquele o denunciante Silvério, aquele o Alvarenga, aquele o padre Carlos? Em tudo isso é de louvar a consciência literária do autor. A história nas suas mãos não foi um pretexto; não quiz profanar as figuras do passado, dando-lhes feições caprichosas. Apenas empregou aquella exaggeração artística, necessaria ao teatro, onde os characteres precisam de relêvo, onde é mistér concentrar em pequeno espaço todos os traços de uma individualidade, todos os characteres essenciaes de uma época ou de um acontecimento.

Concordo que a ação parece ás vezes desenvolver-se pelo acidente material. Mas esses raríssi-

mos casos são compensados pela influência do princípio contrário em toda a peça.

O vigor dos caracteres pedia o vigor da ação; ela é vigorosa e interessante em todo o livro; patética no último acto. Os derradeiros adeuses de Gonzaga e Maria excitam naturalmente a piedade, e uns belos versos fecham este drama, que pôde conter as incertezas de um talento juvenil, mas que é com certeza uma invejável estréa.

Nesta rápida exposição das minhas impressões, vê V. Ex. que alguma coisa me escapou. Eu não podia, por exemplo, deixar de mencionar aqui a figura do preto Luiz. Em uma conspiração para a liberdade, era justo aventar a idéa da abolição. Luiz representa o elemento escravo. Contudo o sr. Castro Alves não lhe deu exclusivamente a paixão da liberdade. Achou mais dramático pôr naquele coração os desesperos do amor paterno. Quiz tornar mais odiosa a situação do escravo pela luta entre a natureza e o facto social, entre a lei e o coração. Luiz espera da revolução, antes da liberdade, a restituição da filha; é a primeira afirmação da personalidade humana; o cidadão virá depois. Por isso, quando no terceiro acto Luiz encontra a filha já cadáver, e prorrompe em exclamações e soluços, o coração chora com ela, e a memória, si a memória pôde dominar tais comocões, nos traz aos olhos a bela cena do rei Lear, carregando nos braços Cordélia morta. Quem os

compara não vê nem o rei nem o escravo: vê o homem.

Cumpre mencionar outras situações igualmente belas. Entra nesse número a cena da prisão dos conjurados no terceiro acto. As cenas entre Maria e o governador também são dignas de menção, posto que prevalece no espírito o reparo a que V. Ex. aludiu na sua carta. O coração exigiria menos valor e astúcia da parte de Maria; mas, não é verdade que o amor vence as repugnâncias para vencer os obstáculos? Em todo o caso uma ligeira sombra não empana o fulgor da figura.

As cenas amorosas são escritas com paixão; as palavras saem naturalmente de uma alma para outra, prorrompem de um para outro coração. E que contraste melancólico não é aquele idílio ás portas do destêrro, quando já a justiça está prestes a vir separar os dois amantes!

Dir-se-á que eu só recomendo belezas e não encontro sinões? Já apontei os que cuidei ver. Acho mais — duas ou tres imagens que me não parecem felizes; e uma ou outra locução susceptivel de emenda. Mas que é isto no meio das louçanias da fórmula? Que as demasias do estilo, a exuberância das metáforas, o excesso das figuras devem obter a atenção do autor, é coisa tão segura que eu me limito a mencioná-las; mas como não aceitar agradecido esta prodigalidade de hoje, que pôde ser a sábia economia de amanhã?

Resta-me dizer, que, pintando nos seus personagens a exaltação patriótica, o poeta não foi só fiel á lição do facto, misturou talvez com essa exaltação um pouco do seu próprio sentir. É a homenagem do poeta ao cidadão. Mas, consorciando os sentimentos pessoais aos dos seus personagens, é inutil distinguir o character diverso dos tempos e das situações. Os sucessos que em 1822 nos deram uma pátria e uma dinastia apagaram antipatias históricas que a arte deve reproduzir quando evoca o passado.

Tais foram as impressões que me deixou este drama viril, estudado e meditado, escrito com calor e com alma. A mão é inexperiente, mas a sagacidade do autor supre a inexperiência. Estudou e estuda; é um penhor que nos dá. Quando voltar aos arquivos históricos ou revolver as paixões contemporâneas, estou certo que o fará com a mão na consciência. Está moço; tem um belo futuro diante de si. Venha desde já alistar-se nas fileiras dos que devem trabalhar para restaurar o império das musas.

O fim é nobre, a necessidade é evidente. Mas o successo coroará a obra? É um ponto de interrogação que ha de ter surgido no espirito de V. Ex. Contra estes intúitos, tão santos quanto indispensaveis, eu sei que ha um obstáculo, e V. Ex. o sabe tambem: é a conspiração da indiferença. Mas a perseverança não pode vencê-la? Devemos esperar que sim.

Quanto a V. Ex., respirando nos degraus da nossa Tijuca o hausto puro e vivificante da natureza, vai meditando, sem dúvida, em outras obras primas com que nos ha de vir surpreender cá em baixo. Deve fazê-lo sem temor. Contra a conspiração da indiferença, tem V Ex. um aliado invencível: é a conspiração da posteridade.

Correio Mercantil, Rio. 1 março 1868.

IX

GARRETT

Quem disse de Garrett que ele só por si valia ma literatura, disse bem e breve o que dele se oderá sempre escrever sem encarecimento nem fa-ia. Tambem ele o proclamou assim, ainda que iaes longamente naquele prefácio das «*Viagens a minha terra*», que é a sua maior apologia.

Não assinou o prefácio; mas ninguem escrevia ssim sinão ele, nem ele o fez para se mascarar. Is editores, a quem o autor atribuiu tão belas e istas coisas, si acaso cuidaram haver emparelhado o estilo com o grande escritor, foram os únicos ue se iludiram. Não sabemos si hoje lhe per-oariamos isto. A nós, e á gente da nossa moci-ade parecia um direito seu, unicamente seu.

Estavamos perto do óbito do poeta; tinhamos albuciado as suas páginas, como as de outros que umbem foram poetas ou prosadores, romancistas u dramaturgos, oradores ou humoristas, quando le foi tudo isso a um tempo, deixando um pri-ior em cada gênero. Eramos moços todos. Nenhum avia nascido com o «*Camões*» e a «*Dona Branca*»,

nenhum mais velho que estes, menos ainda algum que datasse daquele dia 4 de fevereiro de 1799 quando a raça portuguesa deu de si o seu maior engenho depois de Camões.

Nem só eramos moços, eramos ainda românticos; cantava em nós a toada de Gonçalves Dias ouviamos Alencar domar os mares bravios da sua terra, naquele poema em prosa que nos deixou e Alvares de Azevedo era o nosso aperitivo de Byron e Shakespeare. De Garrett até as anedotas nos encantavam. Cá chegavam por cima dos mares o éco dos seus tempos verdes e maduros, os amores que trouxera, a amizade que eles e a poesia deram e mantiveram entre o poeta luso e o nosso Itamaracá, o pico dos seus ditos, finalmente as graças teimosas dos seus últimos anos.

Certo é que quando ele nasceu, vinha a caminho o romantismo, com Goethe, com Chateaubriand, com Byron. Mas ele mesmo, que trouxe a planta nova para Portugal, — ou a vacina, como lhe chamou algures, — ainda na Universidade de Coimbra cuidava de tragédias clássicas antes que do «*Frei Luiz de Souza*». Fez muito verso da velha escola, até que de todo sacudiu o manto caduco, evento comemorado assim naqueles versos da «*Dona Branca*»:

«Não rias, bom filósofo Duarte,
Da minha conversão; sincera é ela;
Dei de mão ás ficções do paganismo,
E, cristão vate, cristãos versos faço.»

Não era cedo para fazer versos cristãos.

Chateaubriand, desde o alvor do século, louvava as graças nativas do cristianismo, e descobria, cheio de Rousseau, a candura do homem natural.

Garrett, posto fôsse em sua terra o iniciador das novas formas, não foi copista delas, e tudo que lhe saiu das mãos trazia um cunho próprio e puramente nacional. Pelo assunto, pelo tom, pela língua, pelo sentimento era o homem da sua pátria e do seu século. A este encheu durante cêrca de quarenta anos. Teve críticas naturalmente, e desafeições, e provavelmente desestimas; não lhe minguaram golpes nem sarcasmos, mas a admiração era maior que eles, e as obras sucediam-se graves ou lindas, e sempre altas, para modelo de outros.

Não cabe aqui, feito ás pressas, o estudo do autor de «*Frei Luiz de Souza*» da «*Adozinda*» e das «*Folhas caídas*», e para só louvar tais obras basta nomeá-las como ás outras suas irmãs. Ninguém as esqueceu, uma vez lidas. Estamos a celebrar o centenário do nascimento do poeta, que pouco mais viveu de meio século, e acodem-nos á mente todas as suas invenções com a forma em que as fez vivedouras. Os versos, desde os que compôs ás divas gregas até aos que fez ás suas devotas católicas, como que ficaram no ar cantando as lôas do grande espírito.

Figuras que ele creou rodeam-nos com o gesto peculiar e alma propria; Catarina, Madalena, Maria Paula Vicente, Branca, ao pé de outras másculas

ou esbeltas, cingindo a fronte de Camões, ou de Bernardim Ribeiro, e aquela que aceita um mouro com todos os seus pecados de incrêu e de homem, e a mais tocante de todas, a mais trágica, essa que vê tornar da morte suposta e acabada o primeiro marido de sua mãe para separar os seus pais.

Não nos acode igualmente o seu papel político. O que nos lembra dos discursos é o que é só literário, e do ofício de ministro que exerceu recorda-nos que fez alguns trabalhos para crear o teatro nacional, mas valeram menos que «*Um auto de Gil Vicente*». Si negociou algum tratado, como os tratados morrem, continuamos a ler as suas páginas vivas. Foi gôsto seu meter-se em política, e mostrar que não valia só por versos.

Tendo combatido pela revolução de 1820, como Chateaubriand, sob as ordens dos príncipes, quis ser como este, e Lamartine, ministro e homem de Estado. Não sei si advertiu que é menos agro retratar os homens que regê-los. Talvez sim; é o que se pode deduzir de mais uma página íntima. Em todo caso, não é o politico que ora celebramos, mas o escritor, um dos maiores da língua, um dos primeiros do século, e o que junta em seus livros a alma da nação com a vida da humanidade.

POESIAS

I

COGNAC!...

Vem, meu Cognac, meu licor de amores!...
É longo o sono teu dentro do frasco;
Do teu ardor a inspiração brotando,
O cérebro incendeia!...

Da vida a insipidez gostoso adoças;
Mais val um trago do que mil grandezas;
Suave distração, da vida esmalte,
Quem ha que te não ame?

Tomado com o café em fresca tarde,
Derramas tanto ardor pelas entranhas,
Que o já provento renascer-lhe sente
Da mocidade o fogo!

Cognac! — inspirador de ledos sonhos,
Excitante licor — de amor ardente!
Uma tua garrafa e o *Dom Quixote*,
Que passatempo amavel!

Que poeta que sou com teu auxílio!
Sómente um trago teu me inspira um verso;
O copo cheio o mais sonoro canto;
Todo o frasco um poema!...

II

VAI-TE!

Porque voltaste? Esquecidos
Meus sonhos e meus amores
Frios, pálidos morreram
Em meu peito. Aquelas flôres
Da grinalda da ventura
Tão de lágrimas regada,
Nesta fronte apaixonada
Cingida por tua mão,
Secaram, mortas estão.

Pobre pálida grinalda!
Faltou-lhe um orvalho eterno
De teu belo coração.
Foi de curta duração
Teu amor: não compreendeste
Quanto amor esta alma tinha..
Vai, leviana andorinha,
A outro clima, outro céu!

Meu coração? já morreu
Para ti e teus amores,
E não póde amar-te — vai!
O hino das minhas dôres
Dir-to-á a brisa, á noite,
Num terno, saudoso — ai!

Vai-te! — e possa a asa do vento,
Que pelas selvas murmúra,
Da grinalda da ventura
Que em mim outrora cingiste,
Inda um perfume levar-te,
Morta assim: como um remorso
Do teu olvido.. eu amar-te?
Não, não posso: esquece; parte;
Eu não posso amar-te... vai!

1.º janeiro 1858.

III

A MORTE NO CALVÁRIO

Ao meu amigo o Padre Silveira Sarmiento.

Consumatum est!

I

Ei-lo, vai sobre o alto do Calvário
Morrer piedoso e calmo em uma cruz!
Povos! naquele fúnebre sudário
Envôlto vai um sol de eterna luz!

Alí toda descança a humanidade;
É o seu salvador, o seu Moisés!
Aquela cruz é o sol da liberdade
Ante o qual são iguais povos e reis!

Povos, olhai! — As fochas mortuárias
São-lhe os louros, as palmas e os troféus!
Povos, olhai! — As púrpuras cesáreas
Valem acaso em face do Homem-Deus?

Vêde! mana-lhe o sangue das feridas
Como o preço da nossa redenção.
Ide banhar os braços parricidas
Nas águas desse fúnebre Jordão!

Ei-lo, vai sobre o alto do Calvário
Morrer piedoso e calmo em uma cruz!
Povos! naquele fúnebre sudário
Envôlto vai um sol de eterna luz!

II

Era o dia tremendo do holocausto...
Deviam triunfar os fariseus..
A cidade acordou toda no fausto,
E á face das nações matava um Deus!

Palpitante, em frenético delírio
A turba lá passou: vai imolar!
Vai sagrar uma palma de martírio,
E é a frente do Gólgota o altar!

Em derredor a humanidade atenta
Aguarda o sacrifício do Homem-Deus!
Era o íris no meio da tormenta
O martírio do filho dos Hebreus!

Eis o monte, o altar do sacrifício,
Onde vai operar-se a redenção.
Sóbe a turba entoando um epinício
E caminha com ele o novo Adão!

E vai como ia outróra ás sinagogas
As leis prégar do Sião e do Tabôr!
É que no seu sudário as alvas togas
Vão cortar os tribunos do Senhor!

Planta-se a cruz. O Cristo está pendente.
Cingem-lhe a fronte espinhos bem mortais,
E cospe-lhe na face a turba ardente,
E ressoam aplausos triunfais!

Ressôam como em Roma a populaça
Aplaudindo o esforçado gladiador!
É que são no delírio a mesma raça,
A mesma geração tão sem pudor!

Ressôam como um cântico maldito
Pelas trevas do século a vibrar!
Mas as douradas leis de um novo rito
Vão ali no Calvário começar!

Sim, é a hora. A humanidade espera
Entre as trevas da morte e a eterna luz;
Não é a redenção uma quiméra,
Ei-la simbolizada nessa cruz!

É a hora. Esgotou-se a amarga taça;
Tudo está consumado; ele morreu.
E aos cânticos da ardente populaça
Em luto a natureza se envolveu!

Povos! realizou-se a liberdade,
E toda consumou-se a redenção!
Curvai-vos ante o sol da Cristandade
E as plantas osculai do novo Adão!

Ide, ao som das sagradas melodias,
Orar junto do Cristo como irmãos,
Que os espinhos da fronte do Messias
São as rosas da fronte dos cristãos!

Semana Santa de 1858.

IV

REFLEXO

Olha: vem sobre os olhos
Tua imagem contemplar,
Como as madonas do céu
Vão refletir-se no mar
Pelas noites de verão
Ao transparente luar!

Olha e crê que a mesma imagem
Com mais ardente expressão
Como as madonas no mar
Pelas noites de verão,
Vão refletir-se bem fundo,
Bem fundo — no coração!

V

PERDIÇÃO

*Oh! la fleur de l'Eden, pourquoi l'as-tu fanée,
Insouciante enfant, belle Eve aux blonds cheveux?*

A. de Musset.

Era uma pobre criança...
Pobre criança, si o eras!
Entre as quinze primaveras
De sua vida cansada
Nem uma flor de esperança
Abria a medo.. Eram rosas
Que a doida da esperdiçada,
Tão festivas, tão formosas,
Despencava pelo chão!

Pobre criança, si o eras!
Os carinhos mal gozados
Eram por todos comprados,
Que os affectos de su'alma
Havia-os levado á feira,
Onde vendêra sem pena
Até a ilusão primeira
Do seu doido coração!

Pouco antes, a candura,
Co'as brancas asas abertas,
Em um berço de ventura
A criança acalentava
Na santa paz do Senhor!
Para acordar era cedo,
E a pobre ainda dormia
Naquele mudo *segredo*,
Que só abre o seio um dia
Para dar entrada a amor.

Mas, por teu mal, acordaste!
Junto do berço passou-te
A festiva melodia
Da sedução... e acordou-te!
Colhendo as límpidas asas
O anjo que te velava,
Nas mãos trêmulas e frias
Fechou o rosto.. chorava!

Tu, na sêde dos amores,
Colheste todas as flôres
Que nas orlas do caminho
Foste encontrando ao passar!
Por elas um só espinho...
Não te feriu... vais andando...
Corre, criança, até quando
Fôres forçada a parar.

Então, desflorada a alma
De tanta ilusão; perdida
Aquela primeira calma
De teu sono de pureza;
Esfolhadas uma a uma
Essas rosas de beleza
Que se esvaem como escuma,
Que a vaga cospe na praia
E que por si se desfaz;
Então, quando nos teus olhos
Uma lagrima buscares,
E sêcos, sêcos de febre,
Uma só não encontrares
Das que em meio das angústias
São um consôlo e uma paz;

Então, quando frio espectro
Do abandono e da penúria
Vier aos teus sofrimentos
Juntar a última injúria;
E que não vires ao lado
Um rosto, um olhar amigo,
D'aqueles que são agora
Os desvelados contigo;
Criança, verás o engano
E o erro dos sonhos teus,
E diras então já tarde
Que por tais gozos não vale
Deixar os braços de Deus!

VI

O SOFÁ

Oh! como é suave os olhos
Sentir de gôzo cerrar,
Sobre um sofá reclinado
Lindos sonhos a sonhar,
Sentindo de uns lábios d'anjo
Um medroso murmurar!

Um sofá! Mais belo símbolo
Da preguiça outro não ha...
Ai, que belas entrevistas
Não se dão sobre um sofá,
E que de beijos ardentes
Muita boca aí não dá!

Um sofá! Estas violetas
Murchas, sêcas, como estão,
Sobre o seu sofá mimoso,
Cheirosas, vivas então,
Achei um dia perdidas
Perdidas: por que razão?

Talvez ardente entrevista
Toda paixão, toda amor,
Fizesse ali esquecê-las...
Quem não sabe? sem vigor
Estas flôres só recordam
Um passado encantador!

Um sofá! Ameno sítio
Para colher um troféu,
Para cingir duas frentes
De amor num místico véu,
E entre beijos vaporosos
Da terra fazer um céu!

Um sofá! Mais belo símbolo
Da preguiça outro não ha..
Ai, que belas entrevistas
Não se dão sobre um sofá,
E que de beijos ardentes
Muita boca aí não dá!

Dezembro, 1857.

VII

ALVARES DE AZEVEDO

Ao sr. dr. M. A. d'Almeida.

*Vejo em fúnebre cipreste
Transformada a ovante palma!*

Porto-alegre.

Morrer, de vida transbordando ainda,
Como uma flôr que ardente calma abrasa!
Águia sublime das canções eternas:
Quem no teu vôo espedaçou-te a asa?

Quem nessa fronte que animava o gênio,
A rosa desfolhou da vida tua?
Onde o teu vulto gigantesco? Apenas
Resta uma ossada solitária e núa!

E contudo essa vida era abundante!
E as esperanças e ilusões tão belas!
E no porvir te preparava a pátria
Da glória as palmas e gentis capelas.

Sim, um sol de fecunda inteligência
Sobre essa fronte pálida brilhava,
Que á face deste século de indústria
Tantos raios ardentes derramava!

E pôde a morte destruir-te a vida!
E dar á tumba a tua fronte ardente!
Pobre moço! saudaste a estrêla d'alva,
E o sol não viste a refulgir no Oriente!

Morrer, de vida transbordando ainda,
Como uma flôr que ardente calma abrasa!
Águia sublime das canções eternas:
Quem no teu vôo espedaçou-te a asa?

Voltaste á terra, só! — Não morrem Byrons,
Nem finda o homem na friez da campá!
Homem, tua alma aos pés de Deus fulgura,
Teu nome, poeta, no porvir se estampa.

Não morreste! estalou a fibra apenas
Que a alma á vida de ilusões prendia!
Acordaste de um negro pesadêlo,
E saudaste o sol do eterno dia!

Mas cá fica no altar do pensamento
Teu nome como um ídolo pomposo,
Que a fama com o turíbulo dos tempos
Perfuma de um incenso vaporoso!

E ao ramalhete das brasílias glórias,
Mais uma flôr angélica se enlaça,
Que a brisa ardente do porvir passando
Trêmula beija e a murmurar abraça!

Byron da nossa terra, dorme embora
Envôlto no teu funebre sudário,
Murmure embora o vento dos sepulcros
Junto do teu sombrio santuário.

Resta-te a c'rôa santa de poeta,
E a mirra ardente da oração saudosa,
E pelas noites calmas do silêncio
Os séculos da lua vaporosa!

Ela te chora, e alí com ela a pátria,
Pobre órfã de teus cânticos divinos,
E das brisas na voz misteriosa,
Da saudade e da dôr sagram-te os hinos!

Dorme junto de Chatterton, de Byron,
Frontes sublimes, p'ra sonhar creadas,
Almas puras de amor e sentimento,
Harpas santas, por anjos afinadas!

Dorme, na tua fria sepultura
Guarda essa fronte vaporosa, ardente,
Tu, que apenas saudaste a estrêla d'alva
E o sol não viste a refulgir no Oriente!

VIII

MARIA DUPLESSIS

(A Dama das Camélias)

(Imitação de Alexandre Dumas Filho)

Fiz promessa, dizendo-te que um dia
Eu iria pedir-te o meu perdão;
Era dever, ir abraçar primeiro
A minha doce e ultima afeição.

E quando ia apagar tanta saudade
Encontrei já fechada a tua porta;
Soube que uma recente sepultura
Muda fechava a tua frente morta.

Soube que após um longo sofrimento
Agravara-se a tua enfermidade;
Viva esperança que eu nutria ainda
Despedaçou — cruel fatalidade!

Vi, apertado de fatais lembranças,
A escada que eu subia tão contente;
E as paredes, herdeiras do passado,
Que vêm falar dos mortos ao vivente.

Subi, e abri com lágrimas a' porta,
Que ambos abrimos a chorar um dia;
E evoquei o fantasma da ventura
Que outrora um céu de rosa nos abria.

Sentei-me á mesa onde contigo outrora
Em noites belas de verão — cejava.
Dêsses amores plácidos e amenos
Tudo ao meu triste coração falava.

Fui ao teu camarim e vi-o ainda
Brilhar com o esplendor das mesmas côres;
E pousei meu olhar nas porcelanas
Onde morriam inda algumas flôres.

Vi aberto o piano onde tocavas;
Tua morte o deixou mudo e vasio,
Como deixa o arbusto sem folhagem
Passando o vale — vaporoso estio!

Tornei a ver o teu sombrio quarto
Onde estava a saudade de outros dias...
Um raio iluminava o leito á sombra
Onde, rosa de amor, já não dormias.

As cortinas abri — que te guardavam
Da luz mortíça da manhã, querida,
Para que um raio depuzesse um toque
De prazer — nessa fronte adormecida.

Era ali que, depois da meia-noite,
Tanto amor nós sonhávamos outrora;
E onde até o raiar da madrugada
Ouvíamos bater — hora por hora!

Então olhavas tu a chama activa
Correr ali no lar, como a serpente;
É que o sono fugia de teus olhos
Onde já te queimava a febre ardente.

Lembras-te agora, nesse mundo novo,
Dos gozos desta vida em que passaste?
Ouves passar no túmulo em que dormes
A turba dos festins que acompanhaste?

A insônia, como um verme em flôr que murcha,
De contínuo essas faces desbotava;
E pronta para amores e banquetes
Conviva e cortezã te preparava!

Hoje, Maria, entre virentes flôres
Dormes, — em doce e plácido abandono:
A tua alma acordou mais bela e pura
E Deus pagou-te o retardado sono!

Pobre mulher! em tua última hora
Só um homem tiveste á cabeceira;
E apenas dois amigos dos de outrora
Foram levar-te á cama derradeira!

IX

À MORTE DE LUDOVINA MOUTINHO

A bondade choremos inocente,
Cortada em flôr, que pela mão da morte,
Nos foi arrebatada d'entre a gente.

(Camões, *Eleg.* XX).

Si, como outrora, nas florestas virgens,
Nos fôsse dado — o esquife que te encerra
Erguer a um galho de árvore frondosa,
Certo, não tinhas um melhor jazigo
Do que alí, ao ar livre, entre os perfumes
Da florente estação, imagem viva
De teus cortados dias, e mais perto
Do clarão das estrêlas.

Sôbre teus pobres e adorados restos,
Piedosa, a noite, alí, derramaria
De seus negros cabelos puro orvalho;
À borda de teu último jazigo
Os alados cantores da floresta

Iriam sempre modular seus cantos;
Nem letra, nem lavor de emblema humano,
Relembriaria a mocidade morta;
Bastava só que ao coração materno,
Ao do esposo, ao dos teus, ao dos amigos,
Um apêto, uma dôr, um pranto oculto,
Disseste: — Dorme aqui, perto dos anjos,
A cinza de quem foi gentil transunto
De virtudes e graças.

Mal havia transposto da existência
Os dourados umbrais; a vida agora
Sorria-lhe toucada dessas flôres
Que o amor, que o talento e a mocidade
Á uma repartiam.

Tudo lhe era presságio alegre e doce;
Uma nuvem siquer não sombreava,
Em sua frente, o iris da esperança;
Era enfim entre os seus a cópia viva
Dessa ventura que os mortais almejam,
E que raro a fortuna, avêssa ao homem,
Deixa gozar na terra.

Filha d'arte, uma parte de seus sonhos
Nessa segunda mãi depositava;
A sua estrêla começava apenas
A subir no horizonte, e a luz celeste
Da santa inspiração dos escolhidos
Já rutilava sôbre a frente dela.

Oh! sem dúvida o gênio do teatro
A bafejara no seu berço, e um dia,
Pela mão do futuro coroadado,
O seu busto gentil avultaria
Entre os filhos da glória.

Mas eis que o anjo pálido da morte
A pressentiu feliz, e bela, e pura,
E, abandonando a região do olvido,
Desceu á terra, e sob a asa negra
A frente lhe escondeu; o fragil corpo
Não pôde resistir; a noite eterna

Veio fechar-lhe olhos

Enquanto a alma abrindo

As asas rutilantes pelo espaço,
Foi engolfar-se em luz, perpetuamente,
No seio do infinito;

Tal a assustada pomba, que na árvore
O ninho fabricou, si a mão do homem
Ou a impulsão do vento, um dia abate
O recatado asilo, abrindo o vôo,

Deixa os inúteis restos

E, atravessando airosa os leves ares,
Vai buscar noutra parte outra guarida.

Hoje, do que era inda lembrança resta,
E que lembrança! Os olhos fatigados
Parecem ver passar a sombra dela;
O atento ouvido inda lhe escuta os passos;

E as teclas do piano, em que seus dedos
Tanta harmonia despertavam antes,
Como que soltam essas doces notas
Que outrora ao seu contacto respondiam..
Ah! pezava-lhe este ar da terra impura,
Faltava-lhe esse alento de outra esfera,
Onde, noiva dos anjos, a esperavam
As palmas da virtude.

Mas, quando assim a flôr da mocidade
Toda se esfolha sôbre o chão da morte,
Senhor, em que firmar a segurança,
Das venturas da terra? Tudo morre;
À sentença fatal nada se esquiça,
O que é fruto e o que é flôr. O homem cêgo
Cuida haver levantado em chão de bronze
Um edifício resistente aos tempos,
Mas lá vem dia, em que, a um leve sôpro,
O castelo se abate,
Onde, doce ilusão, fechado havias
Tudo o que de melhor a alma do homem
Encerra de esperanças.

Dorme, dorme tranquila
Em teu último asilo; e si eu não pude
Ir espargir também algumas flôres
Sôbre a lágea da tua sepultura;
Si não pude, — eu que ha pouco te saudava
Em teu erguer, estrêla! — os tristes olhos
Banhar nos melancólicos fulgores,

Na triste luz do teu recente ocase,
Deixo-te ao menos nestes pobres versos
Um penhor de saudade; e lá na esfera,
Aonde aprouve ao Senhor chamar-te cedo
Possas tu ler nas pálidas estrofes
A tristeza do amigo.

Diario do Rio de Janeiro, 17 de junho de 1861.

X

CORAÇÃO PERDIDO

Buscas de balde o meigo passarinho
que te fugiu.

Como quer que isso foi, o coitadinho
no brando ninho
já não dormiu.

O coitado abafava na gaiola,
faltava-lhe o ar;
como foge um menino de uma escola
o mariola
deitou-se a andar.

Demais, o pobrezito nem sustento
podia ter;
nesse triste e cruel recolhimento
o simples vento
não é viver.

Não te arrepeles. Dá de mão ao pranto;
isso que tem?

Eu sei que ele fazia o teu encanto;
mas chorar tanto
não te convem.

Nem vás agora armar ao bandoleiro
um alcapão;
passarinho que, sendo prisioneiro,
fugiu matreiro,
não volta, não!

1862

XI

AS ONDINAS

(Nóturno de H. Heine)

Beijam as ondas a deserta praia;
Cai do luar a luz serena e pura;
Cavaleiro na areia reclinado
Sonha em horas de amor e de ventura.

As ondinas, em nívea gaze envôltas,
Deixam do vasto mar o seio enorme,
Tímidas vão, acercam-se do moço,
Olham-se e entre si murmuram: «Dorme!»

Uma — mulher enfim — curiosa palpa
Do seu penacho a pluma flutuante,
Outra procura decifrar o mote
Que traz escrito o escudo rutiante.

Esta, risonha, olhos de vivo fogo,
Tira-lhe a espada límpida e lustrosa,
E apoiando-se nela — a contemplá-la
Perde-se toda em êxtase — amorosa.

Fita-lhe aquela namorados olhos.
E após girar-lhe em tórno embriagada,
Diz: «Que formoso estás, ó flôr da guerra,
Quanto te eu déra por te ser amada!»

Uma, tomando a mão ao cavaleiro,
Um beijo imprime-lhe; — outra, duvidosa,
Audaz, por fim, a boca adormecida
Casa em um beijo á boca desejosa.

Faz-se de sonso o jovem; caladinho
Finge do sono o plácido desmaio,
E deixa-se beijar pelas ondinas
Da branca lua ao doce e brando raio.

XII

ANTES DA MISSA

Conversa de duas damas

(D. Laura entra com um livro de missa na mão: D. Beatriz vem recebê-la).

D. BEATRIZ

Ora esta! Pois tu, que és a mãe da preguiça,
Já tão cedo na rua! Onde vais?

D. LAURA

Vou á missa;
A das onze, na Cruz. Pouco passa das dez;
Subi para puxar-te as orelhas. Tu és
A maior caloteira...

D. BEATRIZ

Espera; não acabes,
O teu baile, não é? Que queres tu? Bem sabes
Que o senhor meu marido, em teimando, acabou.
«Leva o vestido azul»—«Não levo»—«Has de ir»—«Não vou».
Vou, não vou; e a teimar deste modo, perdemos
Duas horas. Chorei! Que eu, em certos extremos,
Fico que não sei mais o que fazer de mim.

Chorei de raiva. A's dez, veio o tio Delfim;
Prégou-nos um sermão dos tais que ele costuma,
Ralhou muito, falou, falou, falou... Em suma,
(Terás tido também essas coisas por lá)
O arrufo terminou entre o biscoito e o chá.

D. LAURA

Mas a culpa foi tua.

D. BEATRIZ

Essa agora!

D. LAURA

O vestido

Azul... E' o azul-claro? aquele guarnecido
De franjas largas?

D. BEATRIZ

Esse.

D. LAURA

Acho um vestido bom.

D. BEATRIZ

Bom! Parece-te então que era muito do tom
Ir com ele, num mês, a dois bailes?

D. LAURA

Lá isso

E' verdade.

D. BEATRIZ

Levei-o ao baile do Chamisso.

D. LAURA

Tens razão; na verdade, um vestido não é
Uma opa, uma farda, um carro, uma libré.

Que dúvida!

D. BEATRIZ

D. LAURA

Perdeste uma festa excelente.

D. BEATRIZ

Já me disseram isso.

D. LAURA

Havia muita gente,
Muita moça bonita e muita animação.

D. BEATRIZ

Que pena! Anda sentar-te um bocadinho.

D. LAURA

Não;

Vou á missa.

D. BEATRIZ

Inda é cedo; anda contar-me a festa.
Para mim, que não fui, cabe-me ao menos esta
Consolação.

D. LAURA (*indo sentar-se*)

Meu Deus! faz calor!

D. BEATRIZ

Dá cá

O livro.

D. LAURA

Para que? Ponho-o aqui no sofá.

D. BEATRIZ

Deixa ver. Tão bonito! e tão mimoso! Gósto
De um livro assim; o teu é muito lindo; aposto
Que custou alguns cem...

D. LAURA

Foi comprado em Paris;

Cincoenta francos.

D. BEATRIZ

Sim? Barato. E's mais feliz.

Do que eu. Mandei vir um, ha tempos, de Bruxelas;
Custou caro, e trazia as folhas amarelas,
Umhas letras sem graça, e uma tinta sem côr.

D. LAURA

Ah! mas eu tenho ainda o meu fornecedor.
Ele é que me arranhou este chapéu. Sapatos,
Não me lembra de os ter tão bons e tão baratos,
E o vestido do baile? Um lindo gorgorão
Gris-perle; era o melhor que lá estava.

D. BEATRIZ

Então,

Acabou tarde?

D. LAURA

Sim; á uma, foi a ceia;
E a dansa terminou depois de tres e meia,
Uma festa de truz. O Chico Valadão,
Já se sabe, foi quem regeu o cotilhão.

D. BEATRIZ

Apesar da Carmela?

D. LAURA

Apesar da Carmela.

D. BEATRIZ

Esteve lá?

D. LAURA

Esteve e digo: era a mais bela
Das solteiras. Vestir, não se soube vestir;

Tinha o corpinho curto, e mal feito, a sair
Pelo pescoço fóra.

D. BEATRIZ

A Clara foi?

D. LAURA

Que Clara?

D. BEATRIZ

Vasconcelos.

D. LAURA

Não foi; a casa é muito cara.

E a despesa é enorme. Em compensação, foi
A sobrinha, a Garcez; essa (Deus me perdôe!)
Levava no pescoço umas pedras taludas,
Uns brilhantes...

D. BEATRIZ

Que tais?

D. LAURA

Oh! falsos como Judas!

Tambem, pelo que ganha o marido, não ha
Que admirar. Lá esteve a Gertrudinhas Sá;
Essa não era assim; tinha joias de preço.
Ninguem foi com melhor e mais rico aderêço.
Compra sempre fiado. Oh! aquela é a flor
Das viúvas.

D. BEATRIZ

Ouvi dizer que ha um doutor...

D. LAURA

Que doutor?

D. BEATRIZ

Um dr. Soares que suspira,
Ou suspirou por ela.

D. LAURA

Ora esse é um gira
Que pretende casar com quanta moça vê.
A Gertrudes! Aquela é fina como quê.
Não diz que sim, nem não; e o pobre do Soares,
Todo cheio de si, creio que bebe os ares
Por ela... Mas ha outro.

D. BEATRIZ

Outro?

D. LAURA

Isto fica aqui;
Ha coisas que eu só digo e só confio a ti.
Não me quero meter em negócios extranhos.
Dizem que ha um rapaz, que quando estive a banhos
No Flamengo, ha um mês, ou dois meses, ou tres,
Não sei bem; um rapaz... Ora, o Juça Valdez!

D. BEATRIZ

O Valdez!

D. LAURA

Junto dela, ás vezes, conversava
A respeito do mar que ali se espreguiçava,
E não sei si tambem a respeito do sol;
Não foi preciso mais; entrou logo no rol
Dos fiéis e ganhou (dizem), em poucos dias,
O primeiro lugar.

D. BEATRIZ

E casam-se?

D. LAURA

A Farias

Diz que sim; diz até que eles se casarão,
Na véspera de Santo Antonio ou São João.

D. BEATRIZ

A Farias foi lá á tua casa?

D. LAURA

Foi;

Valsou como um pião, e comeu como um boi.

D. BEATRIZ

Come muito então?

D. LAURA

Muito, enormemente; come
Que, só vê-la comer, tira aos outros a fome.
Sentou-se ao pé de mim. Olha, imagina tu
Que varreu, num minuto, um prato de Perú,
Quatro *croquettes*, dois pastéis de ostras, fiambre;
O cônsul espanhol dizia: « Ah Dios, que hambre! »
Mal me pude conter. A Carmozina Vaz.
Que a detesta, contou o dito a um rapaz.
Imagina si foi repetido; imagina!

D. BEATRIZ

Não aprovo o que fez a outra.

D. LAURA

A Carmozina?

D. BEATRIZ

A Carmozina. Foi leviana; andou mal,
Lá porque ela não come ou só come o ideal...

D. LAURA

O ideal são talvez os olhos do Antonico?

D. BEATRIZ

Má lingua!

D. LAURA *(erguendo-se)*

Adeus!

D. BEATRIZ

Já vais?

D. LAURA

Vou já.

D. BEATRIZ

Fica!

D. LAURA

Não fico

Nem um minuto mais. São dez e meia.

D. BEATRIZ

Vens

Almoçar?

D. LAURA

Almocei.

D. BEATRIZ

Vira-te um pouco; tens

Um vestido chibante!

D. LAURA

Assim, assim. Lá ia

Deixando o livro. Adeus! Agora até um dia.

Até logo; valeu? Vai lá hoje; has de achar

Alguma gente. Vai o Mateus Aguiar.

Sabes que perdeu tudo? O pelintra do sôgro

Meteu-o no negócio e pespegou-lhe um lôgro.

D. BEATRIZ

Perdeu tudo?

D. LAURA

Não tudo; ha umas casas, seis,

Que ele pôs, por cautela, a coberto das leis.

D. BEATRIZ

Em nome da mulher, naturalmente?

D. LAURA

Boas!

Em nome de um compadre; e inda ha certas pessoas
Que dizem, mas não sei, que esse lôgro fatal
Foi tramado entre o sôgro e o genro; é natural.
Além do mais, o genro é de matar com tédio.

D. BEATRIZ

Não devias abrir-lhe a porta.

D. LAURA

Que remedio!

Eu gosto da mulher; não tem mau coração;
Um pouco tola... Enfim, é nossa obrigação
Aturarmo-nos uns aos outros.

D. BEATRIZ

O Mesquita

Brigou com a mulher?

D. LAURA

Dizem que se desquita.

D. BEATRIZ

Sim?

D. LAURA

Parece que sim.

D. BEATRIZ

Por que razão?

D. LAURA (*vendo o relógio*)

Jesus!

Um quarto para as onze! Adeus! Vou para a Cruz.

(Vai a sair e pára)

Cuido que ela queria ir á Europa; ele disse
Que antes de um ano mais, ou dois, era tolice.
Teimaram, e parece (ouviu-o o Nicolau)
Que o Mesquita passou da lingua para o pau,
E lhe fez um discurso hiperbólico e cheio
De imagens. A verdade é que ela tem no seio
Um sinal roxo; enfim vão desquitar-se.

D. BEATRIZ

Vão

Desquitar-se!

D. LAURA

Parece até que a petição
Foi levada a juizo. Ha de ser despachada
Amanhã; disse-o hoje a Luizinha Almada,
Que eu por mim nada sei. Ah! feliz, tu, feliz,
Como os anjos do céu! tu sim, minha Beatriz!
Brigas por um vestido azul; mas chega o urso
De teu tio, desfaz o mal com um discurso,
E restauras o amor com dois góles de chá!

D. BEATRIZ *(rindo)*

Tu nem isso!

D. LAURA

Eu cá sei.

D. BEATRIZ

Teu marido?

D. LAURA

Não ha

Melhor na terra; mas...

NOVAS RELIQUIAS

D. BEATRIZ

Mas?..

D. LAURA

Os nossos maridos
São, em geral, não sei... uns tais aborrecidos!
O teu que tal?

D. BEATRIZ

E' bom.

D. LAURA

Ama-te?

D. BEATRIZ

Ama-me.

D. LAURA

Tem

Carinhos por ti?

D. BEATRIZ

De certo.

D. LAURA

O meu tambem
Acarinha-me: é terno; inda estamos na lua
De mel. O teu costuma andar tarde na rua?

D. BEATRIZ

Não.

D. LAURA

Não costuma ir ao teatro?

D. BEATRIZ

Não vai.

D. LAURA

Não sai para ir jogar o volatrete?

D. BEATRIZ

Sai

Raras vezes.

D. LAURA

Tal qual o meu. Felizes ambas!

Duas cordas que vão unidas ás caçambas.

Pois olha, eu suspeitava, eu tremia de crer

que houvesse entre vocês qualquer coisa... Ha de haver

um arrufo, um dito, alguma coisa e... Nada?

Nada mais? E' assim que a vida de casada

Bem se póde dizer que é a vida do céu.

Olha, arranja-me aqui as fitas do chapéu.

Então? espero-te hoje? Está dito?

D. BEATRIZ

Está dito.

D. LAURA

De caminho verás um vestido bonito:

Veio-me de Paris; chegou pelo *Poitou*.

Vai cedo. Póde ser que haja música. Tu

Has de cantar comigo, ouviste?

D. BEATRIZ

Ouvi.

D. LAURA

Vai cedo.

Tenho medo que vá a Claudina Azevedo,

E terei de aturar-lhe os mil achaques seus.

Quasi onze, Beatriz! Vou ver a Deus. Adeus!

POESIAS:

	Pag.
I — Cognac	167
II — Vai-te! ..	169
III — A morte no Calvário ..	171
IV — Reflexo ..	175
V — Perdição	177
VI — O sofá	181
VII — Alvares de Azevedo ..	183
VIII — Maria Duplessis ..	187
IX — Á morte de Ludovina Moutinho .	191
X — Coração perdido	197
XI — As Ondinas .. .	199
XII — Antes da missa ..	201

ESTAB. GRAPH. CANTON & REILE -- PRAÇA VIEIRA SOUTO, 3 - A

ULTIMAS EDIÇÕES

GLEGARIO MARIANNO Vida, caixa de brinquedos.....	5\$000
MACHADO DE ASSIS Novas Relíquias.	6\$000
FERNANDO NERY Vida de Ruy Barbosa.....	15\$000
CLEMENTINO FRAGA Ensino Medico e Medicina Social....	7\$000
EDGAR POE Duplo Assassinato na Rua Morgue..	5\$000
NEMILOV A Tragedia Biologica da Mulher....	6\$000
AFRANIO PEIXOTO Autos.	6\$000
Melhores Sermões de Vieira (2. edição).	6\$000
MEDEIROS E ALBUQUERQUE Se eu fosse Sherlock Holmes.....	6\$000

EDITORA GUANABARA
WAISSMAN, KOOGAN LTD.
OURIVES, 95 — RIO



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).